

Acompanha DVD-documentário no verso da contra-capas

POEIRA & BATOM

NO PLANALTO CENTRAL

50 mulheres na construção de Brasília

Tânia Fontenele Mourão | Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira





“Brasília é uma mulher de 50 anos emancipada, com muitas contradições e que influencia do ponto de vista de comportamento o Brasil e o mundo, é uma mulher que conseguiu expandir-se e transformar-se na capital do Brasil de fato e colocar-se no cenário mundial.”

Iara Pietricovsky

Copyright © 2010 by Tania Maria Fontenele Mourão e Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem autorização expressa das autoras.

Coordenação geral do projeto
Tania Maria Fontenele Mourão

Pesquisa
Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira, Melina Fernandez e Geralda Magela.

Degração
Ana Clara Ferreira Piantino

Projeto Gráfico e Capa
Ely Borges

Fotos de época
Gentilmente cedidas pelo Arquivo Público do Distrito Federal
Fotos do arquivo pessoal das entrevistadas

Demais fotos
Tânia Quaresma

Ficha catalográfica elaborada pela CEDIN - Caixa Econômica Federal

Mourão, Tania Fontenele

Poeira e batom no Planalto Central : 50 mulheres na construção de Brasília / Tania Fontenele Mourão e Monica Ferreira Gaspar de Oliveira. - Brasília : 2010.

100 p. : il. color. ; 24 cm x 24 cm.

Fundação Biblioteca Nacional - Minc - Escritório de Direitos Autorais - Nº Registro 5117970 Livro 970 Folha 115

1. Trabalho da mulher. 2. Brasília - história. 3. Depoimentos - memória. 4. Candango. 5. Condições sociais - mulher. I. Mourão, Tania Fontenele. II. Oliveira, Monica Ferreira Gaspar de.

CDD: 305.4

TÂNIA FONTENELE MOURÃO
MÔNICA FERREIRA GASPAR DE OLIVEIRA

Querida Eva,

É me alegria muito grande apresentar
os resultados dessa pesquisa com
as mulheres nos primórdios de Brasília.
São relatos emocionantes de uma

POEIRA E BATOM NO PLANALTO CENTRAL
50 MULHERES NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

É pouca ouvida o idealismo e a vontade
de um país melhor impregnado como
aerogel? Certamente muitas dessas
corajosas mulheres você conhece!

Gratias

Tânia Fontenele

PETROBRAS
BRASÍLIA | 2010

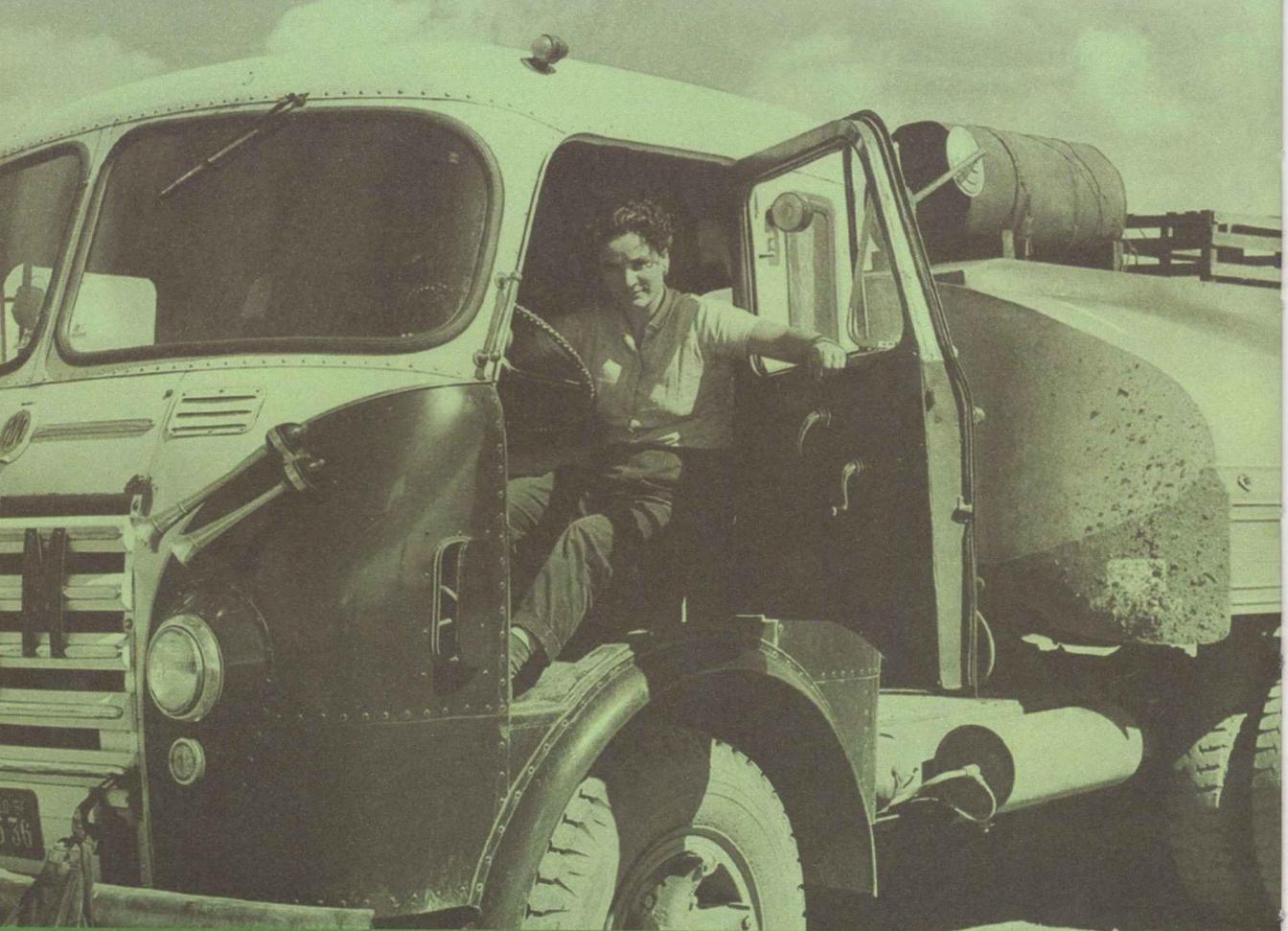
Brasília, 9.11.2011

VOCÊ É PIONEIRA? EU DIGO NÃO, EU SOU PRÉ PIONEIRA, PORQUE AJUDEI JK SE ELEGER | AS MULHERES ERAM TRATADAS COM UMA SERIEDADE FORA DE SÉRIE | BRASÍLIA É MEU CANTINHO DO CÉU | A GENTE NEM FALAVA NAS MULHERES | O MUNDO PODER SEMPRE FOI MASCULINO | EM 10 MINUTOS SE ENCONTRAVA TRABALHO | A CIDADE DEVERIA SER CHAMADA NORDESTINA E NÃO BRASÍLIA | ÉPOCA DÍFICIL, DE POUCO CONFORTO MAS MUITO AGRADÁVEL | ERA TANTO SERVIÇO QUE NÃO SENTIA FALTA DE NADA, NÃO TINHA TEMPO PARA PENSAR | MEU SALÁRIO COMO PROFESSORA ERA MUITO MAIOR DO QUE QUALQUER OUTRA PESSOA DA MINHA FAMÍLIA | AQUELA ALEGRIA DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA ESTARÁ DENTRO DE MIM ATÉ A MORTE | QUEM FEZ A REVOLUÇÃO FOI A MULHER NA DÉCADA DE 60 | EU NUNCA SENTI DIFICULDADE EM SER MULHER | EM BRASÍLIA EU APRENDI A SER INDEPENDENTE | TINHA AMOR NO AR...O SONHO DE JK PASSOU PARA TODO MUNDO | BRASÍLIA ERA 24 HS | A GENTE VIBRAVA COM TUDO QUE IA SENDO CONSTRUIDO | NAQUELA ÉPOCA ERA 10 ANOS EM 1 ANO



SUMÁRIO

- 13 1 OS PRIMÓRDIOS DE BRASÍLIA
- 33 2 A INAUGURAÇÃO DE BRASÍLIA
- 37 3 JUSCELINO KUBISTCHEK DE OLIVEIRA
- 41 4 SER MULHER EM BRASÍLIA
- 47 5 RELAÇÕES DE TRABALHO
- 55 6 A CIDADE LIVRE E OS ACAMPAMENTOS
- 62 7 O GOLPE MILITAR EM BRASÍLIA
- 65 8 A POEIRA, O CERRADO E O LAGO DE BRASÍLIA
- 70 9 DIVERTIMENTOS
- 79 10 VALEU A PENA?
- 82 Bibliografia
- 83 Apresentação das Mulheres
- 96 As autoras
- 97 Agradecimentos



Brasília e Petrobras são símbolos da coragem dos brasileiros, fruto do mesmo pioneirismo. A história de ambas tem muita similaridade. Foram desacreditadas no início, construídas na mesma época e hoje são patrimônio de todos os brasileiros. Vale ressaltar que o primeiro posto de gasolina Petrobras do país foi inaugurado em Brasília, no ano de sua inauguração.

É gratificante para a Petrobras, maior empresa brasileira e maior incentivadora das artes e da cultura nacional, apoiar o resgate histórico da capital brasileira por meio do projeto Poeira e Batom no Planalto Central: 50 Mulheres na Construção de Brasília, que retrata a vida das pioneiras na construção de Brasília. Este trabalho apresentado em livro, exposição de fotos e vídeo documentário simboliza a força da mulher candanga, que chegou ao Cerrado em busca de trabalho, de melhores condições de vida e da realização de sonhos.

Coincide também com a criação da Petrobras e de Brasília, na década de 1950, o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro. Superando preconceitos e barreiras, elas vêm ocupando mais espaços e ampliando percentuais nos efetivos de empresas públicas e privadas. Na Petrobras não foi diferente. O número de empregadas admitidas pela Companhia nos últimos anos vem aumentando significativamente. Entre 2007 e 2008, o crescimento relativo do efetivo feminino foi uma vez e meia maior que o do masculino. Houve um crescimento de cerca de 30% de mulheres em cargos gerenciais. Em seis anos, de 2002 a 2008, o aumento percentual do número absoluto de mulheres ficou duas vezes acima do de homens.

Vindas de todos os estados do Brasil ou atuando nas unidades no exterior, elas estão em toda a Companhia: refinarias, campos de petróleo, plataformas, navios, laboratórios e escritórios, exercendo as mais diversas atividades operacionais, técnicas, gerenciais, executivas e, desde setembro de 2007, numa diretoria, a de Gás e Energia.

Ao dar visibilidade ao trabalho feminino, intenso e dedicado, em suas instalações, a Petrobras reafirma seu compromisso com a equidade de gênero e se alinha ao princípio da promoção da igualdade entre homens e mulheres defendidos no Pacto Global das Nações Unidas, do qual é signatária. Em 2009, a Petrobras recebeu, pela segunda vez, o Selo Pró-Equidade de Gênero da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, Fundo das Nações Unidas para as Mulheres (Unifem) e Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A luta pelo fim da violência contra as mulheres também é apoiada pela Petrobras como exemplo de respeito aos direitos humanos da população feminina brasileira. Mulheres de todo o Brasil e do exterior são beneficiadas por projetos sociais criados e mantidos pela Petrobras, de reaplicação de tecnologias sociais, nas áreas de geração de emprego e renda, defesa dos direitos da criança e do adolescente, proteção do meio ambiente, promoção do desenvolvimento social e econômico.

A Petrobras tem um compromisso firme e sólido com o futuro e, por isso, sabe da importância de poder contar com a experiência acumulada ao longo da história. Sabe que, no presente, desconhecer o passado e seu valor, é se afastar do futuro.

Para a Petrobras é fundamental aproximar a história das pioneiras de Brasília do público e permitir o acesso a esse material e, por isso, apóia esta iniciativa. Faz parte da missão Petrobras contribuir com o desenvolvimento do Brasil, promovendo o bem comum. A Companhia entende que a preservação do patrimônio histórico constitui uma garantia ao direito da memória individual e coletiva, elemento fundamental no exercício da cidadania.



Iniciamos, em 2009, este projeto sobre as mulheres na construção de Brasília numa pequena biblioteca pública, situada na superquadra 308 sul. A construção é bem simples, com linhas retas, respeitando a regra que imperava nos projetos iniciais de Brasília: modernidade aliada à praticidade. Rodeada de grandes árvores e jardins projetados por Burle Marx, expressa o espírito de urbanismo desejado por Lucio Costa.

Com a ajuda de funcionários dedicados à manutenção da memória da construção de Brasília, pudemos pesquisar, numa caixa apelidada de “tesouros de Brasília”, inúmeros jornais e revistas da década de 60. Na Revista História de Brasília – suplemento número 2 – Souvenir de Brasília, de 21 de abril de 1961, iniciamos localização das mulheres que aqui estavam nos primórdios da construção da nova capital. Além da biblioteca, a pesquisa foi realizada em várias instituições e acervos de Brasília, como o Museu Vivo da Memória Candanga, Clube dos Pioneiros de Brasília e o Arquivo Público do Distrito Federal.

A partir da coleta e análise desse material, percebemos que eram raras as referências à participação das mulheres na construção de Brasília. Com isso, optamos em nomear o nosso projeto de Mulheres invisíveis na construção de Brasília.

Nasceu, assim, a proposta de pesquisa sobre a história da nova capital por meio das experiências das mulheres que aqui chegaram nos primórdios da construção de Brasília. Para isso, realizamos um vídeo com depoimentos que acompanha esse livro e montamos uma exposição de fotos dessas mulheres no Museu da República em Brasília.

Delimitamos a pesquisa em 50 mulheres que aqui chegaram entre 1956 e 1960 e permaneceram na cidade por, no mínimo, 20 anos. Procuramos selecionar mulheres de todas as profissões e priorizamos aquelas que nunca tiveram a oportunidade de contar sua experiência nos primórdios de Brasília. Sabemos que muitas mulheres já não podem contar sua história, simbolicamente selecionamos 4 mulheres para serem homenageadas no lugar dessas bravas mulheres que aqui estiveram e não tivemos a oportunidade de incluí-las na pesquisa. Irmã Olga, uma das fundadoras das Pioneiras Sociais, Guiomar de Arruda Câmara, membro da Comissão Poli Coelho, pesquisadora que denominou as Águas Emendadas, Tia Neiva, caminhoneira no início de Brasília e depois líder espiritual; e Fumiko Kannegae, agricultora, integrante de uma das primeiras famílias japonesas.

Durante a coleta de dados, as entrevistadas afirmaram que, embora a valorização da participação das mulheres na construção de Brasília tenha sido quase inexistente, elas não se percebiam “mulheres invisíveis”. Com isso, optamos em modificar o título do projeto para Poeira e batom no Planalto Central – 50 mulheres na construção de Brasília.

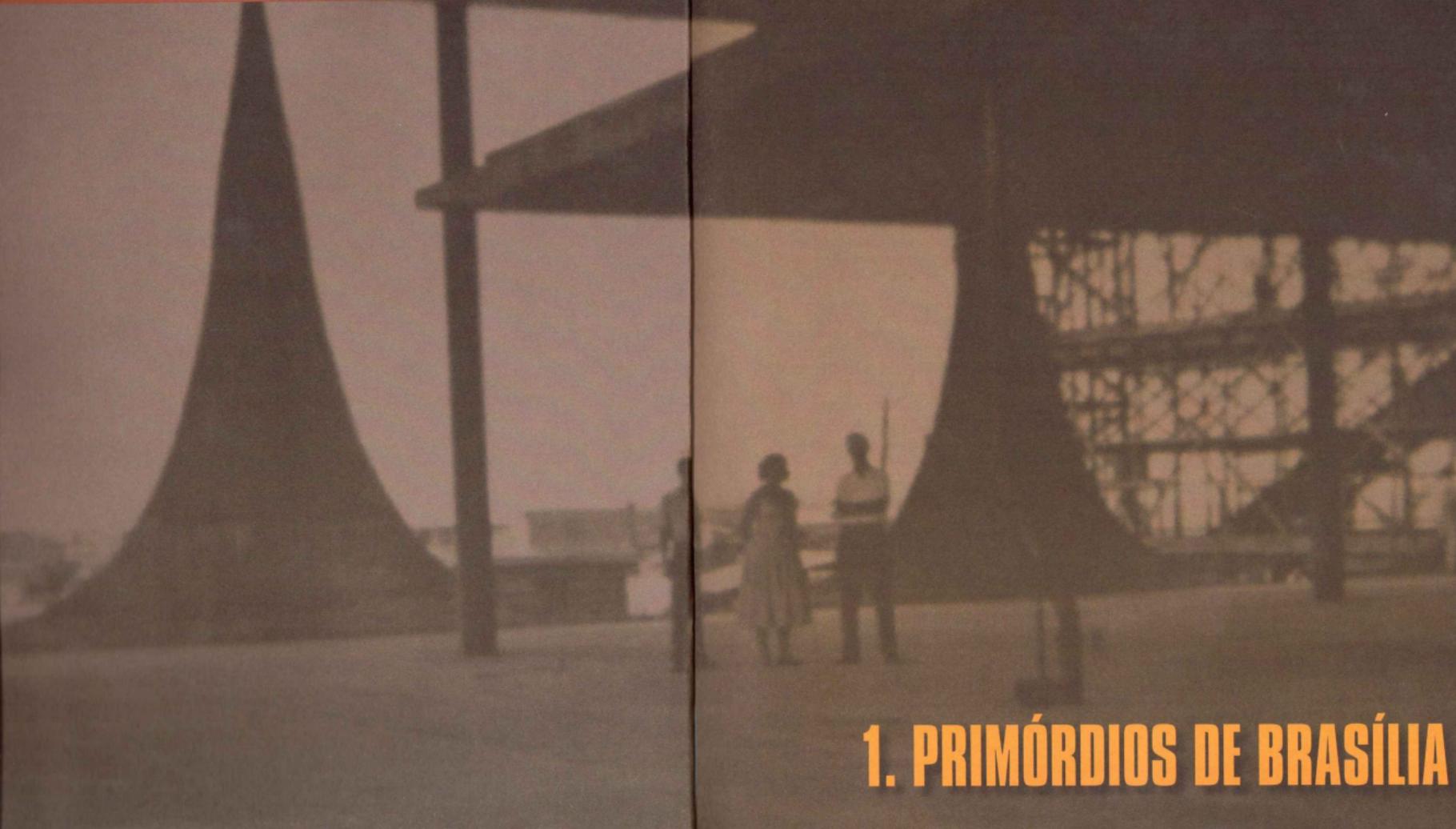
Iniciamos esse projeto com muitas perguntas: por que, nas publicações sobre Brasília, as mulheres nunca eram mencionadas? Qual seria a percepção das mulheres que chegaram nessas “terras longínquas e vermelhas”? Como seria resgatar a história de Brasília do ponto de vista das mulheres?

O livro foi montado com as frases mais significativas das entrevistadas e, por intermédio de suas experiências e percepções, fomos contado a história da construção de Brasília.

Cinqüenta anos depois do início da construção da nova capital, percebemos que seria o momento mais que oportuno para dar visibilidade a essas corajosas mulheres e homenageá-las.

Além disso, o projeto, aceito e estimulado pela Petrobrás, proporciona às futuras gerações, fonte de pesquisa e referência histórica, além de conhecimento das experiências das mulheres em Brasília, no início dos anos 60, que contribuíram para a formação da cultura que permeia a cidade até hoje.

Tânia Fontenele Mourão
Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira
Brasília, 2010 – 50 anos



1. PRIMÓRDIOS DE BRASÍLIA

“Você é pioneira? Eu digo que não, eu sou pré-pioneira, porque ajudei JK se eleger. Fiz parte dos comitês femininos em 1955. Vim para Brasília com o presidente nas primeiras viagens.” Palmerinda Donato

1. OS PRIMÓRDIOS DE BRASÍLIA

No Brasil colonial já se discutia o deslocamento da capital para o interior. Originalmente, a ideia esteve relacionada à transmigração da monarquia portuguesa para seus domínios ultramarinos, onde a metrópole real terminou por estabelecer sua corte naquela que havia sido, até então, mera colônia.¹

Há também registros que remontam ao tempo do Império, quando os inconfindentes mineiros pensaram em transferir a capital para o interior.²

Entre os primeiros a opinar publicamente a favor da transferência da capital para o interior, estava Hipólito José da Costa, editor do jornal *Correio Braziliense*, publicado entre 1808 e 1822. Do seu exílio em Londres, Hipólito da Costa perpetuou a ideia de um mundo português centrado no Brasil e foi ainda mais longe, ao identificar a cidade do Rio de Janeiro como “muito própria para o comércio e a outros fins; mas sumamente inadequada para ser a capital do Brasil.”³

SONHO DE DOM BOSCO - 1883

“O sonho dele é Brasília, o meu também é Brasília.” Georgina Câmara

Dom Bosco foi um padre italiano que viveu no século XIX. Era educador e considerado bastante avançado para a época pelos métodos que utilizava na educação. Foi canonizado em abril de 1934 pelo Papa Pio XI.

1 John Ogilby, “Brasília” in *America: being the latest, and most accurate description of the New World* (London, 1671)

2 Questionamentos sobre a transferência da capital são levantados por FARRET (1985) em seu artigo “O Estado, a questão territorial e as bases da implantação de Brasília”. In PAVIANI, A. (org.) *Brasília, Ideologia e Realidade - Espaço Urbano em Questão*. São Paulo, Ed. Projeto/CNPq.

3 COSTA, Hipólito José da. Apud PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. *A nova capital federal e o planalto central do Brasil*. Rio de Janeiro, Typ. Da Papelaria e Impressora, 1894, p. 5.

O padre costumava ter sonhos proféticos e num deles, ocorrido em 30 de agosto de 1883, previu de forma geograficamente precisa o local em que Brasília seria construída. O sonho é realmente arrebatador, pois traça o caminho até a chegada a local onde Brasília seria construída, passando por dentro da Floresta Amazônica, citando São Paulo e Rio de Janeiro no percurso.

“Entre os paralelos 15 e 20 graus, havia um leito muito, muito largo e muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Agora, uma voz disse repetidamente, quando se vierem a escavar as minas escondidas no meio destas montanhas, aparecerá neste sítio a terra prometida, donde fluirá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível.”

O Sonho de Dom Bosco foi anotado por um auxiliar do padre, mantendo-se íntegro até hoje.⁴

Algumas das mulheres entrevistadas recordam-se dos dizeres do sonho, que era ensinado nas escolas de Brasília.

“Entre os paralelos 15 e 20 surgiria essa civilização e que dali quando fosse cavar, ia sair uma grande mina e correria nesse lugar o leite e o mel.” Maria Maura Figueiredo

“O sonho que Dom Bosco sonhou ainda no séc. 19 e disse que só se concretizaria depois de três gerações e foi exatamente tudo o que se falou e pensou, mas nenhuma delas veio dar frutos ainda naquela época, até que surgiu Juscelino...” Helena Carvalho

“Eu agradeço a Deus, a Dom Bosco, ao sonho dele que se tornou realidade e tenho muito orgulho de ter participado, um grãozinho de areia, nessa construção, a construção de Brasília.” Georgina Câmara

4 As manifestações da introdução do capítulo tiveram como referência o livro SILVA, Ernesto, *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade - 5ª ed.*, Brasília, cap. V

COMISSÃO EXPLORADORA DO PLANALTO CENTRAL – MISSÃO CRULS - 1891

Em 1891, a primeira constituição republicana estipulava a transferência e assim o assunto permaneceu até maio de 1892, quando foi nomeada a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil pelo presidente Floriano Peixoto e chefiada por Luiz Cruls. Essa comissão foi responsável pelos primeiros estudos sobre o futuro território do Distrito Federal (DF). Os diversos cientistas elaboraram relatórios sobre aspectos geológicos, pedológicos, astronômicos, botânicos, etc. e demarcaram, em 1896, a área denominada de “Quadrilátero Cruls”, com área de 14.400 km (Mourão, 2003, p. 60)⁵. Esses relatórios serviram de base para todos os estudos subsequentes.⁶

“Muitos tios meus cederam as suas fazendas para formar o chamado quadrilátero do Distrito Federal. Os membros da comissão Cruls conversavam com as pessoas, falavam do que precisavam e havia certa intimidação, quer dizer, eles teriam que fazer as desapropriações, era ato do governo. Essas desapropriações foram muito baratas. Conheci o senhor Viriato, que foi a mão direita dessa comissão”

Isis Guimarães

A ideia da transferência da capital passa praticamente despercebida pelos governos de Epitácio Pessoa, Getúlio Vargas, seu Estado Novo e ditadura dos anos 30, por não haver nada de concreto para mudança da capital. Todavia, nos anos 1940, o presidente Vargas lançou a chamada “Marcha para o Oeste”, visando povoar o Planalto Central. Isso pode ter estimulado os “mudancistas” a retomar o projeto de transferência.⁷

5 MOURÃO, R. R. de F. (2003) Luiz Cruls – O Homem que Marcou o Lugar. Brasília: Gráfica e Editora Qualidade.

6 A Codeplan reeditou o Relatório Cruls, cujo exemplar está disponível na Biblioteca Central da UnB.

7 In PAVIANI, A. (org.) Brasília, Ideologia e Realidade – Espaço Urbano em Questão. São Paulo, Ed. Projeto/CNPq.



“Meu pai fez parte dessa comissão porque ele era um homem simples, mas importante. Ele foi prefeito, vice-prefeito, promotor, tudo que podia ser pela cidade, porque não tinha na ocasião pessoas competentes, preparadas, então ele ocupava esses cargos. A comissão só marcou o lugar, ele falava: capital vai ficar aqui perto da gente. Brasília, vai chamar Brasília.”

Orbella Lobo

“Eu ouvia falar de Brasília desde o quarto ano primário, no Colégio Santana, em Santa Maria. Tinha mapas atualizados do Brasil, isso na época de Getúlio Vargas, que incentivava o amor a pátria. Naquela época, no mapa do Brasil, já aparecia o quadrilátero do Distrito Federal, isso em 1946. Depois fui estudar história no ginásio que a vontade de mudança aconteceu com os confederados, na inconfidência mineira (...). Muitos anos depois, fiz concurso para ser professora no começo de Brasília”
Therezinha Rodrigues

COMISSÃO POLI COELHO - 1946

No governo do general Eurico Gaspar Dutra, em 1946, mais uma comissão foi nomeada para aprofundar os estudos de transferência da capital do Rio de Janeiro para o interior. A Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital era chefiada pelo general Poli Coelho. Sobre essa missão lembra-se Isis Guimarães:

“Na época que veio essa comissão Poli Coelho para verificar os sítios, não tinha um hotel porque Planaltina era uma cidade muito pequena e sem recursos. A comissão foi hospedada pelo doutor Osana Guimarães, na fazenda dele, chamada Larginha. Uma fazenda muito próxima de Planaltina e muito confortável. Sei também que aqui teve um senhor chamado Viriato de Castro, que também prestou grande serviço atendendo essa comissão, inclusive viajando com eles pelo sertão pra fazer a demarcação das terras onde seria o quadrilátero. Essa comissão fazia tudo isso a cavalo.”

O presidente Gaspar Dutra, com base no relatório Poli Coelho, enviou mensagem ao Congresso Nacional, oficializando medidas mais concretas. Os parlamentares debateram o assunto até 1953, quando a Lei 1.803, de 05 de janeiro do mesmo ano, autorizou o Poder Executivo a realizar estudos definitivos sobre o local da nova capital no Planalto Central. Em junho de 1953, a empresa Cruzeiro do Sul Aerofotogrametria

foi contratada para fotografar todo o território de 52.000km² do “Retângulo do Congresso”.

Em 1954, a Comissão deu a uma firma americana, Donald J. Belcher and Associates, a incumbência de detalhar os estudos aerofotogramétricos para escolha de sítios mais favoráveis à implantação da futura capital na área fotografada pela Cruzeiro do Sul. Foi escolhido, então, o Sítio Castanho como o local em que seria erguida Brasília.

“Houve uma campanha dos goianos para ajudar Brasília na mudança. Meu marido (Jofre Parada) veio logo para conhecer. Nessa época eu vim com ele, numa caminhonete de Goiânia. A viagem foi horrível. Era por estrada de carro de boi, não tinha estrada. Você andava era com um pneu aqui, outro ali. Horrível, mas eu gostei de acompanhar, tudo era novidade.”

Mercedes Parada

MUDANÇA DA CAPITAL – 1955

A construção de Brasília representava para todo Brasil um marco desenvolvimentista, a inserção do país no mundo moderno. Tratava-se de construir uma cidade que deveria se tornar a nova e definitiva capital do Brasil.

Brasília foi apresentada como consequência direta de uma análise que compreendia o Brasil de então como nação ainda em formação, subdesenvolvida, localmente industrializada, sem conquista efetiva de seu grande território e desprovida de projeto nacional. Para o governo JK, portanto, Brasília passou a ser a maneira mais rápida e eficaz de desenvolver o interior, de modernizar e integrar o país, enfim, de corrigir e reordenar o curso de nossa história, num processo logo intitulado “a construção de um novo Brasil”. (OLIVEIRA, 2005, p. 22) ⁸.

⁸ OLIVEIRA, Márcio de. Brasília: o mito da trajetória da nação. Brasília: Paralelo 15, 2005.

“O Toniquinho levantou o braço e perguntou: ‘se eleito for, o senhor cumprirá o que determina a constituição sobre a transferência da capital para o Planalto Central?’ Juscelino diz, no livro Porque construí Brasília, que não pensou mais que três minutos e respondeu: se é constitucional, eu cumprirei o combinado, construirei Brasília e passarei a faixa para o meu sucessor em Brasília.” Palmerinda Donato

A ascensão política de Juscelino Kubitschek prosseguiria com sua campanha à presidência da República. Após a indicação de sua candidatura pelo Partido Social Democrático e a sua desincompatibilização do governo de Minas Gerais, JK iniciou sua campanha eleitoral, que envolveu todo o Brasil com propostas convincentes de desenvolvimento social e econômico. Como aliado de Juscelino, havia João Goulart, candidato à vice-presidência pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Outro candidato à presidência era o general Juarez Távora, adversário de Juscelino, que tinha o apoio dos líderes udenistas.

PERGUNTA DO TONIQUEIRO

Para obter êxito em sua campanha, Juscelino realizou diversos comícios pelo território nacional, fortalecendo a sua já conhecida capacidade de diálogo com o povo. Foi justamente em um desses comícios, no município goiano de Jataí, maior reduto do PSB, que ocorreu a famosa pergunta do jovem advogado Antonio Soares Neto, conhecido como Toniquinho. Palmerinda Donato e Alice Maciel comentam esse fato:

“O Juscelino afirmava que cumpria o que prometia e se dizia homem dos três M: mineiro, médico e macho, no sentido que quando empenhava sua palavra não havia retorno. Quando o comício de Jataí começou, ocorreu uma chuva tremenda e foram para uma garagem. Terminado o discurso, ele abriu para perguntas. O Toniquinho levantou o braço e perguntou: ‘se eleito for, o senhor cumprirá o que determina a constituição sobre a transferência da capital para o Planalto Central?’ Juscelino diz, no livro Porque construí Brasília, que não pensou mais que três minutos e respondeu: se é constitucional, eu cumprirei o combinado, construirei Brasília e passarei a faixa para o meu sucessor em Brasília”. Palmerinda Donato

“Eu votei em Juscelino lá em Porto Alegre, sem saber quem era ele e me lembro que uma das promessas dele era a construção de

Brasília e que alguém lá de Goiás cobrou e ele disse que ia sair a nova capital. Depois eu nunca imaginei que ia me casar com um engenheiro que veio construir a capital...” Alice Maciel

Conforme impunha a primeira constituição republicana brasileira, promulgada em 1891, transferiu-se a sede de governo para o centro do Brasil por motivos predominantemente estratégicos. A interiorização da capital brasileira seria importante tanto para a segurança nacional como para a integração das cinco regiões do Brasil. Para concretizar a antiga ideia de se transferir a capital, foi utilizada mão-de-obra de milhares de trabalhadores provenientes de diversas localidades brasileiras, os chamados candangos, que efetivamente ergueram Brasília.

Realizadas as eleições de 1955, Juscelino Kubitschek e João Goulart saíram vitoriosos, o que desagradou profundamente os militares udenistas. A fim de impedir que um iminente golpe militar se concretizasse, o então Ministro da Guerra, marechal Henrique Teixeira Lott, afastou o presidente Carlos Luz e fez o senador Nereu Ramos assumir a presidência do Brasil até a posse de Juscelino, em 1956.

Assim, durante todo o seu mandato presidencial, Juscelino Kubitschek se empenharia em manter a estabilidade política imprescindível à concretização de suas metas, entre as quais se destacava a construção de Brasília.

Com o inovador projeto urbanístico de Lucio Costa e a moderna concepção arquitetônica de Oscar Niemeyer, além do trabalho árduo de inúmeros técnicos e operários, foi construída a nova capital da República em pleno Planalto Central.

“Falava-se muito na possibilidade de Brasília não vingar. Havia uma campanha enorme contra a construção. Era difícil para o meu pai (Bernardo Sayão) convencer as pessoas para que viessem morar aqui. Não tinha nada, mas eles passavam tanto entusiasmo que conseguiam convencer.” Lia Sayão de Sá

FORTE CAMPANHA CONTRA A CONSTRUÇÃO

Apesar dos argumentos favoráveis à mudança da capital para o centro do Brasil e a determinação do presidente para tal empreitada, havia opiniões divergentes quanto aos benefícios da transferência para o Planalto Central. Muitas das mulheres entrevistadas não acreditavam que a construção da capital fosse se concretizar.

“(…) ninguém acreditava em Brasília. As revistas da França falavam dos projetos de Niemeyer, de Lucio Costa, mas dentro do Rio de Janeiro havia uma campanha muito grande contra Brasília. Tirar a capital do Rio e passar pro interior do Brasil não era muito compreendido na época. Quando falavam de Brasília, diziam assim: nós vamos pro sertão. Porque não tinha nada, era muito mato, onça, cobra e ninguém imaginava que pudesse surgir uma cidade em tão pouco tempo. O mais impressionante em Brasília foi a rapidez com que foi feita, três anos é muito pouco pra se construir uma cidade.” Maria Coeli

“(…) naquela época havia muita rejeição da mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília e não havia quase nenhuma justificativa que o povo quisesse aceitar. Meu marido era deputado federal e mudancista apaixonado e companheiro de Juscelino. Ele teve a coragem de falar no último dia que a Câmara dos Deputados funcionou no Palácio Tiradentes. Ele disse: eu vou para Brasília com meus seis filhos (…).” Márcia Almeida

Devido aos grandes boatos de que a capital da República não seria transferida para Brasília, o Presidente Juscelino Kubitschek fez a seguinte declaração:

“Essas notícias representam os últimos estertores de uma campanha que visa impedir a mudança da capital. Anuladas todas as manobras, superados todos os pretextos, os adversários de Brasília lançam agora mão desse recurso descabido, que põe em dúvida o inflexível propósito do Governo de promover, em obediência à lei, a efetivação da mudança.

Brasília, contudo, traduz um movimento de tão profundo sentido nacional, que, contra ele, não podem prevalecer os desígnios de uma minoria que pretende contrariar uma aspiração de todo o povo brasileiro.

Nada impedirá que a 21 de abril, Brasília seja a capital do país. “No Planalto Central iniciaremos, então, uma nova etapa da nossa luta pelo desenvolvimento e por um Brasil maior.”

ESTATUTO DA NOVACAP – 1956

Em 1956, Kubitschek aprovou o estatuto da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) – incumbida de empreender três grandes ações: 1) Estabelecer a localização, projetar e executar a urbanização e construção da futura capital e dispor dos imóveis do Distrito Federal, como previsto em lei; 2) Executar todos os serviços de competência federal, estadual e municipal e 3) Colocar em prática o que fosse necessário para cumprir os objetivos sociais previstos no estatuto, autorizados pelo seu conselho.⁹

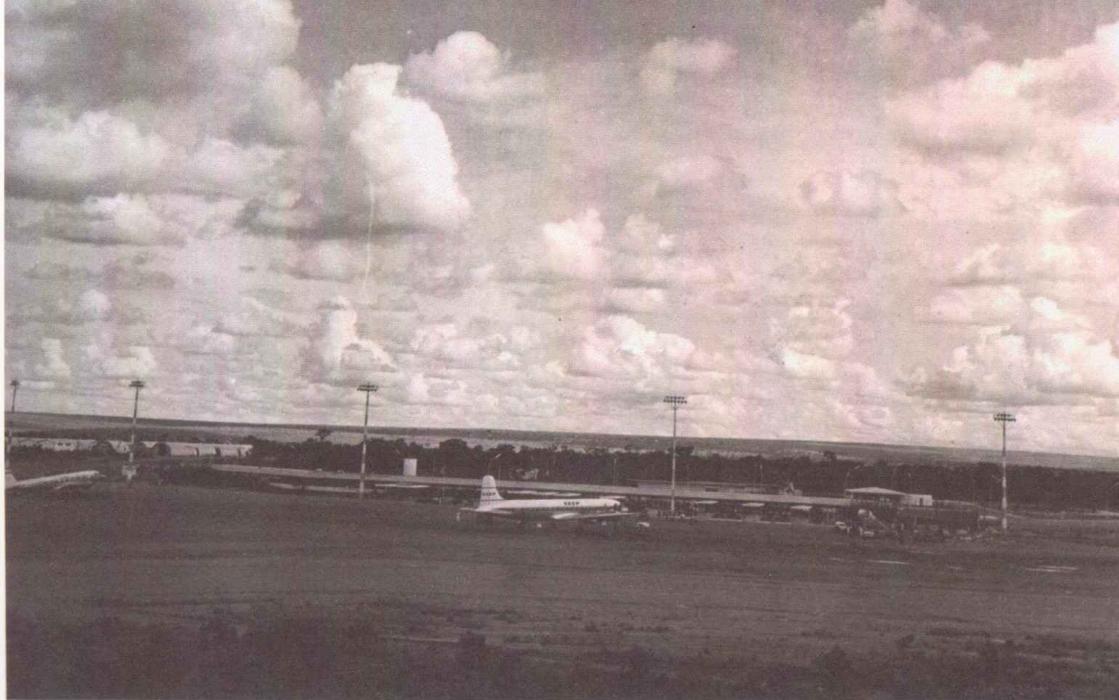
DEMARCAÇÕES DA ÁREA PARA A NOVA CAPITAL – 1956

A estratégia utilizada para a construção da nova capital foi a desapropriação de 60% da área territorial do Distrito Federal para a implantação do plano urbanístico de Brasília e de projetos agropecuários de apoio. A área restante permaneceu em mãos de particulares.

Mercedes Parada participou do processo de medição e desapropriação dessas terras:

“Eu ajudava na medição e desapropriações. Eu desenhava, calculava, ia ajudando naquilo que podia. Trabalhávamos dia e noite, porque o Juscelino deu um prazo: ‘eu quero para cinco anos o que deveria ser em cinquenta’. Então chegava e falava: ‘Vai começar o palácio, então quero esse levantamento pra

⁹ Lei Federal n. 2874, 19/09/1956.



depois de amanhã'. E não era pouca coisa para fazer. Esse levantamento era demorado, mas a gente tinha que trabalhar emendando dia e noite para dar conta, e dava!"

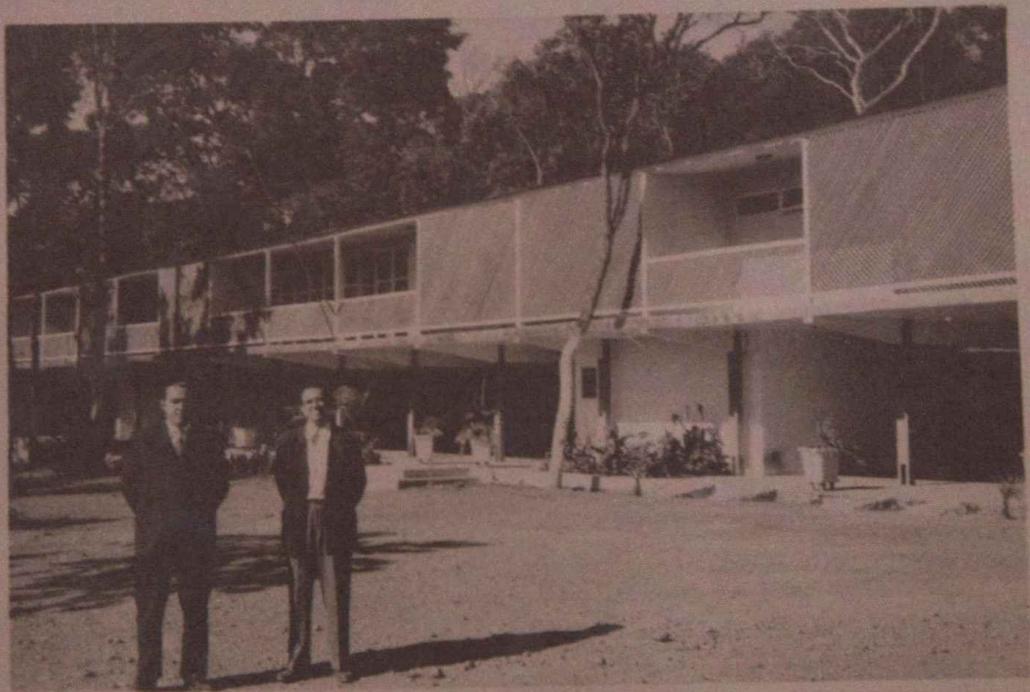
Orbella Lobo comenta sobre as terras que foram de seu pai:

"Ele tinha várias fazendas. Tinha fazenda em Sobradinho, tinha fazenda em Águas claras, e tinha aquele mundaréu de fazendas, e eu falei assim: Pai, o que o senhor fez que acabou com essas fazendas, hoje o senhor podia vender bem. Ele dizia: 'Não, não podia porque eles ocupavam, faziam casa e moravam'. Então um dia eu falei assim: Nossa, o senhor deixou tomarem suas terras todas. Ele disse: 'Eles precisam mais do que eu, pra que eu quero tanta terra? Deixa para o povo que está vindo para Brasília' ". (risos)

As obras de infraestrutura começaram, de acordo com Ernesto Silva, então presidente da Novacap, em 02 de outubro de 1956. Priorizou-se a construção da pista do aeroporto comercial e o terminal temporário.

"Pousei naquele aeroporto que existia em Brasília de madeira. Tenho memórias de descer num lugar que era um descampado."
Golda Pietricovsky

Foram edificadas moradias para 3.000 trabalhadores, além de abrigos temporários para os funcionários da Novacap. Mesmo antes da definição do projeto urbanístico, encontravam-se, em pleno desenvolvimento, prédios públicos como as residências presidenciais provisórias (Catetinho 1 e Catetinho 2), o palácio presidencial permanente (Palácio da Alvorada) e um hotel (Brasília Palace Hotel), todos de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer que, como chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Novacap, se encarregaria de projetar as principais edificações da futura capital.



“Se meus amigos praticaram esse milagre em tempo recorde, apenas com idealismo e sem recursos oficiais, porque não poderei construir a Nova Capital, já que disponho, no Governo, de toda uma infraestrutura?”

Juscelino Kubitschek de Oliveira - 1956

CATETINHO – O PALÁCIO DE TÁBUAS - 1956

O Presidente já havia, em março de 1956, declarado que em pouco tempo construiria uma casa no Planalto. Então, um grupo de amigos próximos, dentre eles Oscar Niemeyer, resolveu fazer uma surpresa para JK e construir a residência oficial aqui em Brasília, inicialmente chamada de Palácio de Tábuas.

“... A fazenda do Gama foi um dos primeiros contatos para a construção de Brasília. Juscelino precisava trabalhar, mas ele não tinha um local pra trabalhar em Brasília, então fizeram o Catetinho, que seria a casa de Juscelino. Ele morava no Palácio do Catete, então fizeram aqui o Catetinho. O doutor Sayão e Juscelino tomaram um cafezinho nessa fazenda. A dona da fazenda foi e serviu um café pra eles, do qual tem foto que referenciam esse momento”. Gláucia Nascimento

A construção foi financiada com empréstimo bancário aos participantes do grupo, sem a utilização de recursos oficiais.

Após dez dias de trabalho intenso, em 31 de outubro de 1956, o Catetinho ficou pronto.

“Meu pai (Jofre Parada) contou que, para fazer o Catetinho, foi escolhida a fazenda do Gama. Não tinha como chegar na fazenda. Então ele sobrevoou com um teco-teco, que era um avião bem pequenininho, pedindo para o proprietário ir para Luziânia, que estariam esperando para fazer negócios com a fazenda, ordem do senhor Presidente da República e assim foi feito.” Gláucia Nascimento

Adirson Vasconcelos nos conta uma história pitoresca sobre o dia em que o Catetinho ficou pronto, ratificando que até a natureza conspirava a favor de Brasília.¹⁰

10 VASCONCELOS, José Adirson, A Epopéia da Construção de Brasília, 1989, Brasília, DF, pg. 59 a 71

“O presidente não poderia estar presente na data marcada para a inauguração, em face de compromissos inadiáveis, tendo transferido o acontecimento para o dia 10 de novembro, o que depois ocorreria.

César Prates que, durante todos aqueles dias, se encarregava de esconder um litro de uísque – caso contrário ninguém trabalharia e não se cumpriria o prazo de conclusão – vai ao seu esconderijo (um buraco que cavara no meio da mata) e traz uísque para todo mundo.

A natureza encarrega-se de homenageá-los. Não há gelo para o uísque, pois a geladeira não estava ainda funcionando. E, de repente, cai uma chuva de granizo e, com aquelas pedras de gelo, pôde sair ‘uísque puro com gelo.’ ”

O Catetinho, mesmo sendo a residência do Presidente da República, era um local de visitação pública, com acesso aos ambientes íntimos da casa:

“Nós íamos muito porque nós recebíamos muitos visitantes. O Catetinho era um ponto turístico pras pessoas que vinham conhecer Brasília e a gente se desmanchava em amabilidade pra convencer aquela gente de que Brasília era a solução pro Brasil. Nós fomos, assim, verdadeiros cabos eleitorais do Presidente na época para o entusiasmo da construção de Brasília, aceitação da construção de Brasília.” Alice Maciel

“Meus parentes vinham pra cá, a gente entrava até no quarto do Juscelino, ele permitia que a gente entrasse lá. O meu pessoal lá de Curitiba ficava encantado. O Catetinho, quando eu conheci ele, era simplérrimo, eu sei que tinha cada sala, a gente ia lá e conhecia uma coisa ou outra que mostravam pra gente, mas eu estive várias vezes lá, tinha um parque bom em volta, parece que tinha um córrego lá embaixo.” Esther Xavier

“O doutor Juscelino, quando vinha visitar a gente, ia no Catetinho. Doutor Juscelino, quando tava lá, tomava um café na cozinha, oferecia à gente também um cafezinho.” Gerda Gumprich



“Lá de casa dava para ver bem perto onde paravam os caminhões de gente que estavam vindo. Ali paravam e desciam. Eu achava uma beleza ir lá ver a poeira subir.” Mercedes Parada

A CHEGADA DOS CANDANGOS – 1956

Com a decisão de interiorizar o Brasil por meio da nova capital e, considerando a promessa do Presidente Juscelino de que ela fosse construída em cinco anos, houve a necessidade de povoar esta região.¹¹

Mesmo sem estradas concluídas, os candangos chegavam de todos os lugares do Brasil:

“Quando nós estávamos na fazenda da granja do torto, começou a chegar muita gente pra morar ali. A gente não acreditava. Eu nunca pensava que ia ser uma coisa tão maravilhosa e, na simplicidade, ficava encantada, mas também ficava assustada com tanta gente chegando.” Ladir Alarcão

“... aí eu vi os candangos. Eram as pessoas que estavam embaixo, eles eram bastante curiosos. Depois eu soube, eles ficavam esperando para ver quem ia chegar, que tipo de gente ia chegar e eu, naquela época, não tinha conhecido. Depois veio. Mais tarde que eu conheci o Nordeste, eu fiquei espantada, porque eles eram assim misturados, né? Já o indígena, o negro, o branco, que é o que a gente estuda, agora eu tava vendo ali.” Therezinha Rodrigues

Mas os nordestinos vieram também de caminhões e paus-de-arara:

“Porque Brasília foi feita de nordestinos. O papel do nordestino foi uma coisa maravilhosa. Só de entrar no Planalto, no cerrado e com as nossas próprias mãos construir, isso é muito importante. A tecnologia foi mãos nordestinas. Eu tenho muito orgulho de ser nordestina, porque eu ajudei a construir Brasília. Eu, Hilda, construí”. Hilda Silva

“Vim de Currais Novos, Rio Grande do Norte, lá mesmo no Nordeste. Quase todo mundo tava vindo pra cá. Tudo de pau- de- arara. Tinha uma lona que cobria o carro. E tinha bancos assim, a gente ia sentando juntinho, Vai sentando, vai sentando, até completar aquele caminhão de gente. O Joelho encostando nas costas do outro. As alimentação, eles coloca num saco. Coloca num canto, ou atrás, ou na frente, ou do lado. Menino vem no colo, ali espremidinho. Eu mesmo vinha grávida. Estava de 7 meses. O povo se afobava, dava briga tem hora, e era essa luta. Quando chegava num lugar que a gente descia. Todo mundo assim, num mato perto de um córrego. Quem tinha comida pronta, dava um jeito de esquentar. Até panela trazia. Esquentava, se alimentava. Primeiro dava banho na turma, nos meninos e tomava banho naqueles córrego tudo. Ficava um pouco descansando, enquanto secava as roupas e subia novamente. Terminamos a viagem com 10 dias.” Josefa da Silva

“Brasília era muito falada no nordeste. Eu sou do nordeste, do interior, e era de praxe as pessoas virem pra cá pra ajudar na construção de Brasília. Então a gente ouvia falar na fundação de Brasília desde 57. Foi quando foi mais falado. Era caminhões e caminhões que vinham lá do Nordeste, principalmente do interior do Ceará, vindo pra cá com pessoas pra trabalharem aqui na construção de Brasília.” Maria Inês Fontenele Mourão

¹¹ Segundo o censo IBGE de 1959, a densidade demográfica no período de 1956/1959 evoluiu da seguinte forma: Dez/1956: hab./km²; Jul/1957: 2,1 hab./Km²; Março/1958: 4,9 hab. Km²; Maio/1959: 11 hab. Km².

“Eu fui na primeira missa. Eu me lembro que achei muito interessante. Havia um grupo grande de índios que vieram também, com penas e coisas, não estavam de roupa não.” Orbellia Lobo



CONCURSO PARA O PLANO PILOTO - 1957

Um concurso de âmbito nacional ocorreu poucos meses após o início do processo de transferência.¹² Dentre os 63 participantes inscritos, 26 projetos foram avaliados pelo júri do concurso, em 12 de março de 1957. O júri deliberou até 16 de março, quando foi escolhido o projeto de Lucio Costa.¹³

Sabe-se que muitas das discussões sobre o projeto que viria a ganhar a disputa para o Plano Piloto ocorreram no ateliê de Burle Marx, no Leme. Ele foi uma voz importante durante as conversas sobre o futuro projeto apresentado por Lucio Costa.¹⁴

Antes mesmo da publicação do edital, em setembro de 1956, arquitetos reuniram-se no Rio de Janeiro, organizando-se para a disputa. A turma de Lucio Costa ficou conhecida como os “predestinados do Leme”.

12 NIEMEYER, Oscar. “Minha experiência de Brasília”, In: Módulo, n. 18, Rio de Janeiro, 1960, p. 12.

13 SILVA, Ernesto. História de Brasília. Brasília, Editora de Brasília, 1970, p. 157.

14 Ramos, Graça. “Presente ausente”, In: Athos Bulcão, Burle Marx, Lucio Costa, Niemeyer - Os criadores. Coleção Brasilienses, volume 4.

PRIMEIRA MISSA — INSPIRADA EM CABRAL - 1957

A primeira missa de Brasília aconteceu em 03 de maio de 1957, no local onde hoje fica a Praça do Cruzeiro, atrás do Memorial JK (Eixo Monumental). A data foi escolhida pelo então presidente Juscelino Kubitschek em referência ao primeiro ritual católico, celebrado por frei Henrique de Coimbra, em terras brasileiras, a 26 de abril de 1500, na Terra de Vera Cruz, primeiro nome que Pedro Álvares Cabral deu ao Brasil, hoje Santa Cruz de Cabrália, na Bahia.

A praça que deu lugar à cerimônia fica no ponto mais alto da região, a 1.172m. A missa simbolizou o início das obras de construção da capital e foi celebrada por Dom Carmelo de Vasconcelos Motta, arcebispo de São Paulo. Um toldo de lona armado sobre um palco de madeira abrigou os fieis que participaram do momento histórico. No centro do altar estava uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do país e madrinha de Brasília. As bandeiras do Brasil e do Vaticano foram hasteadas em frente ao templo.

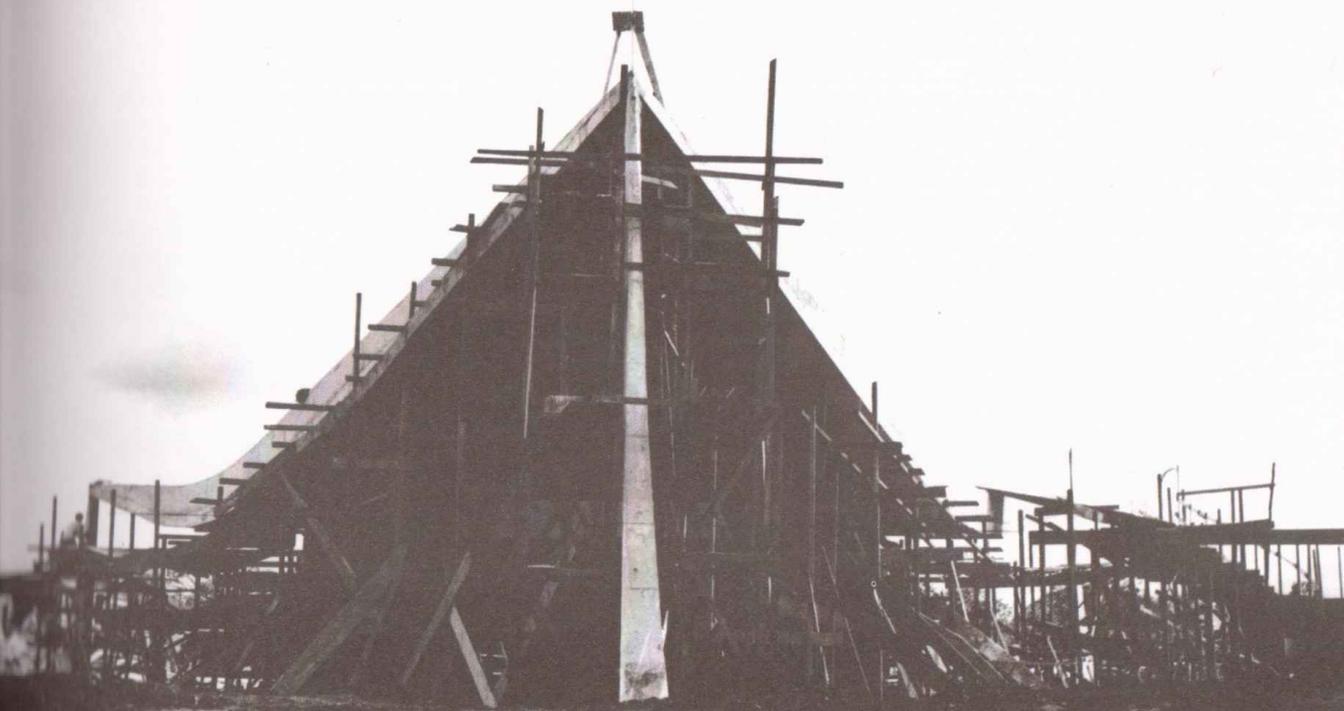
A IGREJINHA DE FÁTIMA - 1958

A construção da Igrejinha terminou antes da inauguração da cidade, em 1958. Porém, antes dela, já se fazia casamentos no Plano Piloto em uma igreja menor, a capela Santo Antônio.

“Eu me casei em 1966. Ainda não existia a catedral, não existia nenhuma igreja. A única igreja que funcionava para casamentos era a de Santo Antônio. Era uma capelinha e todo mundo casava.” Lia Sayão de Sá

O plano piloto ainda era um grande canteiro de obras e, para atender a um pedido de dona Sarah¹⁵, “em gratidão a uma obra alcançada”, Oscar Niemeyer projetou a moderna capela triangular decorada com afrescos de Volpi.

15 Sarah Lemos Kubitschek - Nasceu em Belo Horizonte, em 1909, e faleceu em Brasília em 1996. Foi esposa de JK, com quem teve duas filhas, Márcia e Maria Estela Kubitschek.



“Olha, eu me lembro da inauguração da igreja da Nossa Senhora de Fátima, que foi a dona Sarah que pediu pra ser feita, porque ela tinha feito uma promessa atendida. Era muito bonitinha. Tinha o fundo de azulejos todos com uma decoração especial que veio do exterior, tinha os bancos, o altar e aquele mármore decorado em volta do altar. Quem celebrou a missa era o Padre Roque. Era uma pessoa muito especial, com muita dedicação, muito amor e muito carinho pelos pobres.” Maria das Neves Morici

“Volpe, um artista italiano que pintava paredes, enfeitou a igreja com bandeirinhas e colocou a Nossa Senhora com o menino Jesus e uma flor na mão. Eu me lembro muito dessa igreja, toda vida eu fui muito a essa igreja.” Maria Coeli

Na inauguração da Igreja em 21 de junho, compareceram o Presidente Juscelino, dona Sarah e outras autoridades religiosas.

“A igreja foi um tumulto muito grande porque era a primeira igreja a ser inaugurada. Outra coisa que aconteceu foi que todo mundo queria ver a senhora do presidente.” Leocádia Paradelo

“O meu casamento foi um dos primeiros aqui da Igreja Nossa Senhora de Fátima, no dia 31 de julho de 1959. Tava prontinha com as figuras do Volpe.” Isis Guimarães

A CATEDRAL DE BRASÍLIA – 1958

“A Catedral foi um espaço idealizado para ser um lugar ecumênico”
Iara Pietricovsky

No plano urbanístico de Lucio Costa estava prevista a construção de pequenas igrejas nas vizinhanças das quadras do Plano Piloto, e não havia a previsão de construção de uma catedral para Brasília.

Porém, atendendo a demanda da igreja católica, o engenheiro concordou em reservar uma área na L4 sul para a construção da catedral e demais espaços religiosos.

“Dona Sarah me telefonou e me convidou pra vir a Brasília para o lançamento da pedra fundamental da Catedral Metropolitana. Viemos naqueles aviões da FAB horríveis, quase morremos. Para descer, a pista era de pedra, brita, não tinha nem campo.”
Palmerinda Donato

“A Catedral de Brasília, verdadeira jóia da arquitetura brasileira, foi concebida em 1958 pelo arquiteto Oscar Niemeyer para compor a parte edificada da capital do país. Inaugurada anos mais tarde, em 1970, é hoje um bem tombado pelo patrimônio histórico. A igreja tem 40 metros de altura e é formada por 16 arcos invertidos em concreto armado, circundados por um espelho d’água. No topo, uma grande cruz metálica. É clara, nesse projeto, a intenção de promover a integração entre arte e arquitetura.”¹⁶

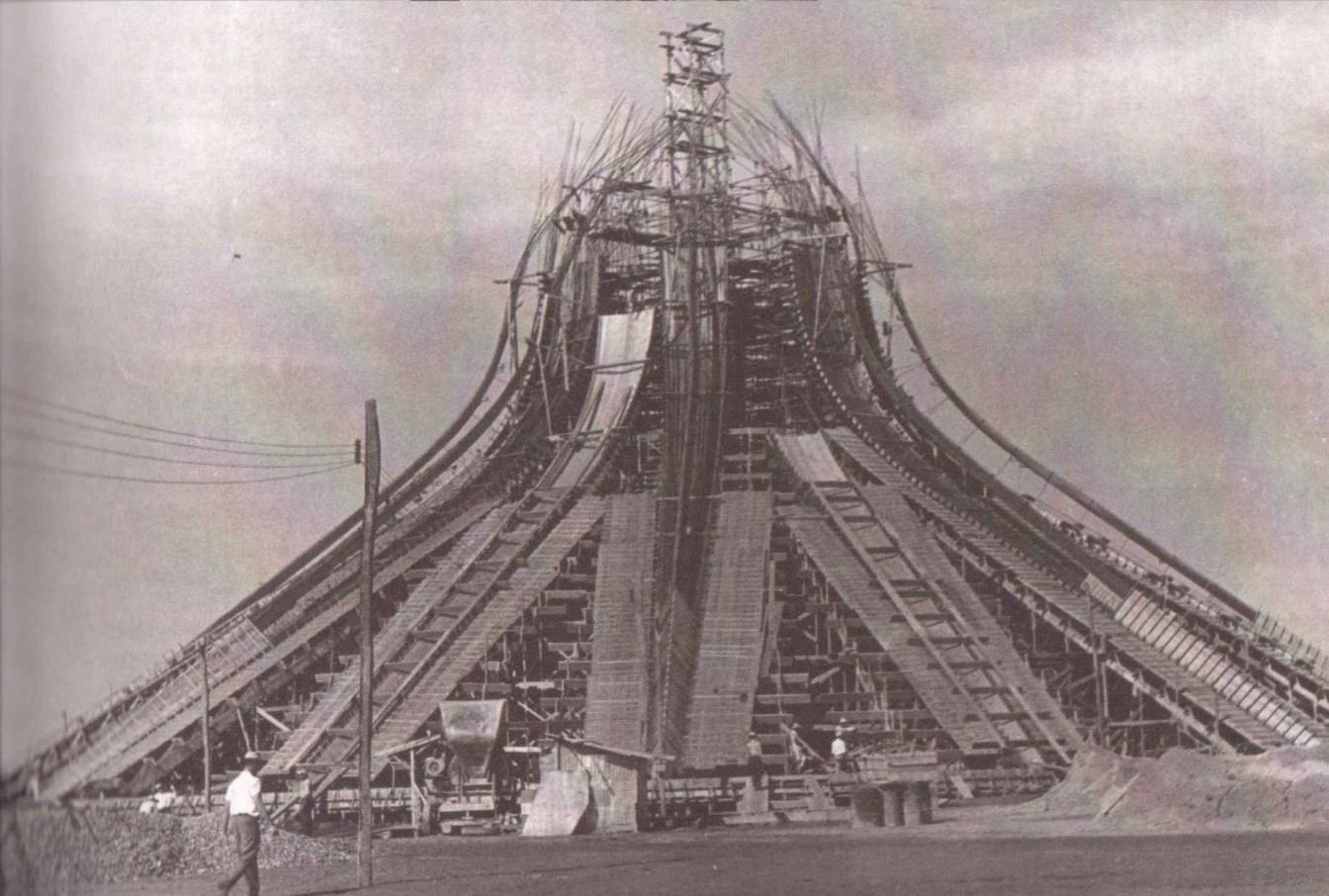
O historiador Ernesto Silva comenta sobre a respeito da designação do espaço para Catedral de Brasília: “muito nos chocou o fato de somente ser distribuída uma área para a Catedral da Igreja Católica, enquanto as demais igrejas não podiam abrir a sua catedral”. Em sua opinião, “todos deveriam se reunir em torno da única catedral existente e ali oficiarem as missas, os sermões, as pregações.”¹⁷

Iara Pietricovsky apresenta outro enfoque:

“A catedral teve duas fases: antes de ser capturada pela igreja católica, era só uma estrutura de concreto, que a gente entrava pra brincar. A gente ia andando ou de bicicleta. A catedral foi um espaço que foi idealizado para ser um lugar ecumênico, um lugar que servisse pra meditação a todas as religiões, a todos que queriam meditar, inclusive sem religião. Lamentavelmente, a igreja católica capturou pra si numa negociação com os militares, e a gente perdeu essa ideia do ecumenismo. Depois, teve uma segunda fase que a catedral foi construída, botaram o mármore e a gente brincava de escorregar e ficar falando nas paredes, como se fosse um telefone sem fio, horas fazendo isso, ninguém reprimia. Eu fiz uma obra com uma coreógrafa argentina, aí eu já era grandinha, que foi uma homenagem à Brasília. Foi na catedral, com 40 atores e bailarinos de Brasília, ousando, correndo pela catedral e não tinha aqueles banquinhos, não tinha nada disso, era um espaço aberto.”

16 Catedral de Brasília - www.setur.df.gov.br

17 SILVA, Ernesto. História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade – 5ª ed., Brasília, pg.282



CHACINA DOS TRABALHADORES NA CONSTRUTORA PACHECO FERNANDES - 1959

“Uma coisa triste que aconteceu naquela época foi uma chacina que houve na Pacheco Fernandes. Houve lá um massacre de operários que estavam no restaurante. Comentam que era da construtora Pacheco Fernandes. Existem muitas versões a respeito, a gente sabe que houve uma briga, aí chamaram a GEB e dizem que foi um tiroteio danado, que morreram vários operários ali dentro daquele restaurante. Então isso aí, no meu entender, no meu conhecimento, foi a primeira agressão física, a primeira coisa ruim que aconteceu foi com esses operários ali”

Isis Guimarães

A falta da versão oficial e de uma cobertura eficiente da imprensa fizeram com que o imaginário popular criasse diferentes interpretações sobre o assunto.

Apresentamos, então, a seguir a versão do Observatório da Imprensa e a constante do livro *O Capital de Esperança* de Gustavo Lins Ribeiro para tentarmos compor um cenário sobre o assunto.

Mas o que aconteceu?¹⁸

No dia 8 de fevereiro de 1959, época da construção da capital (governo JK), a Guarda Especial de Brasília (GEB) reprimiu com violência um motim de trabalhadores no acampamento dos funcionários da construtora Pacheco Fernandes, ocasionando mortes e ferimentos. A maioria das publicações sobre a história de Brasília ignorou totalmente a ocorrência.

Depoimentos dos sobreviventes contam que o conflito foi o ápice da indignação dos candangos quanto às condições

18 <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=5631MQ004>

de trabalho e à pressão para trabalho ininterrupto. Em 14 meses, Brasília seria inaugurada. Na véspera do carnaval, os candangos esperavam o salário, que não teria sido pago, para se divertir nas cidades vizinhas. Em 07 de fevereiro, a água do acampamento foi cortada. A coincidência foi interpretada como uma estratégia para mantê-los trabalhando.

No dia 8, dois carpinteiros teriam recebido marmitas em más condições de higiene e começaram uma confusão. Três guardas deram ordem de prisão, porém dezenas de trabalhadores impediram a ação. Mais guardas foram ao acampamento e chegaram atirando. O inquérito policial apontou 45 trabalhadores agredidos.

A disparidade entre a versão do inquérito policial e os relatos dos candangos é enorme. A história oficial apresenta um morto e três baleados. Entre os sobreviventes, há especulações que vão de 20 a mais de 100 assassinatos. O incidente foi publicado na mídia alguns dias depois da ocorrência (em geral, notas) e seu destaque foi insuficiente. Era período de carnaval e muitos veículos da época não imprimiram suas edições nesses dias, mostrando deficiência na estrutura profissional das empresas. A primeira nota foi publicada quatro dias depois do incidente, no jornal *Última Hora*.¹⁹

Citamos, também, a versão sintética elaborada pelo antropólogo Gustavo Lins Ribeiro¹⁹:

“Noite de carnaval. Operários (três no máximo) chegam do trabalho para comer na cantina e não encontram comida que deveria ter sido provida pela administração. Resto lhes é servido, comida de má qualidade. Irritam-se, ou um deles se irrita e

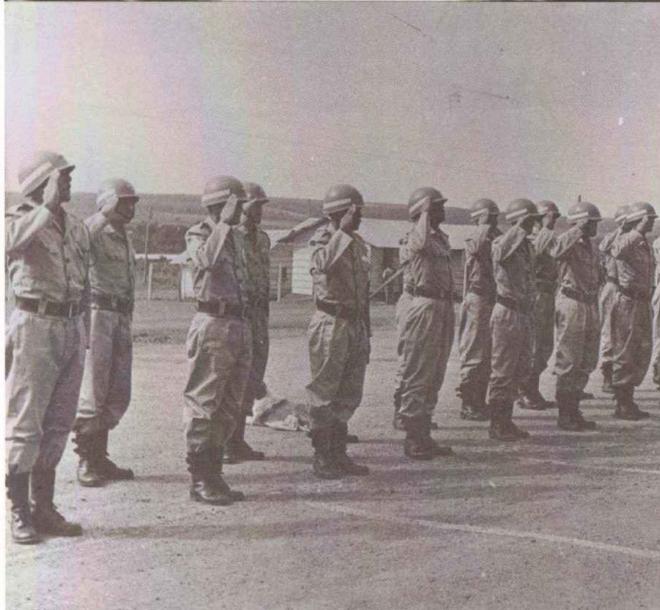
19 RIBEIRO, Gustavo Lins, *O capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*, Ed. UnB, Brasília, 2008, pgs. 229 e 230

arremessa o prato no encarregado da cozinha, no cantineiro, ou no cozinheiro. Os outros operários se solidarizam. Alguém (o agredido, um sargento, um engenheiro, o chefe de cozinha, o dono da cantina, “gente da alta”) chama a polícia. A polícia enviada é pouca. Os operários não deixam seus companheiros serem presos. Um reforço de grande número de soldados chega atirando. Grande tiroteio. A polícia não pergunta nada, já vai atirando contra os alojamentos. Mataram muita gente. Muitos morrem em suas camas. Outros são despertados violentamente e colocados em fila com as mãos na cabeça, espancados e humilhados. Não se sabe se morreram vinte, quarenta, oitenta, cento e quarenta. Mortos são transportados em caminhões basculantes para uma vala no meio do cerrado. Não há divulgação do que realmente aconteceu. Em Brasília era duro. Tinha ordem, a GEB era para isso mesmo. Não houve providências.”

Algumas das mulheres entrevistadas apresentam aqui relatos de memória sobre o que se comentava na época:

“Eles estavam servindo comida estragada e fizeram um levante de não se alimentar mais daquela comida, e a polícia foi lá. Havia muita rixa entre eles, por causa de emprego, por causa de mandar embora uns e ficarem outros. Eles sempre lutaram muito pelos empregos.” Maria das Neves Morici

“A Rabelo, a Pacheco que foi as duas que brigaram. Houve morte, foi por causa das obras. Era aquele pessoal tudo bruto. Não tinha nada. Qualquer coisinha estavam lá se matando, minha filha. Aquilo ali deu pano pras mangas. Dizem que morreu gente ali, que jogaram no lago e até hoje ninguém sabe. A GEB fez parte dali porque era a única polícia que tinha. Aí a GEB teve que comandar lá, porque era ela que comandava Brasília”. Hilda Ribeiro





“Foi um choque enorme para todos nós, porque um acidente assim, a gente nunca espera. Foi um acidente na estrada, então uma coisa muito inesperada, e minha mãe ficou completamente sem chão. Eu tinha 14, a minha irmã tinha 7, o meu irmão tinha 15 e o outro 17. Então nós éramos todos muito jovens, meus irmãos foram logo trabalhar, porque a gente não tinha nada, não tinha pensão, então o Presidente Juscelino deu para gente essa casa que a gente mora até hoje, no Lago, e nós viemos pro Lago antes do Lago, porque eu morei no Lago antes da inauguração de Brasília.”

Lia Sayão de Sá

MORTE DE BERNARDO SAYÃO - 1959

“Pela primeira vez na sua história, Brasília sustou a respiração, sentindo que lhe faltava ar nos pulmões. Havia tristeza e ansiedade. Respirava-se silêncio e consternação.”

A frase de Juscelino Kubitschek lembra o único dia em que as obras da capital pararam. As obras fundamentais, que permitiram a mudança no prazo determinado pela lei, foram realizadas em pouco mais de mil dias de trabalho, sem interrupção.

Do presidente ao operário, todos interromperam o trabalho quando souberam da morte do engenheiro Bernardo Sayão. Era 15 de janeiro de 1959 quando o rádio noticiou o acidente que tirou a vida de um dos primeiros diretores da Novacap. Uma árvore caiu na barraca de Sayão, durante as obras da estrada Belém/Brasília, em Açailândia (MA), e ele não resistiu aos ferimentos.

Bernardo Sayão, que morreu aos 57 anos de idade, era responsável pela infraestrutura da capital - redes de água, esgoto, luz, telefone, estradas, entre outros. Trabalhava lado a lado com os operários e não deixava a construção andar em marcha lenta.

Por toda a sua relevante contribuição e dedicação à construção da nova capital, fez-se questão que ele fosse enterrado em Brasília.

Velado na Igrejinha de Fátima, em cujas paredes ainda se viam os afrescos de Alfredo Volpi, o corpo de Sayão foi levado para

o Campo da Esperança por uma grande multidão. À frente, o seu amigo Juscelino Kubitschek. O Cemitério Campo da Esperança, no fim da Asa Sul, teve de ser aberto para receber o primeiro túmulo.

“Foi uma tristeza muito grande quando morreu o Bernardo Sayão, que era uma pessoa ilustre e amiga. Foi prefeito de Goiânia, depois Juscelino chamou pra cá para ajudar a construir. Ele foi construir a Belém-Brasília e era um homem muito sorridente, muito alegre, e a minha mãe era muito amiga de uma das filhas dele, a dona Leia...” Isis Guimarães

AS CARAVANAS DE INTEGRAÇÃO NACIONAL - 1960

“Então o JK fez uma coisa que era a caravana da integração nacional, esse foi um dos momentos históricos mais bonitos do Brasil. Outra caravana do sul, outra caravana do oeste e outra caravana do norte, nordeste e essas caravanas deviam se encontrar aqui em Brasília antes da inauguração e o JK recebia cada caravana dessa. Vinham de carro, claro que houve muito cavalo, do Rio Grande do Sul veio uma cavalhada enorme, do Rio de Janeiro vieram de bicicleta. Isso tudo vinha pra Brasília, mas esse pessoal veio de carro, sabe por quê? Porque esses carros foram os primeiros carros produzidos no Brasil.” Cosete Ramos

As caravanas de integração nacional²⁰, ocorridas em fevereiro de 1960, foram viagens que envolveram 287 expedicionários em 130 carros, caminhões e ônibus de diversas regiões do país.

Juscelino Kubitschek trazia, em seu governo, a intenção de integrar o país, a começar pela interiorização da capital, com a criação de Brasília. Ao mesmo tempo, as indústrias automobilísticas começavam a produzir automóveis no Brasil. Juntando uma coisa à outra, veio a ideia da viagem, pelo major José Edson Perpétuo, primo e ajudante de ordens de JK.

20 <http://oglobo.globo.com/economia/carroetc/mat/2010/04/20/brasil-quilometro-zero-caravana-da-integracao-nacional-viagem-pioneira-nova-capital-916394368.asp>

Os participantes formaram quatro colunas, uma de cada ponto cardeal do país. O grupo do Sul percorreu 2.200km, saindo de Porto Alegre. A turma do Oeste partiu de Cuiabá e rodou 1.100km até a nova capital.

A caravana mais atribulada foi a do Norte, que percorreu os 2.220 km de uma Belém-Brasília ainda em construção. Foram dez dias de chuva, atoleiros gigantes, em caminhos sem qualquer infraestrutura. Em seus caminhões, jipes e ônibus, os expedicionários da “Operação tartaruga” (como ficou conhecida) eram recebidos como heróis e, não raro, acabavam com a comida dos povoados por onde passavam.

A Coluna Leste teve largada oficial no Rio, na porta do Palácio do Catete, para um percurso de 1.200km, em três dias de asfalto. A maioria de seus integrantes, porém, já vinha rodando desde São Paulo.

E foi a turma dos paulistas que trouxe os veículos mais pitorescos: nada menos que 25 Romi Isettas enfrentaram a estrada. Pequenas em tamanho e potência, as briosas maquininhas fizeram enorme sucesso.

“Caravanas de integração nacional, quando chegaram os primeiros carros brasileiros construídos em São Paulo, não tinha como vir de caravana. Não tinha estrada suficiente para isso, tudo aqui era inaudito, fantástico, maravilhoso” Palmerinda Donato

Na manhã de 2 de fevereiro de 1960, data combinada para o encontro apoteótico das quatro colunas da caravana, JK desceu de seu helicóptero branco e entrou na Romi Isetta. Chovia, mas o Presidente desfilou com meio corpo para fora da capota aberta, evento eternizado pela foto histórica.

Apesar da chuva, os candangos compareceram em peso à festa, que terminou em missa na Catedral e churrasco no Palácio do Planalto.





EU VI'
a inauguração de
Brasília

2. A INAUGURAÇÃO DE BRASÍLIA - 1960

2. A INAUGURAÇÃO DE BRASÍLIA – 1960

“Eu nunca mais verei alguma coisa tão linda como foi a inauguração de Brasília. Parece um sonho. Primeiro era a passeata dos candangos, o Israel Pinheiro na frente, com os braços abertos em cima do caminhão, e aquela quantidade de caminhões de candangos. À noite houve o baile lá no Palácio do Planalto. Vieram autoridades do mundo inteiro.”
Márcia Almeida

As festas para inauguração de Brasília reuniram “mais de 100 mil pessoas vindas dos mais diferentes pontos do país, além de estrangeiros e convidados.”²¹

As comemorações iniciaram-se na véspera, às 16h do dia 20 de abril de 1960, na Praça dos Três Poderes. O presidente JK recebeu as chaves da cidade do presidente da NOVACAP.

*“As festividades se estenderam até o dia 23 de abril, dando ao conjunto de solenidades um elenco de 33 eventos comemorativos.”*²²

“...eu queria falar do 21 de abril, porque eu assisti, eu vi aquela bagunça do povo dançando no meu da rua, na esplanada dos ministérios, as pessoas dançavam no meio da esplanada.”

Cosete Ramos

MISSA DA INAUGURAÇÃO

“A inauguração foi um fato inédito teve revoada de pombos, sinos tocando e foi assim um dia sensacional e houve assim a grande missa no qual Juscelino chorou imagine o que que ele sentiu naquele momento que ele viu que ele tirou do chão que só tinha aquela arvorezinhas do cerrado, e ele transformou numa cidade, foi preciso ter garra, era preciso mesmo ser o homem dos três M’s (médico, mineiro e macho)” Palmerinda Donato

O grande evento anterior à inauguração, para a qual já estavam reunidas autoridades brasileiras e internacionais, foi a missa campal, marcada para as 23h30m do dia 20, de forma que a cidade já nascesse abençoada por Deus.

“Mas bonito mesmo, de chorar, a missa. A missa foi naquele alto ali, onde está a Câmara, e fizeram o altar na parte de cima e o que

21 Vascoceles, José Adirson, A Epopéia da Construção de Brasília, 1989, Brasília, DF, pg. 197

22 Idem

foi mais bonito foi aquele jato de luz que se encontrava no céu, formando uma cruz. Tudo lindo, iluminado, brilhando, coisa linda, linda mesmo. Juscelino chorou, foi um pranto, porque foi muito comovente. Deu aquela emoção em todos porque ele viu que não havia nada mais que conseguiria destruir Brasília.”

Márcia Almeida

Às 8 horas da manhã de 21 de abril de 1960, o Presidente Juscelino hasteia, pela primeira vez, a bandeira nacional na nova capital brasileira.

Durante todo o dia houve solenidades oficiais e também eventos com a presença de pessoas de diversas etnias:

“Mas na inauguração de Brasília também tinham muito índios, o que foi muito bonito. Eu gostei muito na festa foi que a comida foi dada pelos goianos, pelos fazendeiros. Então todo mundo que veio à festa de Brasília comeu um churrasco deste tamanho, tomou cerveja, todo mundo se alimentou gratuitamente lá na Praça dos Três Poderes. Isso foi muito bonito, e também à noite, houve um baile. Eu dancei a noite toda. Parece que, como não haviam muitos rapazes, eles mandaram buscar uns rapazes cadetes de agulhas negras.” Maria Coeli

DESFILE DOS OPERÁRIOS

Ao final da tarde, no eixo rodoviário, “houve majestoso desfile dos operários de Brasília, de todos os trabalhadores que colaboraram na construção da cidade, dos heroicos candangos do Planalto.”²³

“Um dos momentos mais emocionantes da minha vida foi o desfile de 21 de abril. Eu estava com um vestido de grávida, todo mundo estava vestido mais um menos na esportiva, o desfile foi assim: primeiro as crianças de Brasília, todas as crianças desfilaram. Então o início do desfile foi com o arco-íris, aí as crianças vieram marchando em seguida, depois os militares, depois os candangos pioneiros de Brasília vieram assim, havia um jipe com os engenheiros e as esposas. Os engenheiros levavam as esposas. Na hora do desfile as esposas desfilaram, porque elas fizeram muito por Brasília também. Então, atrás desse jipe vinham os caminhões com os operários das firmas, dos órgãos. O jipe com os engenheiros, depois os operários e assim foi, e o Juscelino levantava pra saudar,

23 SILVA, Ernesto, História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade – 5ª ed., Brasília, pg.224

porque aquela era a gente dele. Alguém tinha faixas, outros tinham bandeira. Os operários eram inumeráveis, alguns tinham faixas, outros bandeiras, esse foi o final. Os candangos pioneiros de Brasília, o Juscelino, eu acho que ele se entrosava mais com os candangos.”

Helena Carvalho

GRANDE FESTA POPULAR

Durante a noite foram queimadas toneladas de fogos de artifício, e durante toda a noite realizou-se uma grande festa popular:

“A inauguração foi linda demais. Eu fiz um parto na véspera. Eu tava com medo que a criança nascesse no dia, mas ela nasceu antes. Nós viemos 8h da manhã, cedinho. Nós viemos num caminhão, todos nós na boleia. Aí meu pai falou pra fazer um almoço, uma comida, farofa, tudo. Nós trouxemos o lanche. Nós viemos, meus irmãos, cunhadas, uma família grande de Planaltina. Nós subimos nesse caminhão, tudo na boleia, e nós viemos. Nós ficamos ali perto de onde hoje é a LBV, por ali. Num tinha nada por ali, daquele lado ali. Nós acampamos lá embaixo de uma árvore, e passamos o dia lá, e lá fizemos um almoço.”

Ladir Alarcão

“Eu tinha uma máquina caixotinha, desse tamaninho assim. Dava pra botar aqui no bolso. Com essa máquina, que eu ganhei quando era menina, com essa máquina eu fotografei fogos de artifício da inauguração, que eu não vi em outros lugares. Foram fogos muito interessantes que eles fizeram naquela Esplanada, aquela que fica depois da rodoviária. Eles puseram uns fogos que era painéis com mensagens. Quando os fogos explodiram, queimaram os painéis e no meio dos fogos explodiram as mensagens. Lindo, e eu nunca tinha visto uma coisa assim.” Helena Carvalho

“Na inauguração nós fomos. Nós tínhamos caminhão-caçamba, eu tinha um carro Cinca Chambord, já tava bem da vida (risos). Então, meu marido botou os empregados, o pessoal, os homens em cima da caçamba e fomos lá. Ficamos lá na Esplanada, assistimos à inauguração, aqueles fogos de artifício, aquela alegria, aquele viva tá dentro de mim até a morte. Olha, fiquei feliz. Lembro de Brasília totalmente, na verdade eu não esqueço Brasília nunca, porque ela me ensinou a amar o Brasil total.”

Salan Kosac

BAILE DE GALA

Mais tarde, o Presidente Juscelino e Dona Sarah receberam convidados para uma recepção de gala no Palácio do Planalto.

“O meu primeiro vestido de baile foi um vestido cor de rosa de renda francesa, linda, maravilhosa. Quando eu cheguei, eu fui recebida no Palácio do Planalto pelo presidente JK e dona Sarah.” Cosete Ramos

“Olha, era um vestido de noite. Eu me lembro que eu fui com um vestido lilás nesse baile da inauguração. A gente foi de luva, carteirinhas. A gente se vestia bem na época, e eu sempre fui muito vaidosa. Ah, foi muita gente, gente de Goiânia. Fretavam aviões pra trazer o pessoal.” Alice Maciel

Algumas das mulheres entrevistadas, no entanto, não assistiram à inauguração porque, ou estavam trabalhando, ou não tinham como voltar para casa depois das festas:

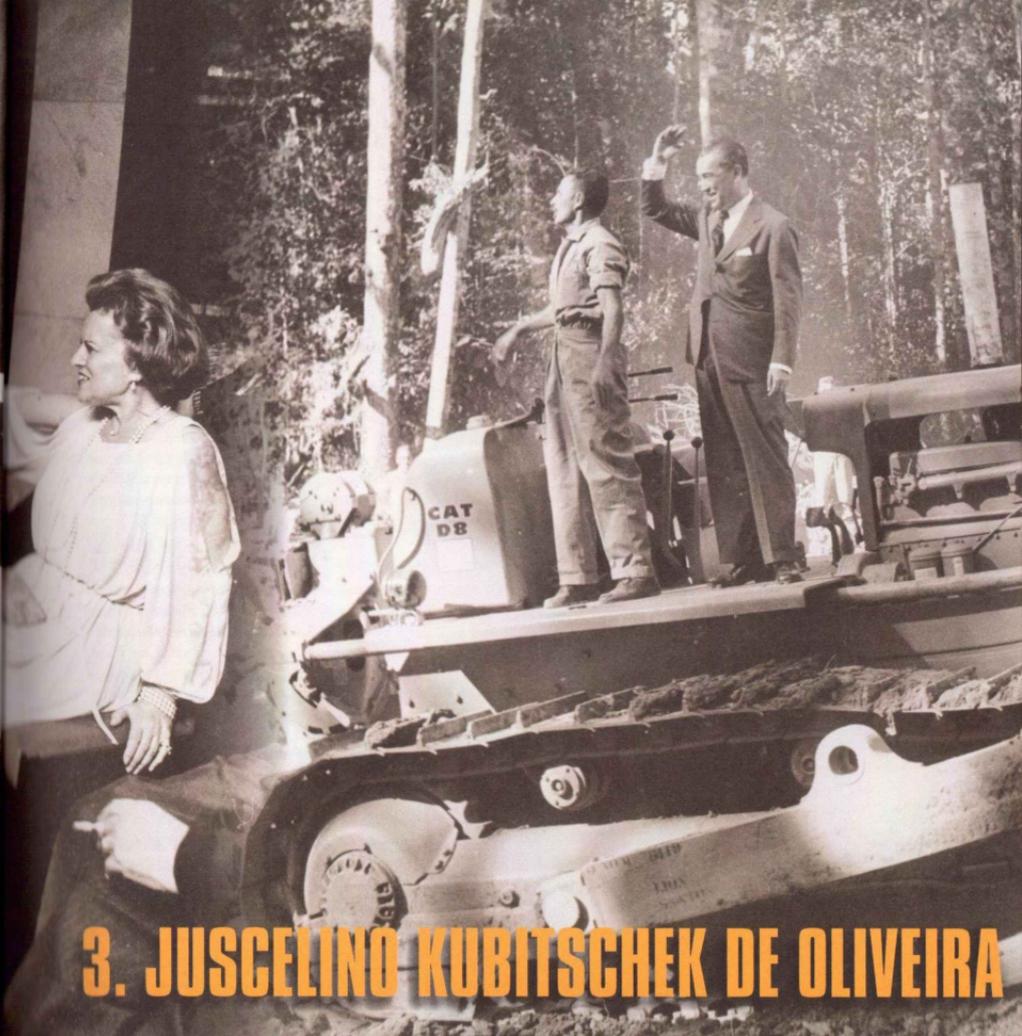
“Da inauguração, nós fomos à posse lá no Planalto, mas não participamos muito, não, porque nós estávamos trabalhando. Foi uma aventura. Nós queríamos ir assistir, nós saímos do hospital e estávamos esperando. Então, com uma das enfermeiras, nós resolvemos sair caminhando e ir. De repente, alguém nos ofereceu uma carona, entramos no caminhão, mas não vimos muita coisa da inauguração, não.” Jurema Toscano

“Eu fui, mas não cheguei perto, não. Eu vi de longe porque não podia nem chegar perto. Era muita gente, mas foi muito bonito, muito bonito mesmo. Eu tava com um vestido quase igual a esse aqui, estampadinho, que foi exatamente o que eu peguei no avião de São Luiz.” Luiza de Souza

“No dia da inauguração, não pude ver a inauguração porque o alojamento não tinha condução pra nos trazer ali na praça. Então, eu não cheguei a ver a inauguração, mas eu adorava isso aqui, trabalhava mesmo.” Zeni Moreira

Depois de tantas discordâncias e muito trabalho, o Brasil tem, em 1960, a sua terceira capital, construída pela força e pela dedicação de homens e mulheres que fizeram de Brasília um patrimônio cultural da humanidade.





3. JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA

“a gente andava com o Juscelino na W3, ele ficava olhando uma coisa ou outra, a gente junto com ele com se fosse irmão, a gente tinha essa liberdade toda...” Esther Xavier

3. JUSCELINO KUBITSCHK DE OLIVEIRA

“Juscelino foi o ser humano e o maior estadista que nós tivemos”
Cleusa Senna

O presidente Juscelino Kubitschek é lembrado com afeto e gratidão por todas as mulheres entrevistadas. A personalidade alegre e galanteadora de JK estão presentes de forma emocionada e carinhosa nos depoimentos:

“Juscelino era muito galanteador, isso ninguém pode tirar dele, feio, não era bonito não, muito simpático, muito agradável, sabia agradar as pessoas, ele conversava com a pessoa sempre simpático, o pessoal da UDN falava que o Juscelino queria conquistar as mulheres, então era uma coisa que ele tinha, aquele charme pra entrar em qualquer roda.” Márcia Almeida

Juscelino Kubitschek de Oliveira era médico e Governador de Minas Gerais, nos primeiros anos da década de 60, quando decidiu concorrer a Presidência da República.

“...lá em Belo Horizonte a gente conhecia ele, era médico, a gente ia lá no hospital via ele vestido de médico, depois ele entrou na política, foi prefeito, governador, isso tudo eu lembro em BH.”

Ione Rodrigues

“Juscelino era o homem predestinado. Quando Getúlio Vargas quando deu um tiro no peito, ninguém sabe até hoje o que aconteceu, a única autoridade presente no sepultamento era o Juscelino Kubitschek governador de Minas Gerais, então isso me deixou muito impressionada, com aquele homem o caráter dele.”

Palmerinda Donato

A campanha para a presidência percorreu todo o Brasil e a prometida mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília, com o intuito de interiorizar o Brasil tornou-se o principal tema dos debates. O adeptos intitulavam-se Mudancistas.

A campanha pra Brasília foi uma campanha diferente mesmo, o povo queria que ele viesse pra Brasília, então houve muito

adesão, eu era mudancista também, porque eu ajudava em tudo e muito mais pra mudar pra Brasília. Era hora de mudar, o Rio de Janeiro não ia suportar...” Márcia Almeida

“...era aquela febre de construir Brasília, aquele febre de fazer algumas coisa pelo país, aquele sonho de melhorar as condições, porque havia necessidade imensa de interiorizar a capital, não era possível continuar, o Brasil só crescendo no litoral igual caranguejo, não tinha condição, o Brasil imenso né, nós já teríamos perdido o Brasil se não tivesse interiorizado a capital.”

Helena Carvalho

“...fiquei sabendo de Brasília quando JK se candidatou para ser presidente, ele foi lá na minha terra, em Leopoldina para fazer campanha e eu tive a honra e o prazer a alegria imensa de dançar com ele e falar que eu ia contar para os meus filhos e pros meus netos que eu tinha dançado com ele, com o presidente da república e ele: “mas, como, vc acha que eu chego lá?”, mas claro que vai chegar lá. Então foi a primeira vez que eu falei de Brasília foi com ele assim dessa maneira.” Sonia Vasconcelos

“A grande campanha mesmo nos fazíamos não era nem nos comitês femininos, era na rua, campanha do boca a boca. Entrava num taxi e perguntava: Você vai votar em quem pra presidente? Ainda não sei ainda não escolhi acho que vou votar em Plínio Salgado. Eu falava você já prestou atenção no Juscelino? Grande homem mineiro, fez muitas coisas naquele estado. Então eu acho, que essa campanha era a grande campanha. Meu marido, que era italiano, uma vez disse assim pra Juscelino: ‘que pena doutor Juscelino, eu não posso votar no senhor porque eu sou italiano’. JK deu um tapa no ombro do meu marido e disse: ‘Donato você não sabe que a onda vale muito mais que o voto? A onda, nós estávamos fazendo a onda.’ Palmerinda Donato

Após a eleição, com a mudança da residência oficial para Brasília em 1957, Juscelino passa a fazer parte do cotidiano da nova capital. Ele podia ser facilmente encontrado tanto nas obras públicas, nas escolas e nas festividades populares.

“Ele era muito popular, era uma pessoa maravilhosa, as crianças eram doidas com ele”

Maria Aparecida Leite

“O Juscelino era muito amigo dos professores, ele nos recebia no palácio, eu tenho retrato com ele aí no palácio e ele recebia também nas escolas ele ia, nessas pequenas festividades, ele aparecia rapidamente mas aparecia”. Maria das Neves Morici

“eu me lembro dele um dia, que nós chegamos no meio do Núcleo Bandeirante, ele estava dentro de um volkswagen com a cabeça pra fora, de chapéu, chovendo, cercado de candangos”
Cosete Ramos

“a gente andava com o Juscelino na W3, ele ficava olhando uma coisa ou outra, a gente junto com ele com se fosse irmão, a gente tinha essa liberdade toda...” Esther Xavier

O mandato de Juscelino, como Presidente, finda em 1961, com Brasília construída e consolidada como a nova capital do Brasil.

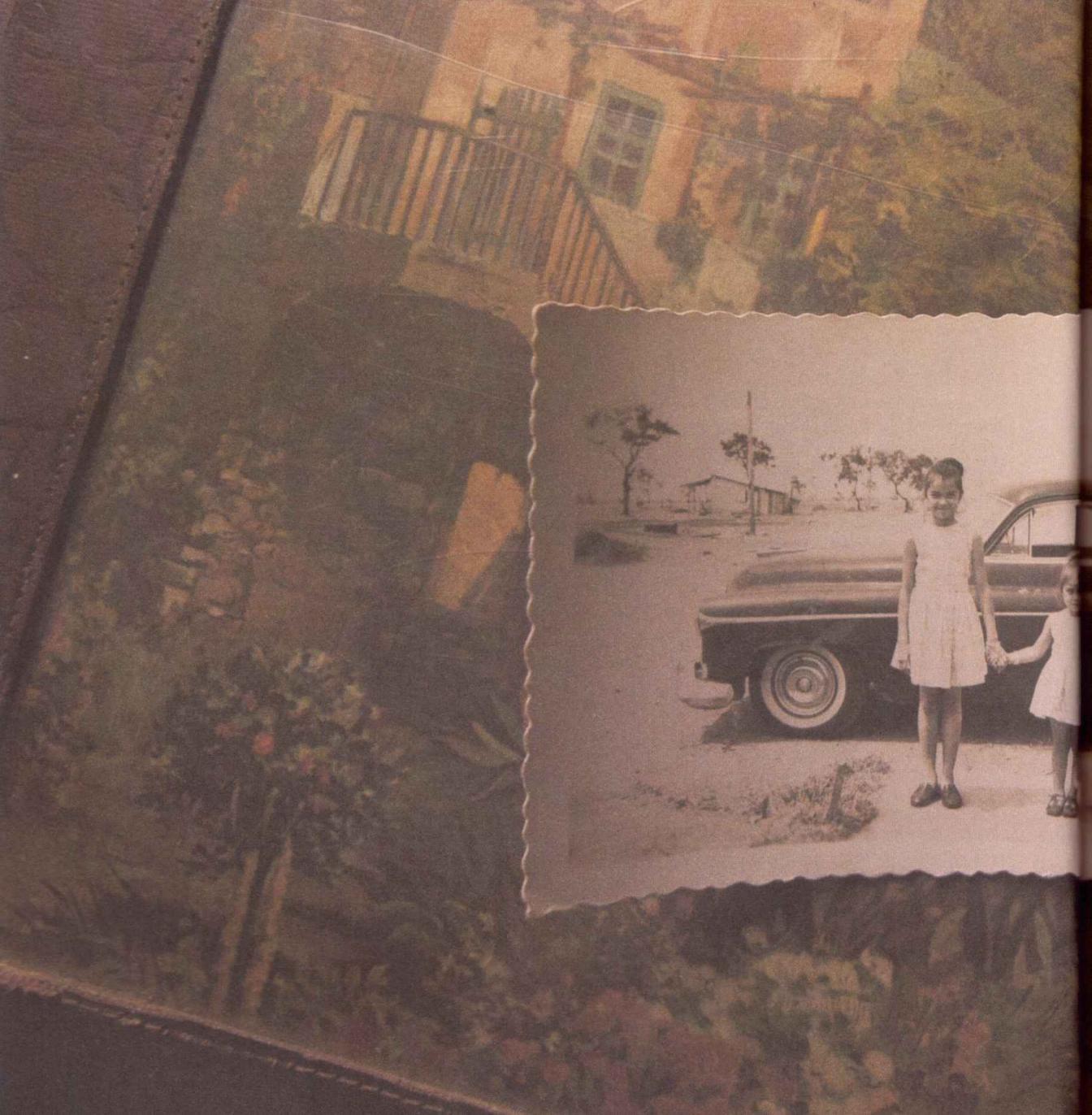
Em 1964, “teve seus mandato cassado e seus direitos políticos suspensos pelo autoritarismo do Movimento de 1964. Sua cassação não teve justificativa jurídica, apenas política. Perseguido e pressionado, busca exílio voluntário na França, de lá só regressando em 1967”²⁴

Quando Juscelino foi cassado, acho que foi uma tristeza geral pro povo brasileiro, sem exceção, essa foi uma tristeza que tá na história. Georgina Câmara

Em 22 de agosto de 1976, Juscelino morre em um desastre de automóvel.

“...no auge da Ditadura, nós fomos enterrar Juscelino. Ali, foi a primeira grande demonstração de que Brasília tava preparada pra uma Democracia. Muito bonito, muito emocionante.”
Marta Cintra







4. SER MULHER EM BRASÍLIA

“Aqui em Brasília eu aprendi a ser independente, ser uma mulher assim que podia expressar num meio político, no meio social dos empresários que estavam em Brasília, eu podia chegar pra eles e reivindicar direitos para os empregados deles” Alice Maciel

4. SER MULHER EM BRASÍLIA

“As mulheres que vieram para Brasília estavam na frente, criando algo muito novo e tendo coragem para enfrentar uma terra sem nada construído. Quando penso nisso fico emocionada.” Lia Sayão de Sá

Brasília representou, para muitas mulheres, quebra de paradigmas. Aqui não havia os controles sociais e morais de outros centros urbanos. A seleção por concurso de professoras em todo país criou oportunidades para muitas mulheres saírem de suas pequenas cidades e terem a grande chance de conquistar sua independência econômica e social. Os salários eram compensadores. E, vindo para uma cidade em construção como Brasília, elas poderiam romper com antigos valores patriarcais. Simone de Beauvoir, em 1949, já afirmava, no seu clássico livro *O Segundo Sexo*, que seria pela independência econômica um dos caminhos para as mulheres alcançarem a liberdade.

“Brasília era o símbolo do novo, aqui não se tinha controle sobre o comportamento de forma mais conservadora que em outros lugares. Brasília era toda nova, ninguém se conhecia, mas todo mundo se unificava naquele novo e gerava uma solidariedade impressionante.” Iara Pietricovsky

Os jovens casais que aqui chegavam tinham que encontrar meios de criar seus filhos sem os aparatos de avós, tias e outros familiares. A divisão sexual do trabalho tradicional encontrava barreiras para se estabelecer, numa cidade em que todos precisavam se ajudar mutuamente para sobreviver num cenário de precariedades. As relações de amizade com pessoas vindas das mais diferentes partes do país favoreciam as trocas solidárias, e homens e mulheres percebiam que precisavam reinventar outras formas de boa convivência.

“Meu marido veio para Brasília em 1958. Depois nos casamos no Rio e em 60 cheguei aqui. Ele cuidava dos filhos e da casa

tanto quanto eu. Um ajudava o outro. Não tínhamos família nem ninguém.” Maria Inês Fontenele Mourão

“A união, nessa época, era tão grande que parecia uma só família. O respeito era muito grande, nós íamos fazer compras na Cidade Livre e nossos filhos ficavam com os operários no Palácio da Alvorada, e eles tomavam conta dos nossos filhos direitinho. Então a união entre homens e mulheres era muito legal.” Wanda Corso

SER CRIANÇA E MENINA EM BRASÍLIA

Algumas das entrevistadas chegaram aqui ainda crianças e puderam nos relatar como era a infância numa cidade em construção.

Pelos depoimentos, vemos que Brasília inspirava grande liberdade nas crianças, desde as brincadeiras com os lacerdinhos (redemoinhos), até corridas de bicicleta ou carrinhos de rolimã nos grandes espaços abertos, que foram características desse cerrado.

“... eu era uma criança de 6, 7 anos e a minha infância foi de brincar na rua, terra, naqueles grandes tubos de saneamentos, manilhas enormes. A gente brincava, eram muitos meninos. Era uma cidade com muita juventude, porque os que acreditaram em Brasília eram jovens casais que vieram pra cá. Eu me lembro: lá na rua da igreja tinha, o trevo ainda não tava pronto, então a gente fazia carrinho de rolimã. Não tinha essa perspectiva que eu, como uma mulher, não pudesse brincar de carrinho de rolimã, de bolinha de gude, soltar pipa.”

Iara Pietricovsky

Iara complementa analisando que na época havia pouca distinção de gênero mas ainda assim o masculino exercia o seu poder:

“Eu me lembro da gente brincando, as meninas e os meninos

jogando bolinha de gude. Ai um menino dizia assim 'porra, que merda'. Ai diziam: 'não fala assim, não pode falar palavrão na frente de menina'. Na relação das crianças havia uma coisa que menina não podia fazer, jogar futebol não era coisa de menina, eu jogava futebol, então era um drama." Iara Pietricovsky

Gláucia Nascimento e Walnizia também falam de como era cheia de descobertas, a vida na nova cidade:

"Nosso divertimento era esse e andar pelo cerrado. Eu lembro de uma travessura: eu peguei a minha bicicleta, porque eu fiquei sabendo que na Esplanada dos Ministérios tinha chegado uma máquina muito grande, eu sempre gostei muito de máquina, então eu fui de bicicleta, sem a mamãe saber, pra Esplanada dos Ministérios. Chegando lá, era uma máquina que cortava o terreno, e tinha uma esteira longa que, jogada dentro do caminhão, a terra cortava o terreno. Isso pra fazer a Esplanada, porque não era retinho como você vê hoje, terraplanagem. Mas não era um trator, e ela tinha uma plataforma grande. Eu fui pra cima dessa plataforma. Então, não tinha menina, não tinha ninguém, e a mamãe saiu procurando. Já tinha dado a hora do almoço. 'Cadê a Gláucia?' Nada. Ai mamãe foi perguntando: 'você não viram uma menina passando aqui de bicicleta?' Ai foram informando, porque, como não tinha ninguém, alguém me viu. Eu fui sozinha, até a minha mãe chegar e me achar lá junto com o pessoal, em cima da plataforma, muito feliz. Depois eu acho que andei ganhando uns castigos, mas passou." Gláucia Nascimento

"Nossa infância era feliz, apesar da dificuldade. Nós tínhamos campeonatos de pipa, nós mesmos fazíamos as pipas e o grude, que era o que se chama hoje de cola. Lembro das cantigas de roda: vamos, maninha, vamos, na praia passear. Vamos ver a barca nova que do céu caiu no mar. Eu cantava um trecho em português, outro em japonês" Walnizia dos Santos

COSTUMES AVANÇADOS PARA A ÉPOCA

As discussões sobre liberdade de expressão e direitos iguais entre homens e mulheres davam seus primeiros passos em manifestações nos Estados Unidos e França. No Brasil, ainda vigoravam papéis bem marcados entre homens e mulheres. Em Brasília, porém, até os costumes estavam em construção, propiciando novas relações entre as pessoas.

"Eu fiquei bastante surpreendida com as nordestinas, por exemplo, com as mineiras, ou as paulistas, que chegavam de calça comprida, as gaúchas não usavam calça comprida. E eu aderi a isso. Achei coisa fantástica, maravilhosa." Therezinha Rodrigues

"Eu fui a primeira moça em Brasília que usei biquíni. Chegava na beira da piscina com a minha amiga, eu botava uma toalha no ombro e ia escorregando assim na beiradinha da piscina até cair, pra ninguém ver meu corpo." Zeni Moreira

"Aqui em Brasília eu aprendi a ser independente, ser uma mulher assim que podia expressar num meio político, no meio social dos empresários que estavam em Brasília, eu podia chegar pra eles e reivindicar direitos para os empregados deles" Alice Maciel

"...e na minha cidade eu era tida como recatada, não falava nada, ai quando eu vim pra Brasília comecei outra vida, porque cidade do interior tudo que faz é comentado, moça direta não pode fazer isso." Orbella Lobo

POUCAS MULHERES

Havia poucas mulheres na cidade em construção, porém elas afirmam que eram tratadas sempre com muito respeito e raramente sentiam-se ameaçadas.

"Em Brasília havia muito, mas muito mais homens do que mulheres. Então era complicado uma mulher aqui em Brasília

com tantos homens. Não encontrei dificuldade nisso, pra mim não chegou a ser um problema.” Cleusa Senna

“Sabe que as mulheres, a gente nem falava das mulheres, as mulheres eram assim, parece que uma coisa à parte. Quando eu cheguei, quase que não tinha mulher, os homens que lavavam as roupas deles e depois na inauguração chegou o pessoal somente para assistir. Depois foi que foi chegando o pessoal para ocupar os prédios, o Senado e a Câmara dos Deputados. Era chamado os “prédios de ferro” e ainda estava tudo por construir.” Luiza de Souza

“Eram poucas mulheres, tanto que eu nunca tinha ninguém para me ajudar. Eu tinha duas crianças e tinha que cuidar da casa, das crianças e sair à noite para fazer os partos, muitas vezes passava a noite toda fora. Às vezes fazia mais de um parto por noite. Mas pelo fato de ser mulher nunca tive o menor problema. Os homens tinham o maior respeito, admiração. Quando passava uma mulher por aquelas obras, eles paravam, paravam e ficavam olhando, bicho do mato. Eu era atração de circo. Depois dos partos, eles bebiam de alegria, diziam que era o mijo do neném. Eu tomava um crush e ia embora.” Cacilda Bertoni

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Em geral, ouvimos poucos relatos sobre violência contra as mulheres:

“Eu nunca ouvi falar em violência contra mulheres, estupro, essa coisa toda. Nunca ouvi falar, e olha, eu trabalhava num cartório, que você fica sabendo de tudo que acontece. Não existia isso, a gente tem saudade porque era bom, as pessoas se respeitavam.” Isis Guimaraes

“...Núcleo Bandeirante, o que tinha muito lá era cachorro, não tinha ladrão, nem alguém que assediasse, eu não lembro

não mas esses cachorros tipo vira-lata tinha muito. Depois eu lembro que quando fizeram o asfalto eles colocaram o primeiro piche, pra abrir as ruas, a gente ficava até incomodado porque os bichinhos colavam as patas e as moças os tamanquinhos porque naquele tempo eram aqueles tamanquinhos, pobre, com aquele tamanquinho, era muito difícil pra caminhar” Maria Maura

“nunca tive o menor problema, os homens vinham do interior de Goiás, do nordeste e do norte, eles tinham o maior respeito, eles tinham admiração, quando passava uma mulher por aquelas obras, eles paravam e ficavam olhando. Eles pareciam bicho do mato, a gente era que nem novidade de circo” Cacilda Bertoni

Porém, algumas mulheres afirmam que precisavam estar atentas:

“Havia de fato poucas mulheres. Quando dava 4 horas da tarde, mulher nenhuma ousava descer na Vila Mauri, que era cheia de gente, só homens. As mulheres não desciam, não. A mulher não dava sopa na rua, não.” Josefa França

Praticamente não existiam opções de lazer e os operários tornavam-se clientes de uma florescente zona de prostituição chamada Alto da Mercedes. Os raros relatos sobre violência contra as mulheres referem-se às mortes por crises de ciúme e desentendimentos entre os clientes.

“Lá era o paraíso masculino, onde se aglomeravam os barracos das mulheres de vestidos de tule colorido e batons vistosos. Andavam de charretes ou jardineiras e atraíam a atenção de todos. Nós morávamos próximo de lá e muitas vezes acordávamos no meio da noite com gritos e estampidos de arma de fogo. Minha mãe advertia para ficarmos quietos, pois os tiros poderiam perfurar facilmente as paredes de madeira.” Walnizia dos Santos

“Muitas mulheres morreram, mortas por ciúmes. Uma vez, o homem gostava. O outro também gostava, porque a mulher era

bonita. A mulher não queria um, queria outro. Elas também matavam. Mulher matou muito homem lá, muito homem matou mulher, muitas mulheres bonitas morreram assim de tiro.” Ione Rodrigues

CANDANGAS OU PIONEIRAS?

“O pioneiro é questão de época e o candango é questão de alma.”
Helena Carvalho

“Eu me orgulho de ser candanga.” Salan Kosac

No dicionário do Folclore Brasileiro, de Luis Câmara Cascudo, a definição de candango é:

“Nome popular do trabalhador na construção da cidade de Brasília, nova Capital do Brasil. Estendeu-se a todos os colaboradores da obra comum. Envolve a imagem da tenacidade obrigatória e da servidão jubilosa e entusiástica; denominação dada pelos africanos de Angola aos portugueses e aplicada, na Zona Canavieira do Nordeste brasileiro, ao senhor de engenho; acepção vulgar de subalterno, imperfeito, inferior; vocábulo quimbundo. O nome transfigurou-se, por influência letrada, em título de honra, glorificando o operário de Brasília.”²⁵

“Em 1960, os candangos recebiam todo o seu salário e mandavam pra suas famílias, quer dizer que o candango em Brasília tinha alimentação, tinha lugar pra dormir, tinha acampamentos, tinha o forró, tinha o lugar de ficar.” Maria Coeli

Nos primeiros anos da construção, a palavra candango era vista como demeritória e aplicada ao homem simples, sem cultura.

“Candango queria dizer coisa ruim, sabia? Aquele que trabalhava

na obra bruta, que pegou no cimento, na terra, na pá, esses eram os candangos. Uma expressão que está no dicionário, eu fui procurar. Quer dizer coisa ruim, e se tornou o nome conhecido pelos candangos, aqueles que vieram pra pegar no pesado. Pioneiros são os primeiros homens que vieram, como Oscar Niemeyer, como Lucio Costa, Athos Bulcão, enfim, todos somos pioneiros. Eu me considero pioneira e tantas outras mulheres que você já entrevistou aqui são pioneiras.” Palmerinda Donato

Porém, com o passar dos anos e, por ter sido demonstrada ao mundo a força daqueles trabalhadores, muitas das primeiras moradoras de Brasília já se sentem orgulhosas de ostentarem o título de candanga (palavra não encontrada na bibliografia por nós pesquisada).

“O candango, pra muitas pessoas, era um adjetivo depreciativo. Eu não acho. Acho que Juscelino era candango, meu marido era candango, eu era candanga. Eu sou candanga com muito orgulho. Acho que candango é quem chegou com espírito. O pioneiro é questão de época e o candango é questão de alma. Chegou, ama Brasília, gosta do que Brasília é e do que Brasília dá, esse é o candango verdadeiro. Aquele que tem a terra de Brasília no sangue, não precisa ter nascido aqui.” Helena Carvalho

“Eu gosto de ser chamada de candanga, eu prefiro ser chamada de candanga do que de pioneira, porque o candango é aquele que deixou o seu estado. Eu amava Minas Gerais, meu colégio, minhas colegas e deixei tudo pra vir pra essa cidade. Assim como eu, os engenheiros, os médicos, os professores, todo mundo deixou alguém quando veio pra Brasília. Era uma missão mesmo. Nós tínhamos orgulho.” Maria Coeli

25 CASCUDO, Luís da Câmara – Dicionário do Folclore Brasileiro, vol. A-I, 3ª Ed. INL, 1972.



COMP
DA NO



N O

GE

NOME

CARGO

DATA

S.P.
15-65-30

COMPANHIA URBANIZADORA
DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

N O V A C A P



GREGINA ZANETTI

NOME

ANTAREM

TELEFONISTA

CARGO

2.11.58

DATA

5. AS RELAÇÕES DE TRABALHO

5. RELAÇÕES DE TRABALHO

“Naquela época a gente trabalhava demais, tinha que ser de dia e de noite. Tudo era para ontem, era como se fosse 10 anos em 1 ano.”

Mercedes Parada

DIA E NOITE SEM PARAR

A iminência da inauguração da nova capital exigia de todos, muita dedicação ao trabalho. A maioria dos relatos das mulheres reforçam a idéia de “colmeia humana”, onde o trabalho precisava ser ininterrupto e rápido.

“Eu tinha que ampliar as plantas dos terrenos para medir. Não tinha quase nada, recurso nenhum. Primeiro, fazia o perímetro. Dentro do perímetro era classificado primeiro o mato, que era o mais valorizado, o cerrado, várzea, o campo, que era o mais barato. Então aquilo tinha pedaço. Por exemplo, uma moita de mato grande, aquilo ficava pequenininho. O mato era 12 reais, o cerrado já era mais barato. Aí vinha o campo, que era o mais barato. Tinha várzea, que era úmida, né? Tinha que medir isso tudo separado com o valor, somar e dar cem por cento certo. O conteúdo de tudo com o perímetro era muito trabalhoso, por isso a gente tinha que emendar com a noite. Nosso horário de dormir mais cedo era às duas horas da manhã.” Mercedes Parada

“eu sentia muito bem, porque não ficava parado, fazia café, vendia café, fazia limpeza nos quartos dos engenheiros, não tinha problema nenhum porque a minha parte assim, fazer a comida, almoço pros engenheiros, café pros engenheiros, servia, lavava roupa, passava roupa” Maria Katuko

“A primeira mulher que pisou em Brasília foi eu, a primeira síria que entrou em Brasília fui eu, e depois começou a vir mais mulheres, mas no final de 57, como eu estou dizendo para você, nós fazíamos assim, chegavam mulheres e iam embora logo. Muita gente não gosta de sofrer, eu trabalhava desde às 5 horas da manhã.” Salan Kosac

O período inicial da construção foi marcado por situações

de intensa dificuldade para o trabalho braçal dos candangos. A remoção da terra e da vegetação, produzindo um pó avermelhado quase sufocante, aliada ao calor e à baixa umidade do ar da região, além do grande número de acidentes ocasionados pelo trabalho extenuante e pelas pouquíssimas horas de descanso do operário, contribuíram para inúmeros acidentes e desconforto dos trabalhadores da construção civil.

“... ao lidador da primeira hora de Brasília, não foram permitidos o ócio, a pausa, a vacilação. Daí a dureza das obrigações, quase desumanas, que todos sentiram nos regimes de serviços e na exigência da rapidez e da perfeição da obra.”

História de Brasília, Ernesto Silva, 1970.

Muitas mulheres trabalhavam em serviços gerais e buscavam assim, atenuar a dura labuta dos candangos:

“Mesmo com a minha pouca escolaridade, era tão mais fácil ganhar dinheiro naquele tempo. Era muito fácil, você lavava aquele mundo de roupa, e te davam seis mil reais, era dinheiro demais. Eu mandava não sei quanto para minha terra e ainda ficava com dinheiro, e eu só andava bonita, eu ia ao cinema, comia bem, sobrava dinheiro.” Hilda Ribeiro

“Era muito difícil, era muita dificuldade, a gente tinha que lavar roupa pra sustentar o marido, igual foi meu caso, ele ganhava pouco, eu doente ainda, eu era muito doente, mas venci.” Celina Quitéria

“...não tinha lazer nenhum não, aquele tempo era só cerrado, o lazer que eu tinha era cozinhar pros outros e lavar roupa.” Maria Katuko

“Meu marido veio ser gerente do Banco do Brasil e eu resolvi ir cozinhar para todos, porque todos queriam fazer economia, e nossas compras então foram divididas pelas pessoas que moravam lá. A mesa e os bancos eram de caixotes, mas eu sempre tinha uma toalha branca em cima. Tinha arroz, feijão, carne, verdura era muito pouco. Fizemos uma horta, plantamos verdura. Os homens gostavam de beterraba com cerveja.” Gerda Gumprich

EM 10 MINUTOS SE ENCONTRAVA TRABALHO

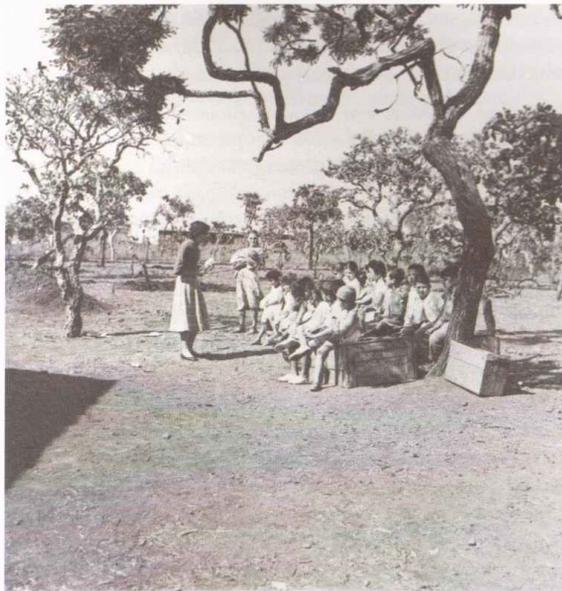
Hilda, contando-nos como era fácil encontrar trabalho naquela época:

“Emprego público em Brasília era assim: você sabe ler? Sei. Me dê sua carteira, você era contratada. Conheço muita gente que entrou na NOVACAP como contador de tijolo, carregando pra fazer a casa do doutor Ernesto, fazer a casa do doutor Jaime, que eram os engenheiros que moravam ali no caminho do Gama. Foram contratados e depois reclassificados engenheiros, contador, porque disseram que era contador e naquele tempo não tinha esse negócio de diploma.” Hilda Ribeiro

Muitas mulheres vieram acompanhando seus maridos. Algumas afirmam que se elas não estivessem aqui, lutando lado a lado, eles não teriam resistido à solidão e às agruras do trabalho nas construções.

“Minha mãe (Golda) realizou o sonho da vida dela, que era trabalhar e ser autônoma, de ser uma mulher emancipada, a despeito que, na época de 60, ela não podia comprar nada sem autorização do meu pai. Não se abria crédito para mulheres sem assinatura do marido. Ela era muito revoltada com essas coisas. Ela buscou a emancipação dela e a vinda para Brasília ajudou muito.” Iara Pietricovsky

“Eu trabalhava como locutora na rádio comunitária A VOZ DE BRASÍLIA. Então eu funcionava de 9 às 11h, ia pra casa fazer o almoço, aguardava a chegada do marido e à noite trabalhava de novo, das 7 às 10h. Eu iniciava o trabalho assim: ‘Você ouvem a voz de Brasília, serviço de alto-falante que vende sem fugir da verdade, com intuito de servir apenas à comunidade’. Aí botava uma musiquinha, depois uma propaganda, a publicidade, nós tínhamos o prefixo. ‘Esse é o serviço de alto-falante a voz de Brasília, a arte de vender sem fugir da verdade’. Do lado da rádio ficava os caminhões das construtoras. Muito rápido se conseguia emprego.” Cleusa Senna



PROFESSORAS

“Minha mãe dizia que toda moça, filha de pobre, tinha que ser professora e os rapazes, médicos. Aquela história da cultura da época. Eu disse: ‘Ah, se surgisse um concurso de professora para Brasília...’ Ela me disse: ‘Pois surgiu, quarta-feira eu vi no jornal que vai haver um concurso nacional pra recrutar professores pra Brasília’. Isso foi janeiro de 60. Foi a melhor coisa da minha vida, ser professora em Brasília” Marta Cintra

Cerca de 30% das mulheres que aqui chegaram eram solteiras. Nos relatos percebe-se que muitas dessas mulheres chegavam com sua auto-estima elevada por estarem conquistando sua independência sócio-econômica. O fato de terem sido selecionadas por concurso público comprovava sua

competência e ainda as fazia contribuir para a construção da nova capital por meio do exercício de suas funções como professoras, médicas ou enfermeiras. Os salários oferecidos eram bem maiores que a média nacional.

“Eu tinha 20 anos. Era o maior sucesso vir trabalhar com Juscelino em Brasília. Fiz o concurso, passei, e fui receber a ajuda de custo. Eu nunca tinha entrado numa agência bancária. Aí fui para o Banco do Brasil. Eu ia ganhar 25 contos de réis, na época. Uma professora de gabarito, em Pernambuco, ganhava 3. Eu vinha pra cá, menina, pra ganhar 25. E eu fui das 5 professoras de Pernambuco.” Marta Cintra

“Brasília era uma cidade que dava dobradinha para o professor, para o professor se animar e trabalhar melhor. Então eu fui muito estimulada a sempre ser professora alfabetizadora. Naquela época valia muito ser uma professora alfabetizadora.” Maria Coeli

“O papel das mulheres, naquela época, era de uma seriedade fora de série. Era uma coisa muito boa, era um conjunto assim, parecia uma família, representava muita coisa. Naquele tempo aqui a senhora não sabia quem era o bom, quem era o ruim. Parecia uma irmandade. Dona Sarah Kubistchek nunca teve o privilégio, morava numa casa de madeira como todo mundo. Tudo era igual.” Hilda Ribeiro

Por concurso público, foram selecionadas as melhores professoras do Brasil. O processo educacional, em formação em Brasília, teve o privilégio de contar com educadores inovadores, como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Considerado o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século 20, Anísio Teixeira (1900-1971) foi pioneiro na implantação de escolas públicas para todos os níveis. Afirmava ser necessária “uma educação em mudança permanente, em permanente reconstrução”.

Didática da ação

As novas responsabilidades da escola eram, portanto, educar em vez de instruir; formar pessoas livres em vez de pessoas

dóceis; preparar para um futuro incerto em vez de transmitir um passado claro; e ensinar a viver com mais inteligência, mais tolerância e mais felicidade.

“Eu cheguei inovando com coisas que eu tinha aprendido lá no Rio, contando e cantando com os meninos, mandando eles sentarem no chão para ouvirem histórias. As outras professoras mais tradicional, me criticavam. Falavam assim: ‘ah, ela manda os meninos sentarem no chão’. E os meninos das outras salas queriam mudar para a minha sala por causa dessas novidades de sentar no chão (risos). As outras professoras falavam para andar em fila, aí eu falava: nada de fila, vocês não estão no exército. Andando perto de mim, a sala de música era separada, a gente saía de uma sala, ia para sala de música com um monte de menino caminhando livremente e felizes.” Orbella Lobo

As professoras eram estimuladas a terem uma nova visão da psicologia infantil. O próprio ato de aprender, dizia Anísio, durante muito tempo significou simples memorização. Depois seu sentido passou a incluir a compreensão e a expressão do que fora ensinado. Por último, envolveu algo mais: ganhar um modo de agir. Só aprendemos quando assimilamos uma coisa de tal jeito que, chegado o momento oportuno, sabemos agir de acordo com o aprendido.

“Os alunos eram uma coisa muito importante, filhos dos pioneiros, dos candangos, tudo misturado. A maioria eram nordestinos e goianos. Isso era novo para mim. Vim do Rio Grande do Sul, nunca tinha visto um nordestino. Aprendi muito com eles, foi uma troca de aprendizagem muito grande.”

Therezinha Rodrigues

Para ser eficiente, dizia Anísio, a escola pública deve ser de tempo integral para professores e alunos, como a Escola Parque por ele fundada, em 1950, em Salvador, que inspiraria, mais tarde, a criação das Escolas Parques de Brasília.

“A primeira escola que eu lecionei era uma escola de madeira na Candangolândia. Era mais ou menos assim: contar história, era mais oral, perguntava, entrava tudo, português, matemática essas coisas, porque não tinha condições. Para escrever, os

alunos pegavam uns pedaços de madeira queimados e escreviam no papel que surgia (risos). Depois melhorou, fomos para a 21 de abril.” Orbella Lobo

O PLANO DE SAÚDE E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

“Nós ficamos aqui porque acreditávamos que o plano médico hospitalar de Brasília era perfeito. Quando viemos aqui, em fevereiro, nos interessamos por ver o plano como era e era uma perfeição. Era o ideal para atendimento de paciente e médico trabalhar. Um projeto inovador, só que nada disso se realizou.”
Jurema Toscano

O Hospital do IAPI, popularizado pela sigla JKO, em homenagem ao presidente Juscelino, foi o grande centro médico durante as obras de construção de Brasília, desde sua inauguração, em 5 de julho de 1957, até o início do Hospital Distrital, hoje, Hospital de Base. Quando de sua inauguração, já existiam mais de seis mil trabalhadores nas obras de construção da nova Capital. Localizava-se próximo à Administração da Novacap e a um passo da Cidade Livre.”²⁶

“O hospital lá era de madeira, tudo precário também, mas sempre era o que tinha aqui. Era o que tinha, porque era o que atendia o IAPI naquela época, o que atendia os funcionários, os empregados das obras.” Jurema Toscano

“Casei aqui, depois tive três filhos. Uma filha nasceu no hospital JKO, lá perto do Bandeirante. O hospital já era bem montado, foi parto normal. Muito direito, muito limpo, muito organizado, tinha enfermeira, tinha quem fazia cirurgia, fazia tudo lá.”

Ísis Guimarães

Enquanto a cidade crescia, os responsáveis pela administração, já imbuídos da certeza de que a nova capital concentraria uma grande população, trabalhavam na elaboração do definitivo Plano Médico Hospitalar de Brasília e na constituição de um conselho de saúde e de um conselho comunitário para a saúde.²⁷

26 VASCONCELOS, José Adirson, A Epopéia da Construção de Brasília, 1989, Brasília, DF, pg. 129

27 As informações relativas ao plano de saúde e à equipe que integraria os hospitais tiveram como referência o livro: SILVA, Ernesto, História de

O plano teria como objetivos principais eliminar a dispersão dos recursos, a valorização do doente, a moralização da profissão médica, evitar os deslocamentos dos doentes (com a descentralização do atendimento) e democratizar as decisões com o acesso público ao conselho comunitário de saúde.

A equipe que iria integrar os novos hospitais foi selecionada por concursos de títulos e chegou a Brasília, vinda dos mais diversos estados do país, em 19 de abril de 1960. Havia cerca de 40 pessoas, dentre elas 3 mulheres, 2 médicas e 1 enfermeira. A Dra. Jurema Toscano foi uma das integrantes da equipe médica:

“Na verdade, nos primeiros tempos, não havia consultório, era só parto atrás de parto. Cheguei numa ocasião a fazer 20 partos numa noite”

Divergências de toda ordem, a começar pelo horário de trabalho dos médicos e a eliminação da Unidade de Saúde nos hospitais, fizeram com que o plano fosse perdendo as suas características e não fosse totalmente implantado.

PARTEIRAS

“Entre 58, 59, 60, eu fiz tantos partos que não sei quantos foram”
Cacilda Bertoni

Muitas mulheres ainda faziam seus partos em casa, com parteiras, que eram verdadeiros anjos da vida, e levavam consigo todo o equipamento necessário para que o parto ocorresse em segurança.

“Atendia nos acampamentos, e era longe para sair de uma construção a outra, e eu com a bolsa de parto que eu levava até com água, porque chegava lá não tinha água, às vezes. Eu tinha luva, todo o instrumental cirúrgico, remédio pro olho do neném e ainda chegava em tempo de fazer o parto...” Cacilda Bertoni

“eu quando vim pra cá tinha 23 anos, quando ganhei a primeira menina tinha 20 anos, a caçula nasceu aqui, ela é candanga

Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade – 5ª ed., Brasília, cap. XXXIV

legítima, ela nasceu no acampamento no Cruzeiro, Tavares Pinheiros. Em casa, como todo mundo, naquela época ninguém ia pro hospital não. Todo mundo ganhava neném em casa, em casa com parteira. A Dona Cacilda, enfermeira, ela que fez o meu parto. Maria Katuko

“... eu vim aqui fazer um parto ali na Vila Planalto. Um caminhão basculante foi me buscar. Alguém soube que eu era enfermeira e foi me buscar pra fazer o parto. Eu deixei minha filha de dois meses com a minha cunhada e vim. Eu tinha todo aquele material: luva, até anestésico pra fazer bico. A casa era muito pobre, mas eu fiquei ali. Eu examinei, dei um banho na senhora. Eu cheguei 6h da tarde e fiquei até lá pra meia noite. As dores aumentaram e o marido dela, que já tinha chegado do serviço, estava lá sentado na sala e começou a beber, beber. Eu com ela lá no parto, paciência, paciência... Quando as dores aumentaram, ela começou a gritar, o marido dela saiu de lá, ele estava bebendo e entrou no quarto, pegou uma carabina que estava ali no canto e veio dizendo: ‘eu vou me matar e vou matar minha mulher com filho e tudo’ e eu: Meu Deus, meu Deus. Aí eu empurrei ele, tive uma força de não sei aonde, fechei a porta. Era uma tramela. Eu tremia, eu tremia. Aí voltei e daí a pouquinho a criança nasceu.” Ladir Alarcão

PROSTITUTAS

Muitas mulheres vieram para Brasília atraídas pela grande quantidade de homens e de dinheiro que havia aqui durante o período da construção.

“Na construção de Brasília, a proporção de mulheres solteiras era, em algumas áreas, de 17 para cada grupo de 100 homens solteiros. O que poderia ser chamada ‘A questão feminina’ tornou-se fonte de conflito, interna e externamente, para o conjunto dos trabalhadores. Milhares de indivíduos depararam com uma situação incomum em termos das proporções entre homens e mulheres que formavam suas experiências sociais anteriores. Em face disso, surgiu uma grande e movimentada zona de prostituição na Cidade Livre que, por força da sua própria dinâmica interna, foi palco de várias rixas quando,

sob o efeito do álcool, os operários competiram disputando prostitutas atraídas por aquele grande mercado”.²⁸

A zona de baixo meretrício mais popular era localizada perto do Núcleo Bandeirante e era chamada Placa da Mercedes. Lá trabalhavam as mulheres pobres que atendiam os candangos.

“A zona que falavam era lá na placa da Mercedes. Porque placa da Mercedes? Porque havia uma placa muito grande da Mercedes Benz. A placa da Mercedes fica ali depois da Divineia, e quando a gente chegava lá, era muito feio o que eu via. Elas sentavam de qualquer jeito e todas já esgotadas da noite.”

Gláucia Nascimento

“...então a gente sabia que lá próximo havia uma zona de baixo meretrício, que os homens frequentavam porque eles não tinham as esposas. As famílias tinham ficado, era uma região que as crianças não podiam chegar perto, era a zona proibida.”

Walnizia Santos

Porém havia boates de luxo, com mulheres trazidas dos diferentes estados do Brasil e até de outros países, que atendiam os políticos e funcionários graduados.

“As mulheres lá eram bem diferentes das outras, né? Era mais mal vestidas, tinham chinelinho no pé, roupa muito curta, tinha muita mulher bonita, mas não tinha muito trato. Na casa que eu trabalhava, a dona era muito exigente. As mulheres eram mais chiques, mais bem calçadas, eram mulheres elegantes. Tinham os vestidos longos, não calçava sapato baixo sem meia, só sapato alto com meia.” Ione Rodrigues

“... ela mandava as mulheres da nossa casa virem de fora, ela mandava telegrama e mulher que queria vir pra cá, ela mandava a passagem. A casa era cheia, tinha 42 quartos e esses 42 quartos eram ocupados. Vinha mulher de Goiânia, vinha mulher de tudo quanto é Brasil e vinha japonesa. Tinha uma dos Estados Unidos, uma americana, essa que o Juscelino gostava. Chamava Lúcia, era essa que ele gostava, tinha mulher de todo tipo, tinha da Colômbia, do Paraguai tinham 4 mulheres, porque quando

28 GUSTAVO, Lins Ribeiro, O capital da esperança: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília, 2008, Unb, pg. 108

“A zona que falavam era lá na placa da Mercedes. Porque placa da Mercedes? Porque havia uma placa muito grande da Mercedes Benz. A placa da Mercedes fica ali depois da Divineia, e quando a gente chegava lá, era muito feio o que eu via. Elas sentavam de qualquer jeito e todas já esgotadas da noite.” Gláucia Nascimento

vem, vem a turma, né? Por isso que tinha muita mulher na casa.” Ione Rodrigues

“os políticos frequentavam lá ,com os capangas deles e outros amigos, tanto que a gente não dava nem pra falar o nome, muitos até já morreram. Eu não posso nem falar, que tem outros vivos porque tinha um mulher muito bonita que morava lá, elegantes.” Ione Rodrigues

Considerando que não encontramos, na bibliografia pesquisada alusões sobre o convívio social das prostitutas, o comportamento dos homens no dia do pagamento e sobre as burocracias para admissão na profissão aqui em Brasília, optamos por mencionar abaixo apenas o depoimento das mulheres.

As prostitutas e o convívio social

“Essas mulheres eram reconhecidas facilmente, porque elas eram muito vistosas, se pintavam muito, roupas muito coloridas e transparentes. Eu reconhecia os tecidos das roupas. Quando elas passavam na rua, os homens jogavam piadinhas, e muitas respondiam até com palavras de baixo calão.” Walnizia Santos

“Elas eram proibidas de vim pra cá pro Núcleo Bandeirante. Elas só frequentavam a Vila Parafuso e a placa da Mercedes.”

Hilda Silva

“... a minha mãe trabalhava nessa zona de prostituição. Ela não era excluída pelas mulheres e nem tampouco pelo povo que estava fora da igreja. A minha mãe era uma pessoa de igreja, que comungava todo dia, mas a minha mãe sempre teve uma distinção muito grande por essas mulheres. Eu, por exemplo, fui alfabetizada por uma mulher da vida em uma outra região, porque elas são muito sensíveis, principalmente ao sofrimento dos outros. A minha mãe tinha carinho com essas mulheres.”

Maria Maura Figueiredo

Os homens e o dia do pagamento

“... os homens era de fila, minha filha. Muito homem mesmo e tinha gente até o dia amanhecer. Amanhecia o dia, anoitecia e tornava a amanhecer. Eu era magrinha, dessa finura, de tanto trabalhar. Corria a noite inteira. Quando era no fim de semana, pagamento em Brasília, o povão ia tudo no sábado. Iam políticos, iam os candangos, ia homem de toda espécie, que a gente não pode distinguir se estava com dinheiro, né? Eles todos baixavam lá onde eu trabalhava. Não era só lá onde eu trabalhava e depois abriu uma outra também.” Ione Rodrigues

“No dia do pagamento elas se enfeitavam. Tinha cabeleireiro lá em casa, tinha a manicure. Porque a dona mandou fazer um salão. Elas ia ficar muito bonitas no dia do pagamento”. Ione Rodrigues

Registro de entrada e exame de saúde

“As mulheres que chegavam eram registradas e a gente tinha que levar o livro lá na polícia. Tinha o livro de entrada e saída de toda mulher e a idade. Mulher de menor não podia, tudo controlado. No fim de semana, eu tinha que levar o livro lá em Luziânia pro delegado ver, repassar e carimbar o livro”.

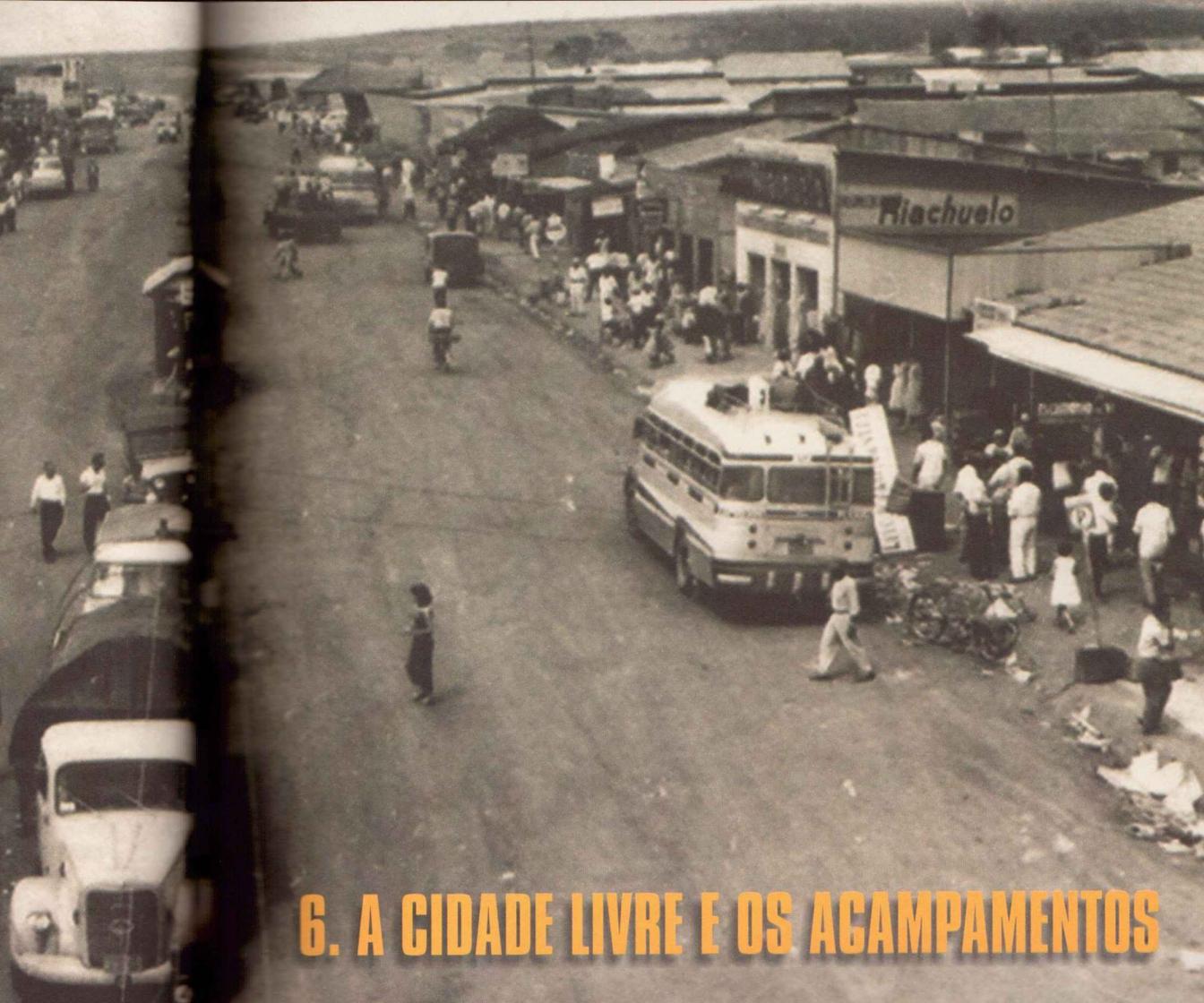
Ione Rodrigues

“As prostitutas eram obrigadas a serem examinadas antes de entrar em serviço. As que estavam em condição, recebiam autorização, e as que tinham qualquer problema, o médico realmente não permitia. E muitas não gostavam de ser examinadas, porque eram pessoas simples, ignorantes”.

Maria das Neves Morici

“as mulheres que chegavam eram registradas e a gente tinha que levar o livro lá na polícia, tinha o livro de toda entrada e de toda saída da mulher: a idade, mulher de menor não podia, tudo controlado(...)toda mulher tinha uma carteira de saúde todas elas, e tinha que fazer exame ginecológico” Ione Rodrigues





6. A CIDADE LIVRE E OS ACAMPAMENTOS



nosso 1º Residência

“Meu marido mandou uma foto do barraco que a gente ia morar no Núcleo Bandeirante. Primeiro eu levei um susto e depois eu fiquei rindo. Eu disse: esse barraco parece um galinheiro velho, impossível alguém morar nisso. Quando cheguei, em 1957, vi que era verdade, a nossa casa servia para guardar material de construção da sede provisória do Banco do Brasil.”

Gerda Gumprich

6. A CIDADE LIVRE E OS ACAMPAMENTOS

No período de construção de Brasília, as áreas residenciais se confundiam com os canteiros de obras. Os homens solteiros viviam em alojamentos e as famílias, nos acampamentos contíguos ou próximos das obras, ou ainda na denominada Cidade Livre, primeiro acampamento operário da capital.

Gustavo Lins Ribeiro, em seu livro, 'O Capital da Esperança', descreve as razões da denominação Cidade Livre para o Núcleo Bandeirante:

"Chamava-se Cidade Livre justamente por ser, inicialmente, a única área onde se podia entrar livremente para estabelecer residência ou desempenhar uma atividade e por ser uma área na qual se incentivava o estabelecimento de comerciantes mediante a isenção de impostos".²⁹

"Eu vim dia 11 de maio de 1959. Eu fui morar na Cidade Livre. Era uma cidade pré-fabricada. A Cidade Livre era uma cidade que você chegava, olhava assim: Isso aqui tá vago? Assentava esse barraco e dali você só saía pra uma casa ou uma coisa assim, mas tudo improvisado." Leocádia Paradela

A Síntese Estatística de Brasília, publicada pelo IBGE em 1957, atesta que, dos 6.283 habitantes do Distrito Federal, cerca de 2.212 pessoas, sendo 874 mulheres, moravam no Núcleo Bandeirante.

"Eu morei na terceira avenida. Era casa de madeira. Quando eu cheguei, eu morei numa sala, em 1957. A Cidade Livre estava sendo construída, tudo de madeira, e havia pessoas que tinham vindo investir também. Eles construíam galpões enormes, separados em salas. Eram salas com um cômodo único, com um banheiro lá no final do corredor." Cleusa Senna

29 RIBEIRO, Gustavo Lins. O Capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília, Ed. Unb, 2008, pg.73

As mulheres selecionadas por concurso público ficavam em apartamentos ou no alojamento para professores, no Núcleo Bandeirante.

"Desembarcaram aqui 103 professores concursados. Ficamos alojados naqueles apartamentos JK, que era 'janela e kitnet', mas o povo chamava o prédio de JK como se fosse uma homenagem ao Juscelino Kubitschek, mas não era, era apenas janela e kitnet. As pessoas que tinham filhos, que chegaram com família já constituída, ficaram num apartamentinho só. As solteiras dividiam o apartamento. Eram 2 bloquinhos, o 12 e o 13 que estão lá hoje firmes e fortes, lá no mesmo cantinho, na 412 Sul. A quadra era a mesma, só os blocos eram numerados. O nosso bloco era 13, pros professores, 12 e 13." Marta Cintra

Segundo Maria Inês Fontenele Mourão, naquela época era muito fácil conseguir um lote para morar:

"Lembro-me que a gente estava na hora do recreio e nossa escola ficava bem perto da Administração e uma professora falou: corre, gente, que estão dando lote para todo mundo (risos). Ai não deu outra: a gente pediu para a diretora da escola e fomos lá tentar conseguir nossos lotes."

CASAS DE MADEIRA E ACAMPAMENTO

Era clara a distinção entre as moradias destinadas aos técnicos e políticos e aos operários em geral, apesar de todas as casas serem construídas em madeira³⁰.

"Mudamos para Brasília no ano de 1957, não tinha ainda nada. As coisas eram trazidas de São Paulo e do Rio de caminhão, e nós então conseguimos uma casa de madeira no Núcleo Bandeirante, que ficava em frente à igreja de Dom Bosco. A minha casa era muito simples mas era grande. Era uma casa

30 In Marcos do processo de formação do espaço urbano de Brasília - Tony Marcelo Gomes de Oliveira - Univ. Hum. Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 49-76, jan./dez. 2008

de madeira vistosa, um quarto. Só nesta minha casa do Núcleo Bandeirante é que tinha água, as outras não tinham. Tinha uma torneira que fornecia água para todas as vizinhas.”

Maria das Neves Morici

“Cheguei na Cidade Livre, o meu marido já tinha construído uma casinha de madeira para a gente com sala e dois quartos, banheiro e cozinha sem fogão.” Salan Kozac

“Meu marido mandou uma foto do barraco que a gente ia morar no Núcleo Bandeirante. Primeiro eu levei um susto e depois eu fiquei rindo. Eu disse: esse barraco parece um galinheiro velho, impossível alguém morar nisso. Quando cheguei, em 1957, vi que era verdade, a nossa casa servia para guardar material de construção da sede provisória do Banco do Brasil.”

Gerda Gumprich

“um barraco de madeira, sala, quarto, cozinha, bem pertinho de um córrego, não tinha água encanada, tinha luz, e tinha um córrego perto, era onde a gente pegava água” Luiza de Souza

AS MULHERES NA CIDADE LIVRE

A Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante, era um lugar de trabalhadores pioneiros e de suas famílias, mas muitos homens chegavam sozinhos e só depois, quando estivessem melhor instalados, traziam suas esposas e filhos. Tudo estava em construção e, por isso, havia muita precariedade.

As maiores dificuldades relatadas pelas mulheres eram a falta de assistência médica adequada e infraestrutura básica. Como não havia alternativa, muitas tiveram que recorrer aos serviços de parteiras, que faziam os partos em casa:

“Eu estava para ganhar neném, caminhei muito para chegar no hospital do IAPI. Não tinha anestesista, o menino estava de barriga, e eu com contração direto. Me botaram na mesa, me amarraram as pernas, me amarraram os braços e me meteram

“Cheguei no acampamento da Pacheco Fernandes. A surpresa foi do meu marido, que não me esperava. Eu tinha acabado de casar e vinha de Barcelona, toda arrumadinha. Eu pensei: e agora? Como que eu vou sair no mato com essa roupa? Pus uma calça comprida e uma blusa do meu marido, depois, chamaram três senhoras que tinham chegado naqueles dias e, juntas, fomos arrumar a ceia do Natal. Trouxeram uns perus mortos não sei de onde. Eu nunca tinha tirado pena de peru.” Carmela Nin Escuder

o bisturi a seco, me tiraram o menino, e eu sentia o sangue quente correndo na barriga. Olha, eu passei seis anos traumatizada. Fiquei 11 dias no hospital. Me deram alta pra eu morrer lá fora.” Luiza de Souza

Muitas mulheres esperavam, por parte dos maridos, a sinalização de que poderiam vir com as famílias para se instalar na cidade em construção. Outras vieram acompanhando seus maridos e aqui buscaram melhores alternativas de vida pessoal e profissional.

“Vim pra Brasília recém-casada com o meu marido, que era engenheiro, com a finalidade de construir Brasília, ajudar na construção, com os pioneiros. Eu cheguei em 27 de janeiro de 1959. Meu marido veio no final de 1958, ainda solteiro, já para preparar a nossa vida de casados. Então, aqui que ele conseguiu a residência para engenheiros na fundação da Casa Popular. Depois fui buscar o que fazer para ajudar também.” Helena Carvalho

O fato de ter mais homens que mulheres contribuiu na hora de “arranjar marido”:

“Eu fazia aqui em casa reunião todo sábado ou domingo, para espantar a solidão. Convidava colegas e fazia um jantarzinho. Casei muitas moças aqui, elas me diziam, meia acanhadas, que vinham para arranjar marido.” Márcia Almeida

“Eu morava perto, onde paravam os caminhões cheio de gente que chegavam na Candangolândia. Toda hora aparecia uma moça procurando trabalho. Ficava lá em casa no máximo 2 dias. Diziam que tinham que ir embora, porque encontraram com um primo ou com fulano, mas não era nada, era namorado. Parecia que vieram para arranjar marido. Sem brincadeira, num mês eu contei, eu tive 21 empregadas.” Mercedes Parada

SOLIDARIEDADE COM OS CANDANGOS

Os candangos que estavam saudosos das famílias pediam para que as mulheres escrevessem cartas contando a vida na capital em construção:

“...imagina na época lá no Núcleo Bandeirante, quando era domingo, o pessoal das obras, aquele pessoal pobrezinho queriam escrever pra família que estava no norte. Eu morava perto do correio, muitos deles pediam pra gente escrever a carta pra eles: ‘eu quero mandar notícia pra minha mãe, eu sentava ‘como é o nome da sua mãe?’, escrevia quando terminava dizia ‘quanto é que é?’, a inocência deles, ‘é nada, eu quero que a sua mãe receba a carta, fique super feliz de estar recebendo a carta de um filho’. Por isso que eu digo, eu volto mil vezes.” Georgina Câmara

VIDA NOS ACAMPAMENTOS

Nos acampamentos, situados próximos ao Núcleo Bandeirante, trabalhavam os integrantes da NOVACAP e os engenheiros que residiam nos acampamentos das construtoras.

“No Núcleo Bandeirante ficavam mais aquelas pessoas que vieram pra comércio. Agora as pessoas que vieram trabalhar em Brasília, com profissões liberais e tudo, ficavam mais era na VELHACAP, tanto que o restaurante das pessoas era ali na VELHACAP. Tinha também o SAP, que era um restaurante que tinha na época e receberam.” Isis Guimarães

“Era muito gostosa, era alegre a vida no acampamento do ISAB, na 207 sul. Meu marido era engenheiro experiente e veio para construir rapidamente o prédio onde seria o apartamento do Juscelino e da família. Era um apartamento duplo, num prédio da 20. Nós morávamos numa casa nossa, lá no acampamento. Tinha restaurante, tinha cineminha. Mandavam buscar os filmes nos grandes centros e passavam à noite. Tinha festa juninas.” Helena Carvalho

INVASÕES

Para estimular a vinda das pessoas a Brasília, em especial, para os que já eram funcionários públicos no Rio de Janeiro (antiga capital) ou foram selecionados por concursos públicos, havia a determinação de que essas pessoas teriam direito à moradia, mas essa distribuição nem sempre foi respeitada. Com isso, algumas invasões de casas e apartamentos ocorreram:

“..houve invasão naquelas casas germinadas da W3, porque a proposta era que quem viesse para Brasília tinha o direito à residência pelo governo, Muitas vieram e chegaram aqui e a promessa não foi cumprida. Cumpriram aquelas para as que eram , amiguinhas dos mandantes. Então o grupo fazia, reuniam um tanto de professores homens e mulheres e invadiam , entravam dentro da casa que estava fechada e passavam morava lá.” Maria das Neves Morici

“Eu e meu irmão invadimos um apartamento na Asa Norte, chamado COFAP. Aquela turma não tinha casa, aí se juntou aquela porção de gente da GEB (sorrindo) e nós fomos lá e botamos um bocado de colchão da GEB e fomos dormir tudo lá dentro. Nós parecíamos uns animais dormindo nesse apartamento.” Hilda Ribeiro

“Os apartamentos da 409/410 já estavam prontos há muito tempo, mas o pessoal que vinha do Rio não queria aqueles apartamentos, queriam os apartamentos das 300/100, então eles invadiram os apartamentos. Ela chegou no trabalho e falou “Zeni, invadi um apartamento na 409, vamos pra lá que você vai invadir pra trazer a sua mãe. A gente arrombou a porta, era polícia na quadra inteira...” Zeni Moreira

REMOÇÃO DAS FAVELAS

A partir de 58, a quantidade de candangos na Cidade Livre começou a superar todas as expectativas. “Segundo o senso experimental de 1959, a Cidade Livre cresceu, de julho de 1957 a março de 1958, de 2.2.12 habitantes para 7.033 (217,9%)”³¹

Com a seca do nordeste chegaram inúmeros migrantes e a Cidade Livre parece ter chegado ao seu limite, pois a já pequena infraestrutura não absorve a grande quantidade de pessoas que continua a chegar.

Os migrantes começam um processo de invasão da Cidade Livre e são criadas, antes mesmo da inauguração de Brasília, favelas, como a Sacolândia “que aponta para a precariedade dos materiais utilizados na construção dos abrigos das famílias: sacos de cimento, papelão, restos de material de construção, dentre outros.”³²

“A Vila Amauri também foi coberta. Era uma vila que chamava de Sacolândia porque era feita de madeira e sacos de cimento, era pra abrigar a turma, tinha muita gente lá, 2000 pessoas.”

Helena Carvalho

“Como Núcleo Bandeirante era muito ‘assim’ de gente, então eu vim e fiz um barraco lá na invasão, IAPI, aqui de frente a Candangolândia, onde tem hospital, aí eu comecei a alfabetizar pelo MEC, na invasão do IAPI. Meu marido fez numa casa grande, aí começou a vir nordestino, começou a vir nordestino, recebia muitos, aqui dentro de Brasília, só trabalhava pra dar comida pra esse povo.” Luiza de Souza

O corpo tecnocrático – arquitetos, pesquisadores e políticos, era acolhido nos melhores ambientes da cidade, e os operários eram removidos para as distantes cidades satélites, logo após a conclusão das obras em que estavam engajados no Plano Piloto.

“Meu marido construiu o Palácio da Alvorada e não conseguiu um bom lugar para a gente morar.” Maria Katuco

O processo de remoção inicial se deu antes mesmo da inauguração de Brasília, no ano de 1958, com a transferência dos moradores da favela Sarah Kubitschek, localizada ao longo da rodovia Brasília-Anápolis, para a recém-criada cidade satélite, Taguatinga. As remoções perduraram por toda a década de 60 e se intensificaram na década seguinte à inauguração da Capital Federal.³³

Uma de nossas entrevistadas, Lilian Magnavita, presenciou, na rodoviária de Brasília, várias famílias de candangos obrigadas a entrar em ônibus que os levavam de volta a sua terra natal. Ela traduziu essa injustiça nesse poema:

32 Idem, pg. 240

33 VESENTINI, 1986, p. 157

31 RIBEIRO, Gustavo Lins, O capital da Esperança, pg.236

Aqueles Candangos

*'Aquele candangos , eu os vi chegar,
carregando o peso da crueldade, arrastados pela força da miséria,
eram homens, mulheres e crianças,
contrastes de receios e esperanças, abatidos, quase nus,
traziam na pele tostada a marca sangrenta dos mandacarus,
era a marcha forçada para o oeste que levantava o norte, o sul e o leste,
em grupos eles iam vencendo caminhos,
onde tombavam homens erguia-se uma cruz, nos braços da estrada abertos para a luz,
e na linha longínqua do horizonte ouvia-se a voz da alvorada,
avante era Brasília, menina que crescia sob a roupagem azul do céu sem fim,
mostrando a face iluminada de esperanças que ao pobre sertanejo fez chorar,
íntimas lágrimas, lágrimas de alegria cristalina, orvalho em noite de luar,
era a alma sertaneja que surgia, era a conquista do pão de cada dia,
o nordestino, bravo e forte, fez-se candango , desbravou a terra, construiu aqui o baluarte da fé,
Brasília menina, Brasília mulher,
depois eu os vi partir, estavam mais sujos, mais rotos, mais sulcadas as covas dos seus rostos
nada restava daqueles seres, nada,
eram sombras místicas que se desagregavam como partículas soltas de noite sem destino,
somente a alma ultrapassava o abismo intacta, simples, imensurável, eterna,
Esta, senhores é a outra face de Brasília, mergulhada na sombra da miséria.'*

Lilian Magnavita

7. O GOLPE MILITAR EM BRASÍLIA - 1964



7. O GOLPE MILITAR EM BRASÍLIA - 1964

“Ah, a ditadura foi pesada. Nas escolas, em todo lugar foi pesado. Tinha hora que eu pensava no sonho de JK, de Darcy Ribeiro, de Anysio Teixeira, tanta alegria e agora o golpe militar. Um tempo horrível, a ditadura.” Marta Cintra

Brasília foi uma cidade construída com grandes ideais de liberdade. a intervenção das forças armadas em Brasília e as suas regras antidemocráticas, culminando com o exílio do Presidente, cassação de mandatos parlamentares e a expulsão de professores contrastavam com as propostas da cidade libertária e igualitária que Brasília pretendia ser.

“eu vi muitos amigos meus sendo torturados, a universidade sendo invadida e nós tínhamos um casal amigo que eram professores do CIEN e me ligam dizendo que estavam precisando de comida, ela tinha seis filhos, grávida do sétimo, a universidade cercada, com militares, metralhadoras, parados a cada instante, eu só não fiquei deprimida porque não dava, não tinha tempo para ficar deprimida, a Câmara dos Deputados fechada...”
Golda Pietricovsky

A crise econômica e a instabilidade política se propagavam no país. Jango propôs as reformas constitucionais que aceleraram a reação das elites, criando as condições para o golpe de 64. Com as reformas, Jango pretendia controlar a remessa de dinheiro para o exterior, dar canais de comunicação aos estudantes e permitir que os analfabetos, maioria da população, votassem.³⁴

O estopim do golpe militar aconteceu em março de 1964, quando Jango, após um discurso inflamado no Rio de Janeiro, determinou a reforma agrária e a nacionalização das refinarias estrangeiras de petróleo.

Imediatamente, a elite reagiu: o clero conservador, a imprensa, o empresariado e a direita em geral organizaram, em São Paulo, a “Marcha da Família Com Deus pela Liberdade”, que reuniu cerca de 500 mil pessoas. O repúdio a qualquer tentativa de ultraje à Constituição Brasileira e à defesa dos princípios,

garantias e prerrogativas democráticas constituíram a tônica de todos os discursos e mensagens.

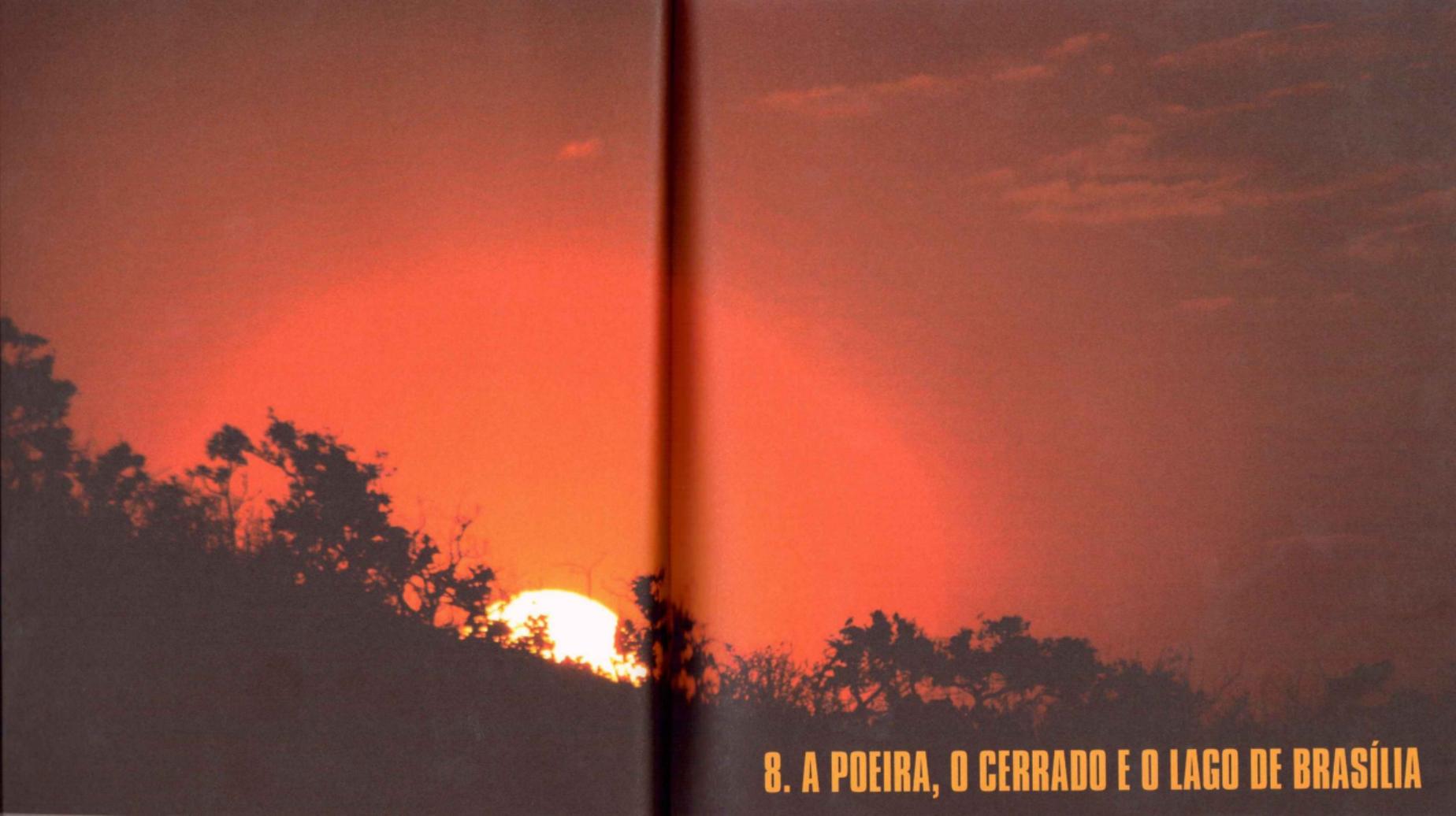
Apesar da manifestação, em 31 de março os militares iniciam a tomada do poder. No dia 2 de abril, o presidente João Goulart partiu de Brasília para Porto Alegre e assumiu a presidência interinamente. Dois dias depois, João Goulart se exilou no Uruguai.

Em 9 de abril, foi editado o AI-1 (Ato Institucional número 1), que depôs o presidente e iniciou as cassações dos mandatos políticos. No mesmo mês, o marechal foi empossado presidente com um mandato até 24 de janeiro de 1967.

“A ditadura nos impedia de falar, eu me lembro muito disso de criança, do medo que as pessoas tinham de falar o que elas pensavam, os espaços era muito limitados, mas a geração que foi feita, aquela primeira geração que eu digo que não nascida em Brasília mas criada e formada em Brasília, nós optamos então pela tal de liberdade de expressão através do corpo, uma série de coisas que na época tinham um sentido revolucionário, tinham um sentido de transgressão e de romper com determinados conservadorismos da sociedade brasileira da época”. Iara Pietricovsky

“Na revolução eu estava lá, me lembro que trabalhei o dia inteiro, fui pra casa. Eu estou em casa de manhã, porque eles atacaram o palácio à noite né? Meu chefe liga pra mim: Zeni não vai ao palácio hoje, porque os militares se apoderaram e o presidente teve que fugir. Os telefones todos cortados, policia na minha quadra e na esplanada, mas olha, era uma coisa, eu não fui trabalhar, e eu trabalhava na correspondência particular do presidente. Quando nós chegamos lá, três dias depois que meu chefe ligou, já tinham religado os telefones,” Zeni pode voltar a trabalhar”. Os militares jogaram tudo pelo chão. Uma bagunça, minha filha. Eu me lembro que eu fui no banheiro e encontrei umas duas colegas e paramos as três pra conversar, aí passa um militar daquele dois metros de altura, “já pra dentro, mais de dois é comício.” Zeni Moreira

34 <http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/ult1702u14.jhtm>



8. A POEIRA, O CERRADO E O LAGO DE BRASÍLIA

8. A POEIRA, O CERRADO E O LAGO DE BRASÍLIA

“... a minha primeira experiência com Brasília é uma experiência de me tornar vermelha, com lacerdinha entrando por dentro do meu corpo todo.” Cosete Ramos

A POEIRA

A presença da poeira e do vento forte no dia-a-dia de Brasília é uma recorrência em praticamente todos os depoimentos. Eles mostram situações engraçadas, provocadas pelos redemoinhos e pela sujeira nos corpos e nas roupas, decorrente da terra vermelha que grudava na pele.

“Mas o que incomodava mais a gente mesmo era a poeira, você podia varrer sua casa mil vezes, que mil vezes tinha poeira. Já ouviu falar em redemoinho? A gente as vezes saía de casa pra ir pra aula. Quando era no caminho, um redemoinho pegava a gente. Ai atrapalhava o cabelo tudo, sabe? Agora tem pouquíssimos aqui em Brasília, mas no começo era um a cada cinco minutos”. Maria das Neves Morici

O jeito feminino de ver a vida e a grande necessidade de trabalhar e ajudar a construir a cidade faziam com que elas levassem de forma bem humorada aquela ‘vida empoeirada’:

“A gente parece que estava acostumado com essa poeira, e com a lama, muita lama, a gente tomava banho passava um pó, um batom e ia, era tudo mais simples.” Ladir Alarcão

“A sobancelha ficava marronzinha, mas a gente levava tudo com muito carinho” Lia Sayão de Sá

Lacerdinhas

A poeira e o vento criavam os redemoinhos, conhecidos como “lacerdinhas”, que viravam motivo de brincadeiras das crianças e de certo constrangimento para as moças, com suas saias rodadas:

“Brasília venta muito e com a movimentação de terra faz

estradas aqui e ali, então haviam os redemoinhos enormes e a nossa diversão era entrar dentro do redemoinho, de short, descalço. Então a perna, os braços ficavam tudo marcadinho de pedrinha. A velocidade dele é grande. Então, aquelas pedrinhas da areia batiam na pele, dentro do redemoinho, era a nossa diversão. “Gláucia Nascimento

”... o chão tudo vermelho, a gente não tava acostumada. No Rio de Janeiro é tudo calçado de areia. Logo que a gente chegou, saiu do aeroporto e deu um vendaval, de vento ao vento, pegou a poeira e fez o que a gente chamava, na época, de larcerdinha. Eu fiquei vermelha todinha, todinha quer dizer a roupa de dentro também, viu? A roupa de dentro era vermelha, o sapato, o dedo do pé, tudo vermelho.” Cosete Ramos

“Brasília era muita poeira granfina, não dava” Take Ofugi (D. Florinda)

Apesar do bom humor, a poeira era, sempre, um obstáculo a ser driblado nas dificuldades cotidianas:

“Pra você pegar um ônibus aí hoje onde é a rodovia, você tinha que levar um sapato e um pano molhado pra você limpar o pé, calçar o outro sapato e por dentro da bolsa, porque era tanta poeira, tanta sujeira que nossa senhora. E lá que enfiava o pé e a poeira levantava, principalmente ali pelo lado do Bandeirante.” Ione Rodrigues

“Na época que não era chuva, era poeira, a gente ia ao Núcleo Bandeirante, Cidade Livre, fazer compra no mercado de lá. Se sua blusa dobrasse assim, você podia pegar uma colher e tirar a poeira. Seu cabelo, você não conseguia botar o dedo porque ele não entrava, de tanta poeira. Sandália, se você usasse, era uma semana acabava” Wanda Corso

A poeira causava, também, problemas de saúde e alergias:

“Eu cheguei em 57 e, quando eu cheguei aqui em Brasília, cheguei naquele mundo de poeira, só engolindo poeira, eu tinha alergia demais, a poeira que a gente engolia.” Josefa Franca

Poeira em Vidros

A poeira era tão propalada no Brasil inteiro que virou até objeto de souvenir, vendido no Núcleo Bandeirante na época da inauguração.

“Um tempo depois, saímos da rodoviária e construímos um estúdio mais bem instalado. Nós botamos na frente de uma loja de souvenir e lá nós vendemos poeira em vidros.” Cleusa Senna

A poeira gerava também algumas histórias engraçadas, como a da professora Maria das Neves Morici:

“Então teve a festa da inauguração e eu comprei um vestido azul, listrado de branco, e comprei um óculos e o professor Zuza falou: ‘A senhora quer vir no carro comigo? Tem lugar? Eu falei obrigado, professor. Eu vou em cima do caminhão porque eu vou olhar minha filha’. Lá no Núcleo Bandeirante era uma viagem até o Palácio. Quando eu cheguei lá eu estava de óculos, toda cheia mesmo, sabe? Aí eu tirei meu óculos e todo mundo olhava pra mim e ria. Eu falei que diabo é isso, olhei tava tudo certo. Todo mundo olhava e ria da minha cara. Ai eu fui ao banheiro, olhei no espelho e quando eu cheguei lá no banheiro, eu tava toda amarela e com os óculos aqui (ao redor dos olhos) branquinho.”

O CERRADO

“Busco o verde das folhas numa busca sem fim, mas o que eu busco por certo é o verde dentro de mim,

busco o verde das águas e nele mergulho por fim, mas o que eu quero por certo é o verde dentro de mim,

assim em busca do verde eu vou ao encontro do fim, porque não tenho por certo o verde dentro de mim”

Lilian Magnavita

Considerando que os goianos chegaram primeiro na construção

da capital,³⁵ presume-se que algumas das entrevistadas já conheciam o clima e a vegetação do Distrito Federal. Porém, o cerrado e suas características representaram, para muitas delas, mais uma adaptação nessa empreitada corajosa.

“A primeira vez que eu ouvi falar de Brasília foi em 1958, lugar onde tinha muito índio, que não tinha civilização nenhuma, meio do mato, cerrado. Lugar assim que pessoal tinha pavor, parece que é do outro mundo, mas nós tivemos coragem de vir pra cá.” Maria Katuko

Flora e fauna

“O sítio em que foi construída a nova capital é do tipo “cerrado” com suas variações de “campo limpo” e “campo sujo”. As árvores são do tipo médio ou pequeno, variando seu tamanho de 3 a 8 metros, consideravelmente espaçadas. As espécies mais frequentes são: pau-terra, pequi, angico, perobinha, lobeira e indaiá-do-campo.”³⁶

“Os professores nos levavam para o cerrado e a professora de biologia mostrava as plantas e dizia, ‘o que que vocês veem de diferente? As plantas do cerrado são cheias de pelos, as copas das árvores são pequenas, mas as raízes são enormes.” Maria Coeli

“O cerrado era maravilhoso, flores de toda espécie, parecia um lençol de flores amarelas, brancas. Era lindo, tinha a tal de canela de ema, um espetáculo, parece orquídea, muito bonito, era um espetáculo. Os animais também eram muito bonitos, seriema, ema, veado tinha demais, com os filhotinhos, coisa mais linda. Com o desmatamento, as cobras subiram todas no acampamento. Como as casas eram feitas no alto, elas ficavam por baixo assim, subiam todas pro acampamento por causa do calor, porque estavam fazendo queimadas.” Wanda Corso

35 VASCONCELOS, José Adirson, A Epopéia da Construção de Brasília, 1989, Brasília, DF, pg. 91

36 ORICO, Osvaldo, Brasil, capital Brasília, 3ª edição, RJ, Distribuidora Record Editora, 1961 - Adendo

O período de seca e de chuva

Quanto ao regime de chuvas em Brasília, em 1960, a intensidade anual era de 1.925 milímetros, distribuídos por 135 dias, em média. O verão era geralmente mais chuvoso (875 mm) e o inverno, praticamente seco (75 mm).”

“... o clima, falam da secura de Brasília, mas é uma secura sadia, porque é frio e seco, é um clima ideal pra muitas pessoas, pessoas que saem do Brasil pra procurar na Europa um clima desse, então aqui tem de tudo.” Helena Carvalho

“O clima, na época, era bem marcado: 6 meses de chuva, 6 meses de seca, e essa seca era dura de sair sangue no nariz, da pele da gente ficar rachada a ponto de você abrir a mão e sentir o rachado da pele. Eu me lembro, era bacia cheia de água embaixo da cama e toalha molhada no quarto.” Iara Pietricovsky

“... tinha na época, podia-se seguir pelo calendário, dia 19 de março acabava as águas e começava a seca e nós marcávamos, porque era uma chuva realmente imensa. Meu marido, que era mineiro, já conhecia, ele chamava de enchente das goiabas.”

Helena Carvalho

“Brasília era uma cidade que tinha seis meses de chuva, seis meses de sol, esses seis meses de chuva, eram chuvas fortes, chuvas torrenciais, chuvas de granizo, eram pedras. Eu me lembro que a gente saía pra chupar o gelo, né? e tentar fazer escultura com aquele gelo, porque era muito, de ficar tudo branquinho, branquinho”. Iara Pietricovsky

A temperatura

“A média anual é de 20,5 ° C, variando entre 27° e 13°, médias das máximas e mínimas respectivamente. Máxima absoluta: 35°, mínima absoluta: 1,5°. Clima do tipo “cwa”, segundo a classificação do Hoppen.”

“... e eu me lembro que era bastante frio em 1957, uma coisa estranha para Brasília, mudou muito o clima.” Lia Sayão de Sá

“... a minha memória de infância é que o frio era a época da chuva, dezembro e janeiro com muita força era só umidade, só chuva, só chuva. Eu me lembro que a gente passava dois meses só chovendo.” Iara Pietricovsky

“Os meninos de primeira série, segunda série, eu achei que eles tremiam muito de frio. Eu vinha de lá do sul, eu não tremia de frio às 8 horas da manhã, mas eles tremiam de frio. Então o que eu fiz? Fiquei fazendo caminhada de ginástica com eles para se aquecerem antes de começar a aula, senão eles ficavam encarangados, como eles diziam, não conseguiam escrever, tremiam de frio e tinha gente até de fome. Então estabeleceu-se: ginástica. Logo a seguir, a gente pedia pra merendeira fazer a merenda para eles tomarem um leite, um chocolate, qualquer coisa, para então começarem o estudo porque não era fácil o frio que fazia aqui”. Therezinha Rodrigues

O lago de Brasília

O historiador Ernesto Silva, em seu livro “A história de Brasília”³⁷, relata que a construção de um lago em volta da cidade remonta ao edital para o concurso do Plano Piloto. O lago constituía um elemento obrigatório na composição da cidade e os urbanistas deveriam projetá-la em função dele.

O lago seria ornamental e deveria servir a esportes náuticos, quebrando a monotonia do cerrado, diminuindo as saudades do litoral e embelezando a nova capital.

O lago de Brasília decorre da barragem do Rio Paranoá e circunda a cidade por mais de 40 quilômetros. Comporta cerca de 60

37 SILVA, Ernesto, História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade – 5ª ed., Brasília, cap.XXXVIII

milhões de metros cúbicos, com até 5 quilômetros de largura e 35 metros de profundidade.

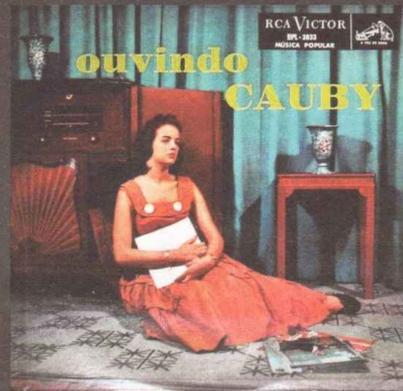
Sobre a construção da barragem do Paranoá, as mulheres entrevistadas recordam-se de fazer trilhas no espaço em que seria construído o lago:

“Antes do enchimento do lago, nós vivíamos nesse fundo de lago, quando não tinha água. Eram as nossas trilhas, eu chamava minhas velhas trilhas.” Helena Carvalho

As mulheres relatam que, apesar de já ter sido noticiado pelo Presidente Juscelino, muita gente não acreditava no enchimento das águas do lago e, quando ocorreu, foi surpreendentemente veloz, a ponto de não haver tempo para a retirada de todos os pertences:

“... a água vinha com uma velocidade impressionante. Os técnicos achavam que esse lago ia levar mais de um ano pra se encher. Ele se encheu em poucos meses, foi um ano de muita chuva. Aí eu disse pro Aluisio: isso aqui tá meio perigoso, vamos, arranjar uma pinguela qualquer pra gente sair, já tava na região ali do Lago Norte. Aí ele viu uma pinguela menos coberta pela água, disse ‘vamos por ali’, mas chegou lá já não dava pra ver a pinguela, as tábuas no chão. Mas dava pra ver os corrimões, ele disse: ‘vamos pelo corrimão e segura aí’. Colocou o jipe na direção e avançou rápido, passou, mas passou já em cima da água. Acho que depois de nós ninguém passou por aquela pinguela. Quando eu olhei pra trás, vi as águas que vinham fortes, não sei o que era aquilo, formava até umas ondinhas, uma coisa interessante. No morro que ia ser coberto pela água, uma mansão linda tava lá. Eu só não entendo porque não tiraram as telhas. Podiam ter tirado as telhas de barro vermelhas, uma mangueira enorme ao lado e aquela mansão linda para ser coberta pelas águas.” Helena Carvalho

“Na abertura das comportas, eu estava aqui naquele tempo. Foi a coisa mais linda do mundo. Parecia que tava chegando Deus aqui dentro de Brasília, aquelas comportas aqui, ali, tem casa ali dentro, mas o doutor Juscelino tava dizendo vou abrir, vou abrir, ninguém acreditou. Então, levou a Vila Planalto toda de cabo a rabo, não ficou um pra contar a história. Até meu cunhado saiu de lá na correria, até hoje tem coisa dele lá.” Hilda Silva



9. DIVERTIMENTOS

“...A cidade toda ouvia a rádio Voz de Brasília. Cauby Peixoto era muito pedido, Celi Campelo com o ‘banho de lua’. Aquelas músicas dela que eram muito tocadas, e tinha Carlos Gonzaga.”

Cleusa Senna

9. DIVERTIMENTOS

“Não tinha diversão, então a gente se reunia; um pegava o violão, outro levava outro instrumento, era alegre. Nós cantávamos músicas lindas, tanto é que Juscelino também curtiu muito com a gente.” Braulina Carvalho

“Como pode o peixe vivo viver fora da água fria? Como pode Juscelino viver fora de Brasília?” Versão candanga de Peixe Vivo cantada nas escolas públicas citada por Iara Pietricovsky

O Presidente Juscelino comparecia às festas populares e cantava com os pioneiros e as pioneiras. A música era um dos divertimentos nos primeiros anos, onde as opções de lazer dependiam mais da criatividade do que de uma infra-estrutura existente na Cidade Livre e nos acampamentos.

“O Juscelino gostava muito de violão, então eles levavam o violão, tocavam, cantavam. A gente ia pra lá, cantava muito, aquelas coisas que a Dalva de Oliveira cantava, aquelas coisas que a Marlene cantava, que a Emilinha Borba cantava, sem contar o Peixe Vivo, né? Peixe Vivo era o prato do dia.” Isis Guimarães

“...tocava muito a música dele, o Peixe Vivo: ‘como pode um peixe vivo viver fora da água fria, como poderei viver, como poderei viver, sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia’. Eram essas músicas que tocavam, faziam serenata lá pra ele, nas madrugadas...os bandolins, cavaquinho.” Ione Rodrigues

As românticas serenatas foram lembradas com saudosismo por muitas das mulheres entrevistadas:

“... Eu sei que uma turma de engenheiros fazia serenata, sabe? Seresta, serenata debaixo da nossa janela.” Zeni Moreira

“O que mais tinha naquela época eram serenatas. Tinha um grupo que ia lá pra casa no domingo. Eles tocavam o dia todo, botavam todos os instrumentos musicais, até piano, numa caminhonete que o meu pai tinha.” Braulina Carvalho

A SONORIDADE E AS MÚSICAS DA NOVA CAPITAL

Brasília sempre foi uma cidade onde se ouvia muita música. Na Cidade Livre, desde os primeiros anos da construção, havia uma rádio comunitária:

“Tinha muita festa, porque Juscelino mesmo era muito festeiro, né? Tinha muita música naquele tempo, era alto-falante na rua, nesse Núcleo Bandeirante. Onde eu morei, tinha o alto-falante que tocava, e a pessoa dedicava a música pro namorado.”

Maria das Neves Morici

“... havia um senhor na Cidade Livre que tinha uma boca de alto-falante e ele fazia comerciais com o carro. Então ele então adquiriu esse alto-falante, que se chamava ‘a voz de Brasília’ e ele transformou esse pequeno alto-falante numa rádio comunitária. A Cidade Livre foi construída com quatro avenidas, primeira, segunda, avenida central, terceira e quarta avenida. Então, ele colocou nas quatro, 16 cornetas. Era infernal, era agradável e também devia incomodar um pouco pra quem não gostava muito de música. A cidade toda ouvia a rádio Voz de Brasília. Cauby Peixoto era muito pedido, Celi Campelo com o ‘banho de lua’. Aquelas músicas dela que eram muito tocadas, e tinha Carlos Gonzaga.” Cleusa Senna

“Nós tínhamos um acervo enorme. Quando a rádio nacional veio em Brasília pra inaugurar, teve um problema com o caminhão de discos deles. As estradas eram péssimas, e o caminhão ficou na estrada, e a rádio tinha horário pra inaugurar. Então, nós emprestamos pra eles uma porção de discos e eles usaram na inauguração da rádio.” Cleusa Senna

Alguns anos depois, além da rádio comunitária, músicas eram tocadas em carros de som, o que contribuía para deixar os candangos mais saudosos de sua terra natal:

“... quando a gente chegou, transitava nas entrequadradas, umas Kombis tocando músicas. Eu não sei que sistema era. Eu sei que

tinha uns auto-falantes, uns microfones, e eles ficavam à tarde, quando escurecia. Ai essas Kombis ficavam circulando. Isso, pra quem tava com saudades, pra quem tinha deixado uma cidade, uma família, os amigos, um amor, isso era o mesmo que matar a gente". Marta Cintra

As músicas tocadas na cidade acompanhavam as tendências da época:

"... é o começo do Roberto Carlos. A minha juventude era o Elvis Presley, e nas festas, já um pouquinho depois, o Ray Coniff, Nat King Cole, e a bossa nova, porque a gente conheceu aqui o Vinicius. Vinha o Antonio Carlos Jobim, mas aí já foi uma outra fase. Eles iam muito lá pro Brasília Palace, mas a gente o só ouvia falar." Lia Sayão de Sá

"... eu tenho muita saudade do início da construção de Brasília. Todo mundo era amigo, a gente fazia muito piquenique na beira do lago, tudo virava festa. Eu não me sentia cansada, a gente trabalhava sábados e domingos também, não existia fim de semana não, e a nossa moda da mulher naquela época era aquela calça jeans grosseira, era calça jeans e bota e chapéu, porque era poeira e barro " Braulina de Carvalho.

ARRASTA PÉ — TODOS IGUAIS

"... a gente não tinha como comprar sapato e roupinha que ser em Belo Horizonte ou no Rio, mas isso não era problema pra nós, saíamos depois da aula e íamos dançar na Rabelo, cada dia num acampamento, e lá nesse acampamento, eu só sabia quem era engenheiro pelo verbo, pela palavra porque enquanto dançavam eram todos iguais, chapelão, roupa suja, calça suja, bota e todo mundo sem tomar banho e dançando, dançando forró, era um tipo de forró, não falava forró na época ,era uma espécie de uma arrasta pé" Maria Coeli

TEATRO E CINEMA EM BRASÍLIA

"Se eu me for vou de bagagem sem ter mala e compromisso. Vou de anjo sem ter asa vou morando sem ter casa. Vou medir o infinito." Sylvia Orthof³⁸

Brasília sempre foi pensada como uma cidade com grande vocação para a arte. Lucio Costa, em seu Relatório do Plano Piloto, já definia Brasília como "cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além do centro de governo e administração, um foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país".³⁹

A UnB trazia em seu quadro de professores, artistas de expressão nacional e internacional e, nas demais escolas públicas, o espírito de liberdade, que parecia tomar conta dos que aqui estavam, contribuía para que espaços, como a Escola Parque da 508 sul, oferecessem às crianças experiências interessantes no teatro amador.

"Primeiro fui pra escola parque. Lá eu fiquei em teatro, como professora de teatro. Depois eu fiz peças teatrais da minha autoria." Lilian Magnavita

Entre 1960 e 1964, a professora e escritora Sylvia Orthof estabelece-se como docente da Universidade de Brasília, onde trabalhou na montagem de um teatro universitário e dirigiu o programa teatral de bonecos chamado Teatro Candanguinho, na TV Brasília. Coordenou, também, as atividades de teatro com trabalhadores e seus filhos no SESI – Serviço Social da Indústria.

38 Sylvia Orthof,(1932-1997) _ Escritora brasileira de livros infantis e peças teatrais.

39 Relatório do Plano Piloto de Brasília – Lucio Costa [HTTP://e-groups.unb.br/faculdade-arquitetura/arquivos/reitLC.pdf](http://e-groups.unb.br/faculdade-arquitetura/arquivos/reitLC.pdf)

Sylvia Orthof fez também, aqui em Brasília, uma montagem de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto.

“Essa experiência foi muito interessante. Ela começou a fazer um trabalho, várias peças e um dia decide fazer a obra ‘Morte e Vida Severina’ com os filhos dos operários do SESI. Um dos presidentes da ditadura militar foi à estréia. Começa uma declamação sobre a vida de Severina. O que é a vida Severina? A vida do operário, do sem terra, do destituído e tal. Aí os filhos de operários começaram a subir e eles falavam direto pro público assim: ‘nessa vida, minha vida é aqui, eu vim...’ contava a história da vida, eu não me lembro do texto, mas sei que era um texto muito forte. Uma hora, um dos meninos saltou em cima do Presidente e falou alguma coisa na cara do Presidente. Imediatamente vieram os seguranças, tiraram-no, e a peça foi proibida em território nacional até o fim da ditadura, por causa disso. Então foi um fato muito marcante, e o que eu acho interessante é que ninguém registrou isso e é da história de Brasília.” Iara Pietricovsky

*“No final dos anos 60, aparecem grupos musicais, grupos de teatro amador, grupos de escritores e artistas plásticos trocando idéias, fundando os primeiros ateliês, fazendo experiências locais e pontuais, como a experiência do Colégio Objetivo, com Laís Aderne.”*⁴⁰

Golda Pietricovsky comenta:

“Tudo começa com Laís (Aderne)⁴¹ e Sylvia (Orthof). Laís muito mais didática do que Sylvia, porque tinha uma formação acadêmica. A Sylvia começou no teatro no Rio, ela fez um ano de

teatro na França, mas Brasília foi onde ela realmente pôde ser ela.

Sylvia Orthof trabalhava com teatro de bonecos na TV Nacional. Na televisão, ela dizia, ‘teatro é mentira, teatro é fantasia, teatro é imaginação’. Fazíamos no Sarah Kubitschek. Naquele tempo era só um edifício pra crianças. Era uma experiência fantástica. Eu saía pra conversar com as crianças com um boneco na minha mão e as crianças falavam com o boneco. Elas não falavam comigo. Esse é o grande mistério do teatro e da arte. Depois Sylvia montou um auto de natal dentro do hospital, em 63/64. Os Candanguinhos eram criação da Sylvia.”

Iara Pietricovsky nos conta a versão de menina, filha de mãe atriz, nessa cidade em construção:

“A gente tinha cinema, literatura, contadoras de histórias e a gente tinha teatro, e vinham uns grupos de teatro pra Martins Pena.

Eu sempre fui ao teatro, desde pequena, desde que eu me entendo por gente eu vou ao teatro. Eu estudei na Escola Parque. Tinha grupos de teatro na 106 também.

Sylvia Orthof, talvez a mulher que inaugurou o teatro aqui em Brasília, deu uma visibilidade pro teatro e fazia um programa na televisão que chamava o Teatro do Candanguinho e envolvia pessoas que fizeram história do teatro em Brasília.

Elas fizeram o Teatro do Candanguinho todos os sábados, com teatro de bonecos que era televisionado e as pessoas de Brasília assistiam. Era um programa, a gente ia lá, brincava, muita audiência, e tinha o público cativo que ia todo sábado lá. Porque a minha mãe tava lá, eu ia.

Tinha o grupo de teatro da Sylvia, com os filhos dos operários de Brasília, e tinham outras pessoas que trouxeram a manifestação artística de dança, de teatro de outras cidades, como Cidade Livre, que tinham no entorno de Brasília.”

40 Cidade de Sonho e Concreto. Celso Araújo - [HTTP://www.brasilia-agenda.com.br/control/noticia](http://www.brasilia-agenda.com.br/control/noticia)

41 Laís Aderne (1932-1997) – Professora de Artes da Universidade de Brasília, Secretária de Cultura do GDF em 1989. Chegou em Brasília em 1967 e desempenhou importante papel no desenvolvimento de toda uma geração ligada às artes em Brasília .

Laís Aderne foi a pessoa que mais articulou a cultura popular e a necessidade de expandir o diálogo com o público de Brasília. Ela veio da escolinha do Brasil, com idéias inovadoras sobre a arte e a educação.

Iara, ressalta ainda a participação das mulheres no Teatro de Brasília

"Eu diria que, no teatro em Brasília, as mulheres foram preponderantes, realmente. Se você tem um espaço concluído, onde as mulheres tiveram um papel fundamental, transformador e proativo, foram as mulheres do teatro em Brasília, isso sem dívida nenhuma"

O CINEMA EM BRASÍLIA

O cinema também estava presente nos primeiros anos da capital, tanto como diversão para moradores e trabalhadores quanto como um de registro dos fatos que hoje vieram a se tornar história.

Segundo Wladimir de Carvalho, o cinema foi uma presença marcante em Brasília desde a fase pioneira da construção da nova capital. Fosse pelo funcionamento algo rústico de 'cinemas' ao ar livre com que se entretinha a grande massa de trabalhadores nos momentos de folga, fosse pela presença marcante de cinegrafistas que trabalhavam para os cine-jornais, registrando as diversas etapas da grande obra ou acompanhando e documentando as visitas do presidente Juscelino Kubistchek e de outros chefes de estado. Pode-se dizer mesmo que Brasília veio à luz sendo cortejada pelo cinema. Nesse sentido ela também é única no mundo: o cinema tem aqui a mesma idade da capital.⁴²

"... e nós tínhamos dois cinemas. Então o lazer que nós tínhamos era justamente o cinema, matinê e encontro com os colegas, amigos." Harco Ofúgi

42 CARVALHO, Vladimir, Cinema Candango: matéria de jornal, 2002, Brasília, pg.19

"... eu me lembro bem que a gente ia pro cinema à noite. Era muito engraçado, porque o meu pai era um paizão assim: trabalhava o dia inteiro, acordava 4h da manhã e de noite ele levava a gente. Ai, quando chegava no cinema, já tinha aquela fila de menino esperando porque ele tinha permanente, ele entrava de graça e a turma queria ir de graça no cinema. Ai ele fazia, 'esse tá comigo' e botava aquela vila todinha no cinema. Ele mesmo não assistia, não, porque ele dormia, mas ele ia com a turma." Lia Sayão de Sá

"...o cinema era lá no Núcleo Bandeirante, todo de madeira. Tinha dois cinemas, um era mais poeira, como o povo fala, e o outro era aonde a gente ia, que era mais pra lá." Maria Aparecida Leite

"...No acampamento tinha restaurante, tinha cineminha. Mandavam buscar os filmes nos grandes centros e passavam os filmes." Helena Carvalho

O curso de cinema da Universidade de Brasília foi criado em 1963, com professores como Nelson Pereira dos Santos, Paulo Emílio Salles Gomes dentre vários outros notórios cineastas da época.

E o primeiro filme foi um manifesto da cultura candanga intitulado **Fala Brasília**.

Porém, com o advento da ditadura em 1965, 220 professores da UNB, incluindo os cineastas, demitiram-se voluntariamente, interrompendo esse ciclo de produção e criatividade.

Maria Coeli, ex-professora, atriz e cineasta de Brasília, consciente da necessidade de registrar a memória da cidade, fez filmes como *'A história do Núcleo Bandeirante'* cuja narrativa inicia-se com um preâmbulo sobre as dificuldades encontradas pelo então Presidente JK para a construção de Brasília. O filme baseia-se nas reuniões das associações de moradores da cidade que desejavam manter a estrutura original da cidade.⁴³

43 <http://remic-df.blogspot.com/2010/09/divulgando-mostra-de-filmes-da-cineasta.html>



“No início de Brasília eu ouvi as pessoas, quando eu fiz o filme ‘A história do Núcleo Bandeirante’, que as mulheres ficaram muito felizes quando o Bernardo Sayão trouxe a sua mulher pra morar aqui, na cidade livre e a levava ao cinema, porque nessa noite onde o Bernardo Sayão levava a senhora dele todos os casados levavam as suas esposas ao cinema.” Maria Coeli.

Maria Coeli participou como atriz no filme *Taguatinga em Pé de Guerra*, que reforça o vigor e a disposição para a luta das mulheres de Brasília.

O filme, um curta metragem que adaptou a peça *Capital da Esperança* do Grupo Carroça, inspirada no depoimento de Orlando e Josefina Rocha foi dirigido por Armando Lacerda em 1982 e tem por sinopse: “A luta de um grupo de lavadeiras que se organizam para defender uma bomba d’água, cedida à cidade-satélite de Taguatinga por Sarah Kubistchek enquanto primeira-dama do país. A bomba é requisitada pelo engenheiro Israel Pinheiro para auxiliar na irrigação de seu parreiral na Granja do Ipê, provocando a reação das lavadeiras e a intervenção da Guarda Especial de Brasília. Os guardas são expulsos da região a pauladas e a bomba garantida em vigília permanece até que D. Sara consegue o registro de doação à Taguatinga.” (CB/Ficha Filmográfica)⁴⁴

“eu trabalhei como atriz num filme chamado ‘Taguatinga em pé de guerra’ onde as mulheres lutam por uma caixa d’água, e eu fiz um papel de uma mulher que na hora que foram pegar a caixa d’água, os canos da caixa d’água’ ela lutou, ela e as prostitutas lutaram, ‘não não vão levar, mas pra onde você vão levar? Vão deixar, essa água é pros nossos maridos é pra nós fazermos comida’ isso aconteceu. Como os maridos perdiam o emprego se entrassem no movimento elas fizeram o movimento. Quando nós fomos fazer a filmagem, nós fizemos num lugar chamado Guarazinho, que tinha as mesmas casinhas do tempo e quando

eu trabalhava como atriz eu fui conversando com as mulheres que estavam fazendo o papel comigo e nós todas aproveitamos bastante pra falar sobre a emancipação da mulher.” Maria Coeli

FESTIVIDADES

Brasília era uma cidade que pulsava dia e noite e, ao lado do trabalho exaustivo, tanto entre os candangos, quanto entre funcionários graduados ligados ao governo JK havia a necessidade de se buscar alternativas de lazer.

“Quando eu cheguei, o divertimento era o baile. A gente se arrumava, já se produzia todinha pra poder ir pro baile dançar” Celina Quitéria

“Quando chegava dia de quarta-feira tinha baile. Tinha dois clubes, um dos ricos e outro dos pobres, que era conhecido como o do peão, mas só que a gente frequentava os dois. Aí nos divertíamos muito. Dia de sábado pra domingo tinha a dança no clube de cima e no clube de baixo, que era bem aqui perto do campo.” Maria Vicentina

“Havia muitas festas na cidade. No aniversário, havia as comemorações, compareciam governadores, senadores, deputados, a nata, a alta cúpula, comparecia no salão vermelho do Hotel Nacional. As festas eram muito boas e muito bonitas.” Cleusa Senna

O PRIMEIRO BAILE DE DEBUTANTES

“Eu não tinha nem 15 anos ainda, mas insistiram muito e a gente foi, eu fui junto com mais acho que eram 14 moças à época. Fizemos fotos lá no Palácio da Alvorada. O baile de debutantes foi no Brasília Palace, foi ótimo.” Lia Sayão de Sá

Segundo Lia Sayão de Sá o primeiro baile de debutantes foi marcado por uma tragédia. O jornalista Luciano Carneiro faleceu no acidente de avião logo após ter feito todo o registro fotográfico do baile. A Revista O Cruzeiro de 1960 conseguiu revelar os negativos e publicou a seguinte matéria:

44 <http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=031909&format=detailed.pft>

“Esta foi a última reportagem de Luciano Carneiro: O Primeiro Baile de Debutantes, em Brasília. Para o cumprimento da missão, ele viajou sábado, 19 de dezembro. Terminada a cobertura e empenhado em passar o Natal com a família, tomou o avião de regresso ao Rio na terça-feira, dia 22. A um minuto do aeroporto do Galeão, houve o choque do “Viscount” da VASP (em que viajava) pelo “Focker” da FAB. Luciano Carneiro e os demais trinta-e-um ocupantes do aparelho comercial pereceram. No meio dos destroços, foram encontradas, depois, suas duas máquinas fotográficas e a maleta de material. Tudo quebrado e os filmes expostos à luz. Teoricamente, aqueles negativos já não conteriam imagens. Entretanto, a Revista entrou em contato com as autoridades e mobilizou até o Ministro da Justiça, para que a Polícia liberasse, imediatamente, o material recolhido. Isto foi conseguido. Encaminhados os filmes ao laboratório, com surpresa se verificou que não estava perdido o derradeiro trabalho do repórter. Ainda com marcas provocadas pelo desastre, as fotos colhidas por Luciano Carneiro ali estavam, mostrando o desfile das debutantes. Quis o destino, por um caprichoso jôgo de espelhos, que ele também figurasse numa das fotos, como se pode ver no flagrante que domina estas duas páginas. E, com base nesse material, o trabalho de Luciano Carneiro foi paginado como normalmente se faz nesta Revista. Esta é a derradeira reportagem de Luciano Carneiro. Apenas os títulos, textos e legendas estão em branco, porque seriam por ele redigidos quando chegasse à Redação. E na pasta de atividades de Luciano Carneiro, repórter, nos arquivos de “O Cruzeiro”, estará escrito: O Primeiro Baile de Debutantes, em Brasília - missão cumprida.” Revista O Cruzeiro de 1960.

As debutantes encaminharam a seguinte mensagem para a revista:

“Profundamente abaladas com o trágico fim do nosso querido Luciano Carneiro, queremos expressar a essa Revista o nosso imenso pesar por tão grande perda. Não

podemos ainda acreditar na dura realidade! Ele passou, conosco - as 15 debutantes de Brasília - a última tarde de sua vida. Fotografou-nos mais de cem vezes, com um carinho e paciência que nos deixaram até comovidas. Disse-nos que esta seria uma de suas belas reportagens... O *Cruzeiro* perde um de seus maiores colaboradores, e nós a pessoa que nos fez crer - durante uma tarde - sermos as princesas no Palácio da Alvorada.”

FESTA DOS ESTADOS

Festa dos Estados em Brasília surgiu para destacar a diversidade da cultura nacional e estimular os demais brasileiros a conhecerem mais sobre as tradições regionais.

“Participamos da primeira festa dos estados na 104/105 sul em junho de 1960..Eu achei muito interessante, aquelas danças maravilhosas. A princípio eram as pessoas que moravam nos blocos da 105, 104, 106, 107, por ali tudo.Os professores faziam os doces, salgados, as famílias dos alunos faziam também e depois falou-se em festa dos estados, com dança e todo mundo junto. Eu era uma pessoa que não sabia dessa existência, dessa troca de conversar com todos, dessa integração muito grande, que eu fui aprendendo cada vez mais e, minha análise de hoje, eu fui começar a ser humana a partir de Brasília.”

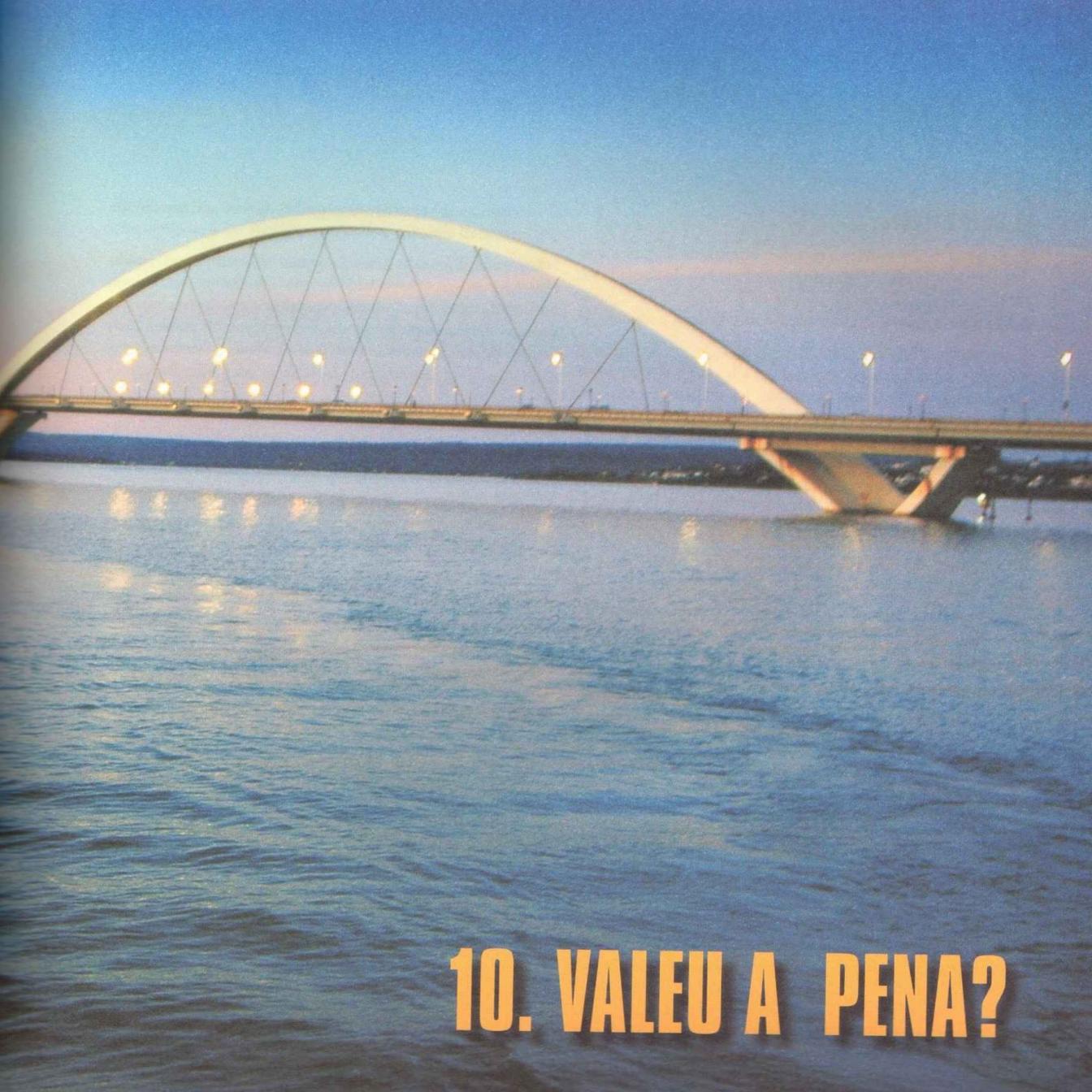
Therezinha Rodrigues

A partir de 1961, a Festa dos Estados foi organizada por voluntárias da Casa do Candango, que preparavam comidas típicas de seus estados para vendê-las e arrecadar recursos para a instituição filantrópica. Com o passar do tempo, a festa cresceu e obteve a adesão das primeiras-damas dos estados brasileiros, que enviavam produtos típicos para serem vendidos em troca de parte da renda da barraca para obras assistenciais estaduais.

“*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Fernando Pessoa





10. VALEU A PENA?

10. VALEU A PENA?

Os desafios de ser mulher e escolher fazer parte daquelas que construíram Brasília, começavam antes mesmo da chegada na cidade, pois confiar nas promessas de Juscelino representava deixar a terra natal e, muitas vezes, conviver com a solidão.

"... a palavra renúncia é muito forte quando me lembro dos primeiros tempos em Brasília. Nós que largamos a nossa cidade, largamos a nossa juventude, foi uma renúncia, você largar a sua cidade, você tem a sua vizinhança, seus amigos ide infância, você largar tudo e vir pra Brasília, então foi uma renúncia, pra mim foi uma renúncia muito grande, sair do meu convívio, da minha turma e vir pra Brasília, porque meus pais vieram." Braulina Carvalho

"... eu penso o mundo a partir de Brasília e sou profundamente grata e orgulhosa por essa cidade existir." Iara Pietricovsky

"se eu pudesse escolher voltar e passar tudo o que passei, eu voltaria mesmo. Eu passei uma experiência muito interessante eu passaria com ferro e poeira. Passaria tudo de novo" Carmela Nin Escuder

"... às vezes eu saio aqui e não acredito. Eu vi Brasília nascer, crescer, vi a adolescência, a juventude e depois tudo transformando em mulher eu vi toda a gestação, e hoje vejo esse progresso imenso, essa maravilha. Se fosse pra começar tudo de novo eu viria, com todo o sofrimento que eu passei" Wanda Corso

SAUDADE DOS PRIMEIROS ANOS DA CAPITAL

"Não tinha luz eu entrava pro banheiro pra chorar de solidão"
Wanda Corso

Porém, mais de cinquenta anos depois, a saudade mais freqüente, no entanto, são as lembranças dos primeiros anos da capital em que a solidariedade e força de vontade eram as palavras de ordem. Nos depoimentos fica evidenciado

o sentimento de gratidão e orgulho de ter participado da construção de Brasília.

"Hoje quando eu vejo uma fotografia daquele tempo eu me emociono muito! Com saudade com tristeza não sei, uma mistura de coisas, tudo eu achava bonito aquele povo chegando aqueles caminhões chegando que cobria o sol. Eu achava tudo bonito, tudo era bom tudo novidade e trabalhando muito o que eu mais gostava mesmo era de trabalhar." Mercedes Parada

"Eu tenho muita saudade, muita saudade mesmo, do início da construção que era assim, tipo assim um piquenique, um mutirão gostoso aqui era uma festa, a gente trabalhava sábados e domingos também, você não se sentia cansada." Braulina Carvalho

"...a gente tem saudade porque era bom, as pessoas se respeitavam" Isis Guimarães

"eu não sentia solidão porque todos ali estavam com o mesmo propósito de ajudar a construir Brasília, a gente tava com muita esperança de vencer, de fazer, de criar né". Braulina Carvalho

"Trabalhando não dava prá ter solidão, não tinha tempo".
Jurema Toscano

BRASÍLIA HOJE

As 46 entrevistas foram gravadas entre maio e junho de 2010. Nesse período Brasília enfrentava a maior crise política de sua curta história com a descoberta do chamado "Mensalão do DEM", que culminou com a prisão do Governador José Roberto Arruda e de outros integrantes do Governo do GDF, bem como com cassações e renúncias de vários deputados distritais.

As mulheres que ajudaram a construir essa cidade manifestaram a sua indignação diante de tais fatos:

"dizem que aqui nós somos todos ladrões e não é verdade (chora), os ladrões que tem em Brasília vieram de fora, porque eu moro

aqui desde 57 e nunca fui roubada e nunca fui maltratada de jeito nenhum, todo Patrício meu irmão.” Cacilda Bertoni

“difícilmente a gente fica sabendo de coisas, mas estão acontecendo, mudou um pouco, mas tomara que a direção..., vamos ver se o Lula vai continuar ou não vai, pra ver quem vai tomar conta disso tudo, porque até o congresso está meio balançando, então é difícil a gente prever o futuro” Esther Xavier

“é uma sensação de impotência muito grande, queria fazer alguma coisa, a gente vê o que essas autoridades estão fazendo, eu não concordo e não aceito.” Harco Ofugi

Cientes disso, a cada depoimento ficávamos mais emocionadas e solidárias (candangas que somos) com a ousadia destas mulheres, que acreditaram nesse sonho e, junto com os homens que aqui estavam, trabalharam incessantemente para que o cerrado poeirento se transformasse na nova capital que acolheu todos os brasileiros.

“Mil vezes que forem construir capitais, me chamem que eu vou, porque foi uma experiência maravilhosa. Foi muito bom chegar, olhar esse cerrado sem ter nada e hoje ver essa maravilha que é Brasília. Eu sou suspeita pra falar, porque eu sou apaixonada por Brasília. Pra mim, não chama pra ir pra fora, pra viajar. Eu quero é Brasília, eu estando aqui no meu cantinho, eu tô no paraíso. Brasília, pra mim, é paraíso.” Georgina Câmara

“...cheguei aqui sem nada e hoje eu tenho minha casa, tem meus filhos. Vixi, valeu muito a pena, mas aquilo pra mim foi uma coisa de Deus. Deus me tirou daquele lugar que tava tão difícil, que eu, lá em Currais Novos- RN, morava também na casa dos outros lá e Brasília conseguiu uma casa para mim e meus filhos, meu marido, Brasília pra mim foi a benção.” Josefa França

“Brasília, pra mim, é a cidade que eu amo, que eu gosto, que eu quero. Eu sou atriz por causa de Brasília.. Sou grata por aqueles que permitiram que eu viesse e vivesse, e a partir daqui formasse um mundo a partir dela.” Iara Pietricovsky

*“se eu pudesse
escolher voltar e
passar tudo o que
passei, eu voltaria
mesmo. Eu passei
uma experiência
muito interessante
eu passaria com
ferro e poeira.
Passaria tudo de
novo”* Carmela Nin Escuder

BIBLIOGRAFIA

- CASCUDO, Luís da Câmara – Dicionário do Folclore Brasileiro, vol. A-I, 3ª Ed. INL, 1972.
- CARVALHO, Vladimir, Cinema Candango, matéria de jornal, Brasília Cinemamemória, 2002.
- COSTA, Hipólito José da. Apud PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. *A nova capital federal e o planalto central do Brasil*. Rio de Janeiro, Typ. Da Papelaria e Impressora, 1894, p. 5.
- FARRET, Carlos. O Estado, a questão territorial e as bases da implantação de Brasília. In PAVIANI, A. (org.) *Brasília, Ideologia e Realidade – Espaço Urbano em Questão*. São Paulo, Ed. Projeto/CNPq. 1985
- RAMOS, Graça. “Presente ausente”, In: Athos Bulcão, Burtle Marx, Lucio Costa, Niemeyer - Os criadores. Coleção Brasileiros, volume 4. 2010
- RIBEIRO, Gustavo Lins. O capital da Esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília, Ed. UnB, Brasília, 2008.
- SILVA, Ernesto, História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade – 5ª ed., Brasília
- SILVA, Ernesto. *História de Brasília*. Brasília, Editora de Brasília, 1970.
- MENDES, Xiko. O mito da interiorização através de Brasília. Brasília: ASEFE/ Editorial Regional, 1995.
- MOURÃO, R. R. de F. *Luiz Cruls – O Homem que Marcou o Lugar*. Brasília: Gráfica e Editora Qualidade, 2003.
- NIEMEYER, Oscar. “Minha experiência de Brasília”, In: *Módulo*, n. 18, Rio de Janeiro, 1960.
- OGILBY, John. “Brasília” in *America: being the latest, and most accurate description of the New World*. London, 1671.
- OLIVEIRA, Márcio de. Brasília: o mito da trajetória da nação. Brasília: Pararelo 15, 2005
- OLIVEIRA, Tony Marcelo Gomes de. Marcos do processo de formação do espaço urbano de Brasília - - Univ. Hum. Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 49-76, jan./dez. 2008
- ORICO, Osvaldo. Brasil, capital Brasília, 3ª edição, RJ, Distribuidora Record Editora, 1961
- PAVIANI, A. (org.) *Brasília, Ideologia e Realidade – Espaço Urbano em Questão*. São Paulo, Ed. Projeto/CNPq. 1985.
- VASCONCELOS, José Adirson, A Epopéia da Construção de Brasília, 1989, Brasília, DF
- Revista História de Brasília – suplemento número 2 – Souvenir de Brasília, de 21 de abril de 1961.
- Revista Suplemento Candango – Secretaria da Cultura, Coordenadoria do Programa do Patrimônio Cultural, 1986, Brasília, DF



**APRESENTAÇÃO
DAS MULHERES**



Alice Andrade Maciel, enfermeira. Chegou a Brasília em 1958.

“Eu sou do interior de Goiás, de Jaraguá. Eu tinha um tio que, apesar de ser do interior, era muito inteligente, então ele falava sobre a construção da Capital Federal do Planalto Central, mas eu não pensava que isso um dia pudesse acontecer. Talvez fosse sonho das pessoas mais velhas.”



Braulina Mendes de Carvalho, funcionária da Novacap. Chegou a Brasília em 1957.

“Brasília surgiu pra mim como uma esperança de vida, porque eu era garota ainda jovem, querendo mudar de vida, e o Brasil tava muito atrasado, precisando melhorar.”



Cacilda Rosa Bertoni, enfermeira-parteira. Chegou a Brasília em 1957 .

“Estou com 91 anos de idade. Felizmente fui mais útil vindo pra cá do que imaginei. Sabe que era tanto serviço que eu não senti falta de nada. Eu tinha tanta coisa pra fazer que não dava tempo de pensar. Eu fiz tantos partos que eu nem sei quantos foram.”



Carmela Nin de Escuder. Chegou a Brasília em 1957.

“A primeira vez que eu escutei falar de Brasília foi lendo o jornal. Morava na Espanha ainda e li que Brasil ia ter nova capital e ia se chamar Brasília. Eu nunca pensei que ia parar em Brasília.”



Jandira Carlos de França, lavadeira. Chegou a Brasília em 1957.

“Tenho 61 anos. Eu vim do Rio de Janeiro, cheguei naquele mundo de poeira, só comendo poeira. Eu tinha alergia demais, mas estava feliz de estar aqui.”



Cleusa de Oliveira Menezes Senna, radialista. Chegou a Brasília em 1957.

“Eu vim do estado de Goiás, tenho 69 anos. Nós tínhamos uma rádio comunitária na Cidade Livre. A rádio prestava serviços para quem precisava trabalhar e para as empresas que precisavam contratar trabalhadores. As empresas encostavam os caminhões e em questão de minutos elas já estavam lotadas com todos os trabalhadores.”



Cosete Ramos Gebrin, professora do CASEB. Chegou a Brasília em 1960.

“Em 60, a juventude do Brasil era apaixonada pelo presidente JK, então estava todo mundo ligado no que estava acontecendo em Brasília. Se o pessoal velho era contra Brasília, para os jovens a paixão era Brasília. Então, a gente já veio com o coração pronto para aceitar Brasília.”



Esther Gums Xavier, professora. Chegou a Brasília em 1959.

“A gente tinha muita liberdade e a gente entrava nesses edifícios grandes quando estavam construindo. A gente acompanhou a construção. Eu adorava Brasília, não queria nem voltar mais pra minha terra.”



Georgina Janete Câmara, telefonista. Chegou a Brasília em 1958.

“Estou fazendo 80 anos, e quando foi inaugurar o Palácio da Alvorada, eu vim como telefonista da presidência. Eu trabalhei com todos os presidentes, desde Juscelino até o Lula.”



Gerda Gumprich, do lar. Chegou a Brasília em 1957.

“Nasci na Silecia, província da Alemanha. Meu pai faleceu na guerra, minha mãe fugiu conosco e quando ela morreu, uma tia nos convidou para vir para Friburgo, no Rio de Janeiro, onde eu conheci o meu marido. Ele veio abrir uma agência do Banco do Brasil e em junho, ele foi me buscar. Eu cheguei no Núcleo Bandeirante e eu vi que era verdade. Aquele barraco que servia pra guardar o material pra construção daquele banco provisório seria nossa casa. Isso foi dia 17 de junho de 1957, quando eu botei os pés em terra brasiliense.”



Gláucia Marina do Nascimento, paisagista, filha de Mercedes Parada. Chegou a Brasília em 1957.

“Tenho 64 anos, nasci em Ipameri-Go. Eu lembro de uma passagem aqui do início. Um dia eu dormi. Quando eu acordei, tinha um almoxarifado enorme na nossa frente, já pronto, e na noite anterior não tinha nada. Então, do dia pra noite se faziam coisas em Brasília.”



Golda Pietricovsky de Oliveira, funcionária pública. Chegou a Brasília em 1960.

“Sou de 1º de setembro de 30. Meu marido teve uma proposta de vir pra Brasília dirigir a sucursal do Correio Paulistano. Vim num avião chamado Conver. Nós saímos à tarde, de São Paulo, e chegamos à noite. Não se via Brasília, só umas luzinhas. Brasília, todo lado que eu olhava, era prédio subindo, lacerdinhas voando. Era assim, fantástico, era uma aventura.”



Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho, escritora. Chegou a Brasília em 1959

“Sou carioca, vim para Brasília recém-casada com o meu marido, que era engenheiro com a finalidade de construir Brasília. Fizemos uma viagem memorável, viemos de jipe. Passamos 7 dias dentro de um jipe, porque estradas não existiam. Nós fomos criando a estrada, derrubando árvores. Quando chegamos em Goiânia, as pessoas não acreditavam que a gente tinha vindo do Rio de Janeiro. Nós chegamos em Brasília e éramos três blocos de lama. Eu era um bloco, meu marido era outro e o jipe era outro.”



Harco Ofugi Rodrigues, advogada. Chegou a Brasília em 1959.

“Tenho 64 anos, vim pra Brasília em 59, com 12 anos, de Goiânia. Minha juventude foi muito rica, eu estudei no Ginásio Brasília, fui bandeirante, trabalhei muito na fixação do Núcleo Bandeirante. Nós tínhamos dois cinemas. A diversão era principalmente o cinema, matinê, e encontro com os colegas, amigos. Ia pescar no Lago Paranoá e fazia caminhadas. Estavam construindo a Esplanada dos Ministérios, só tinha os esqueletos, então a gente ia a pé da Cidade Livre até a Esplanada.”



Hilda Ribeiro da Silva, auxiliar de enfermagem. Chegou a Brasília em 1959.

“...eu tinha um irmão aqui, que era soldado da GEB – Guarda Especial de Brasília. Ele achou por bem me trazer para cá, porque era uma cidade nova, iniciando, e eu era jovem, podia fazer algum curso. Tenho muito orgulho de ser nordestina, porque eu ajudei a construir Brasília. Aqui deveria se chamar nordestina.”



Iara Pietricovsky de Oliveira, ativista de direitos humanos e atriz de teatro, filha de Golda Pietricovsky. Chegou a Brasília em 1960.

“A gente brincava muito no cerrado, no lago Paranoá. Usava muito as árvores tortas, era muito especial, porque tinha umas tortas que davam uma forquilha ótima. A gente brincava muito. Brasília tinha muitas cigarras, o que marcava a mudança da chuva para a seca eram as cigarras. Até hoje isso é muito forte aqui. Isso fazia parte do imaginário sonoro, era aquelas cigarras uníssonas cantando, anunciando as chuvas.”



Ione Rodrigues, gerente de casa de encontros. Chegou a Brasília em 1960.

“Eu nasci em Belo Horizonte, em 1920. Já trabalhava no Rio quando recebi a proposta: - Olha, eu vou mandar a passagem pra você e você vai pra minha boate. Se você gostar, você fica. Se você não gostar, eu te dou a passagem e você volta. Eu respondi: mas eu não ando de ônibus não, falei com ela, eu ando só de avião. Ai ela pegou e mandou a passagem em 14 de julho. Agora fazem 50 anos estou aqui.”



Isis de Maria Lopes Guimarães Ferreira, tabeliã. Chegou a Brasília em 1958.

“Tenho 69 anos. A minha família Guimarães contribuiu muito para o crescimento de Brasília. A minha família, pelo lado paterno, era proprietária de muitas terras aqui na região, muitas terras. Paranoá, Sobradinho, Planaltina e por aí vai, e essas terras foram desapropriadas a preço muito baixinho para a consolidação do Distrito Federal.”



Celina Quitéria Zeferino, do lar. Chegou a Brasília em 1960.

“Tenho 76 anos bem vividos. Quando eu cheguei, o divertimento era o baile. A gente se produzia todinha para poder ir pro baile dançar. Era bom demais, porque era tudo muito amigo.”



Josefa Carmelita da Silva França, lavadeira. Chegou a Brasília em 1960.

“Tenho 74 anos. Vim de Currais Novos, Rio Grande do Norte. Eu vim com meu marido e dois filhos e grávida. Vim de pau de arara, com dois filhos e grávida de sete meses. O menino veio no colo, ali espremidinho. Foi duro, minha irmã. Passamos 10 dias no caminho com chuva. A gente ia sentado juntinho nos estrados de madeira, até completar aquele caminhão de gente. O joelho encostando nas costas do outro. A alimentação, a gente colocava num saco e colocava num canto, ou atrás, ou na frente, ou do lado.”



Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa, médica. Chegou a Brasília em 1959.

“Nasci no Rio Grande do Sul, em Santa Vitória do Palmar. Nós ficamos aqui porque nós acreditávamos no plano médico hospitalar de Brasília, que era perfeito, era o ideal para o atendimento de pacientes e para o médico. Mas no início tudo era precário. Nós chegamos e não tinha ainda apartamento para os médicos e o hospital era de madeira. Mas era o que tinha aqui, o IAPI era o que atendia os empregados das obras naquela época.”



Ladir Carlos de Alarcão, enfermeira. Chegou a Brasília em 1960.

“Eu fui morar na fazenda do Torto com o meu marido. Eu tinha uma filha, e lá tinha uma escolinha. Eu era professora primária e lá também apareciam muitas pessoas que precisavam de injeção. Também me chamavam pra fazer partos nas fazendas ali perto do Torto. Eu ia a cavalo ou a pé.”



Leocádia Paradela Cardoso, professora. Chegou a Brasília em 1958.

“Completei 91 anos. Sou professora e vim do Rio de Janeiro. Em 1958 o povo falava de Brasília as piores coisas, mas se tivesse tanta maldade, o Presidente da República não ia levar as pessoas amigas dele para conhecer a nova capital.”



Lia Sayão de Sá, funcionária pública aposentada. Chegou a Brasília em 1956.

“Solteira, sou Sayão, filha de Bernardo Sayão. Eu cheguei em Brasília aos 13 anos de idade, com meu pai. Nós fomos a primeira família de engenheiros a chegar em Brasília. Morávamos no acampamento e depois numa casa projetada pelo Niemeyer.”



Lilian Portugal Magnavita, professora de teatro. Chegou a Brasília em 1960.

“Tenho 89 anos, nasci na Bahia, uma terra muito querida. Gosto muito da minha terra, mas hoje me considero brasiliense. Fui convidada pelo Ministério da Educação, no governo de Juscelino Kubitschek. Cheguei aqui no dia 16 de abril de 1960, antes da inauguração, e aqui estou até hoje, ajudando.”



Luiza Ferreira de Souza. Chegou a Brasília em 1959.

“Nasci no dia 12 de setembro de 1930. Eu sou maranhense, de Caxias do Maranhão. Meu marido tava aqui há mais de ano e eu não perguntei pra ele se ele queria que eu viesse. Arranjei uma senhora pra tomar conta dos filhos e deixei os meninos lá. Peguei um avião em São Luiz e cheguei em Anápolis 5h da tarde. Aí peguei um ônibus e vim aqui pro Núcleo Bandeirante.”



Maria Aparecida Leite, auxiliar de enfermagem. Chegou a Brasília em 1958.

“Nasci em 19 de junho de 1927. Brasília é uma cidade boa pra gente envelhecer, como eu envelheci, já estou com 85 anos.”



Maria Coeli de Almeida Vasconcelos, professora e cineasta. Chegou a Brasília em 1960.

“Ninguém acreditava em Brasília. As revistas da França falavam dos projetos de Niemeyer, do Lucio Costa, mas dentro do Rio de Janeiro havia uma campanha muito grande contra Brasília e ninguém imaginava que pudesse surgir uma cidade em tão pouco tempo. O mais impressionante em Brasília foi a rapidez com que foi feita. Três anos é muito pouco para se construir uma cidade.”



Maria das Neves Costa Morici, professora. Chegou a Brasília em 1957.

“Nasci no dia 26 de julho de 1920. Vou completar 90 anos. Naquele ano, mulher só podia ser dona de casa ou professora. A lei não permitia que mulher fosse advogada ou outra profissão qualquer. Então, naquele ano que eu fui estudar, o que foi permitido escolher, fazer o ginásio ou normal. Mas como era muito recente a novidade, eu optei pelo normal. Então completei os 5 anos de normalista em Araguari, Minas, colégio Sagrado Coração de Jesus.”



Márcia de Souza Almeida, do lar. Chegou a Brasília em 1957.

“Cheguei oficialmente para a inauguração de Brasília. Vim acompanhando o meu esposo, que era deputado federal, companheiro de Juscelino e um apaixonado mudancista, porque naquela época havia muito rejeição da mudança da capital do Rio de Janeiro pra Brasília. Fiz parte dos comitês femininos pra campanha JK, em Belo Horizonte.”



Maria Inês Fontenele Mourão, professora. Chegou a Brasília em 1960.

“Estou com 72 anos. Cheguei aqui em 1960, recém casada e concursada, para ser professora. Brasília era muito falada no Nordeste e as pessoas vinham pra cá pra ajudar na construção de Brasília. Eram caminhões que vinham lá do Nordeste com pessoas pra trabalharem na construção de Brasília.”



Maria Katuko Haga Torres, auxiliar de enfermagem. Chegou a Brasília em 1958

Eu já moro aqui em Brasília desde 58, há 51 anos. Em Brasília, as pessoas, era tudo fantástico, nordestino, bahiano, gaúcho, mineiro, a gente era uma grande família, muita amizade, muito aconchegante.



Maria Marta Cintra, professora. Chegou a Brasília em 1960.

“Vim de Pernambuco, duma cidade do agreste meridional de São Bento do Una. Fica a 250 km de Recife. Fica entre Caruaru e Garanhuns. Quem fez a revolução foi a mulher. A mulher, na década de 60, fez a grande revolução desse país. E tá aí fazendo. Acho que a mulher tá com tudo e já na época mostrou.”



Maria Maura Figueiredo, pedagoga. Chegou a Brasília em 1960.

“Estou completando 60 anos. Nós viemos de Minas Gerais. Em Brasília tudo parecia uma orquestra, sabe? Parecia que todo mundo tocava muito bem e alguém comandava, e esse maestro era o Juscelino. As pessoas eram felizes, apesar das dificuldades, era uma solidariedade muito grande.”



Maria Vicentina de Cássia, Maria do Chapéu, comerciante. Chegou a Brasília em 1960.

“Meu marido me falou: ‘Olha, Maria, eu vou trazer você pra cá, só que você vai estranhar, eu já vou avisar como é a vida aqui a Brasília. Não tem casa de alvenaria, aqui você vai morar num barraco de tábuas, e é muito movimento de homem, poucas mulheres. Você fica sabendo tudo para quando chegar aqui você não ficar pensando que quer voltar.’ Quando cheguei, gostei muito e estou aqui até hoje.”



Mercedes Ribas Parada, calculista e desenhista de mapas. Chegou a Brasília em 1956.

“Eu nasci em 28 de setembro de 1924. Eu sabia que ia mudar a capital. Meu pai gostava muito de me contar as coisas, que eu fui filha única. Nos éramos pobres, mais meu pai era muito cuidadoso. Moramos numa das três primeiras casas da Candangolândia: a nossa, a do doutor Sayão e a do doutor Bessa. Vim para fazer as demarcações das terras para a nova capital junto com o meu marido. Trabalhava dia e noite.”



Neusa Pinho França Almeida, professora de música. Chegou a Brasília em 1960.

“Fui uma das primeiras professoras de música em Brasília. Eu dava aula no CASEB, dois turnos, 40 horas por semana, de 8 às 12h. 13h45, eu saía pro outro turno da tarde. Sábado, os alunos queriam aula de piano, então eu só tinha o domingo pra descansar. Minha vida correu assim, muito trabalho.”



Orbella Lobo, professora. Chegou a Brasília em 1957.

“A gente ficava num barracão de madeira, o alojamento dos professores, na Candangolândia. A gente pegava muita carona, porque ninguém tinha carro, não tinha ônibus. Todo mundo que passava dava carona, sem segundas intenções, era de jipe, de caminhão. E o pessoal muito alegre, muito amigo. Toda a gente entusiasmada com Brasília.”



Palmerinda Donato, escritora. Chegou a Brasília em 1957.

“Eu nasci em Anta, uma pequena cidade no município de Sapucaia no estado do rio de janeiro, antes de falar como eu conheci Brasília vou falar como eu conheci Dona Sarah, eu tinha 24 anos era recém formada e recém casada, e em 1955 no início do ano eu fui a um salão de beleza, cortar o cabelo, fazer as unhas e chegando lá a gente só conversava sobre política, porque estava começando a sair a campanha do presidente Juscelino Kubitschek.”



Salan Kozac, comerciante. Chegou a Brasília em 1957.

“Tenho 82 anos. Vim da Síria. Eu fui conhecer Brasília na primeira missa, depois andamos em Brasília. Tinha muita terra, muito tijolo. Eu me encantei, eu sou aventureira. Saí da minha terra com 19 anos para casar com um jovem igual a mim.”



Sônia Vasconcelos, empregada da Caixa Econômica. Chegou a Brasília em 1960.

“Estou em Brasília desde 60 e vim de férias duas vezes, em 58 e 59. Sou de Minas Gerais. Fiquei sabendo de Brasília quando JK se candidatou a Presidente. Ele foi lá na minha terra, em Leopoldina, para fazer campanha e eu tive a honra e o prazer, a alegria imensa de dançar com ele.”



Wanda Clementina Dias Corso, professora e líder comunitária. Chegou a Brasília em 1957.

“Tenho 84 anos, vim de Belo Horizonte pra Brasília. O cerrado era maravilhoso, flores de toda espécie, parecia uns lençóis de flores amarelas, brancas, era lindo. Tinha a tal de canela de ema, um espetáculo, parece orquídea, animais também eram muito bonitos, siriema, ema, veado. Aí passei no concurso.”



Take Iabushita Ofugi (D. Florinda), agricultora. Chegou a Brasília em 1959

“Tenho 92 anos, eu vim de Goiânia. Meu marido veio com o Juscelino e foi o fundador da colônia japonesa. Eu vim depois de dois anos. Era tudo pagão os meus filhos, não era batizados. Aí o padre falou que precisa batizar para fazer exames e poder entrar na escola. Cada um arranjou uma madrinha e o Padre Roque batizou todos os meus filhos. Naquela época, mulher obedecia marido.”



Therezinha de Jesus Soares Rodrigues, professora do CASEB. Chegou a Brasília em 1960.

“Naquela época, ser mulher era uma coisa muito difícil, lembrando que nós estamos no final da década de 50 para 60, que é quando começou a emancipação da mulher. Então, optar para vir para Brasília sozinha foi algo muito arrojado. Sair da casa dos meus pais não foi fácil.”



Walnizia Alves dos Santos, escritora. Chegou a Brasília em 1957.

“Eu sou goiana e cheguei em Brasília aos dez anos de idade. Minha mãe começou a costurar e as primeiras freguesas eram as senhoras de funcionários que tinham vindo para Brasília. Então, eu aprendi a costurar com 11 anos. A iluminação eram lamparinas e então eu aprendi também como abastecer lamparinas. Eu ficava acompanhando minha mãe e trabalhava até onze, meia noite.”



Zeni Moreira, funcionária da NOVACAP. Chegou a Brasília em 1959.

“O avião que vinha de Goiânia me pegou em Macapá e eu vim. Quando chegou aqui em Brasília ele sobrevoou Brasília e falou: ‘Olha, aqui será a futura capital do Brasil’, aí eu olhei assim e só tinha aquela terra velha, o esqueleto dos ministérios. Eu falei: é aqui que eu fico.”

As Homenageadas



Guiomar de Arruda Camara - Membro da Comissão Poli Coelho - 1946



Fumiko Kannegae - Agricultora - Membro das Primeiras famílias japonesas convidadas pelo Presidente JK para a implantação do cinturão verde da nova capital.



Tia Neiva - Líder espiritual do Vale do Amanhecer.



Irmã Olga - Chegou em 1957 - Moradora da Vila Operária - Candangolândia - membro da Congregação Religiosa Católica que trabalhou na fundação das Pioneiras Sociais.



Tania Maria Fontenele Mourão

Doutoranda e Mestre em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de Brasília. Economista e pós-graduada em Administração. Realizou pesquisas sobre Poder e Liderança de Mulheres no Civil Service College - Ascot/ Londres (2002). Fundadora do Instituto de Pesquisa Aplicada da Mulher, filiada a *IAFFE - International Association For Feminist Economics*. Tem experiência profissional em programas de capacitação gerencial no setor público. Desenvolve projetos em estudos de Gênero, Papéis e Estruturas Sociais; atuando principalmente nos seguintes temas: motivação e desenvolvimento profissional de equipes, mulheres e mercado de trabalho, gerenciamento público, relações de gênero e trabalho, representação social do gerenciamento feminino, poder e liderança de mulheres nas organizações. Autora do livro **Mulheres no topo de carreira – Flexibilidade e Persistência** pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e organizadora do livro **Trabalho de mulher: mitos, ritos e transformações** pela LTR-SP. Realizadora do filme documentário **A Corrida das 5.300 Mulheres - Brasília - 1985**

Nasceu e foi criada em Brasília. Teve o privilégio de estudar em escolas públicas de qualidade criadas por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Aprecia a beleza do cerrado, sendo os ipês amarelos seus preferidos. Nadar nas águas geladas das cachoeiras e admirar a imensidão do céu azul do Planalto Central e a arquitetura moderna de Brasília são os passatempos prediletos.

taniafontenele@gmail.com

AS AUTORAS



Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira

Economista (AEUDF, 1986), pós-graduada em Marketing (FGV, 2001) e em Gestão Empresarial (Michelangelo, 2004). Trabalha na Caixa Econômica Federal como Consultora de Marketing e Comunicação. Atualmente cursa Artes Cênicas, na UnB, onde está experimentando o viés do teatro que, junto com o cinema e com a literatura, são suas grandes paixões. Candanga, aquariana, mãe da Ana Clara e da Mariana. Brasília, cidade de todos os sotaques, com seu céu azul infinito, alaranjado na seca de agosto, é a sua referência de cultura e de lugar.

moni.kpt@uol.com.br

AGRADECIMENTOS

O patrocínio da Petrobrás foi fundamental para a realização desse projeto. Agradecemos, especialmente, ao Diretor da Gerência de Atendimento e Articulação Regional Norte, Centro-Oeste e Minas Gerais, José Samuel Magalhães e ao Bruno Brunherot da Comunicação Institucional que se mostraram sempre interessados no andamento do projeto e prestaram todo apoio necessário à sua viabilização.

Agradecemos a todas as mulheres e suas famílias pela colaboração e grande disposição em participar desse trabalho:

Alice Andrade Maciel
Ione Rodrigues
Maria Inês Fontenele Mourão
Braulina Mendes de Carvalho
Isis de Maria Lopes Guimarães Ferreira
Maria Katuko Haga Torres
Cacilda Rosa Bertoni
Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa
Maria Marta Cintra
Carmela Nin de Escuder
Hilda Ribeiro da Silva
Maria Maura Figueiredo
Celina Quitéria Zeferino
Jandira Carlos de França
Maria Vicentina de Cássia, Maria do Chapéu
Cleusa de Oliveira Menezes Senna
Josefa Carmelita da Silva França
Mercedes Ribas Parada
Cosete Ramos Gebrin
Ladir Carlos de Alarcão
Neusa Pinho França Almeida
Esther Gums Xavier
Leocádia Paradela Cardoso
Orbella de Souza Lobo
Georgina Janete Câmara
Lia Sayão de Sá de Sá
Palmerinda Donato
Gerda Gumprich

Lilian Portugal Magnavita
Salan Kozac
Gláucia Marina do Nascimento
Luiza Ferreira de Souza
Sônia Vasconcelos
Golda Pietricovsky de Oliveira
Márcia de Souza Almeida
Take Yabushita Ofugi (D. Florinda)
Harco Ofugi Rodrigues
Maria Aparecida Leite
Therezinha de Jesus Soares Rodrigues
Helena Maria Viveiros de Sousa Carvalho
Maria Coeli de Almeida Vasconcelos
Wanda Clementina Dias Corso
Iara Pietricovsky de Oliveira
Maria das Neves Costa Morici
Walnizia Alves dos Santos
Zeni Moreira

Agradecemos a equipe da produtora Caminho do Meio Criações que acompanhou e muito contribuiu, desde o início, nas discussões para a montagem do projeto e na realização do vídeo com a supervisão da cineasta Tânia Quaresma, estimada parceira que muito nos ensinou sobre o sentido de articular o trabalho e manter a postura “zen”; Geralda Magela, que competentemente produziu o vídeo; Fabrício di Carvalho, pela dedicação e boa companhia na montagem e captação das imagens; Serginho, nosso transportador de todas as coisas.

Agradecemos à Deputada Érika Kokai, PT DF, por acreditar no projeto desde o início.

Ao Ely Borges pela sua tranquilidade e competência na elaboração da capa e montagem do livro.

Agradecemos ao Buffet Cristina Roberto por tornar mais saborosos nossos encontros durante as filmagens na casa da Tânia Fontenele.

Agradecemos ao Arquivo Público do Distrito Federal pela presteza no atendimento às pesquisas e apoio ao projeto.

Agradecemos a Nanah Sanches Vieira pelas sugestões no início da construção do projeto. Seu texto “A invisibilidade

da mulher candanga na história da construção de Brasília – Trabalho de pesquisa/ Dept. Sociologia/ UnB 2008”, foi uma valiosa fonte de pesquisa.

Ao pai da Mônica, Gaspar de Oliveira, pioneiro desde 1957, cuja memória prodigiosa ajudou-nos na localização das mulheres e no esclarecimento de dúvidas sobre a vida em Brasília nos primeiros anos.

A emoção e a satisfação de ter participado da saga da construção de Brasília me foi transmitida pelos meus pais pioneiros, que aqui chegaram em 1958: Antônio de Lisboa Mourão e Maria Inês Fontenele Mourão. O exemplo deles me serviu de inspiração para a elaboração desse projeto. Agradeço por ter nascido em Brasília e ter tido a oportunidade de crescer com a cidade, brincando nos buracos das construções, colhendo cajuzinhos depois das primeiras chuvas pós seca ou simplesmente indo para a beira do lago apreciar o pôr do sol. Tive o privilégio de estudar em escolas públicas de qualidade onde os ideais de liberdade, criatividade e justiça social eram estimulados e colocados na prática. A convivência com esse o “caldeirão de raças” que se formou em Brasília e a experiência de viver numa “cidade maquete” rodeada de jardins projetados por Burle Marx, pássaros e a amplitude do céu do Planalto Central certamente me encantam. Meu pai sempre dizia que aqui estariam os escolhidos e que eles honrariam o sonho de fazer nascer aqui uma civilização próspera e inovadora.

Viva todas as pessoas que acreditam em Brasília!

Tânia Fontenele Mourão
Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira

Impressão e acabamento Athalaia Gráfica e Editora
Editorado em novembro de 2010
Formato 24 x 24 cm
Tipografia miolo Minion Pro
Tipografia da capa Tahoma
Papel miolo Off-Set 120g/m²
Papel capa Cartão 250g/m²

POEIRA & BATOM

NO PLANALTO CENTRAL

50 mulheres na construção de Brasília
Direção: Tânia Fontenele Mourão e Tânia Quaresma



PETROBRAS



DVD
VIDEO

POEIRA & BATOM

NO PLANALTO CENTRAL

50 mulheres na construção de Brasília

História recuperada, contada pelas mulheres com os seus impressionantes depoimentos, repletos de sentimentos, anseios e inquietações vividos nos primórdios de Brasília.

São mulheres das mais diferentes profissões e classes sociais que aqui chegaram entre 1956 e 1960.

Pela perspectiva do olhar feminino apresenta-se um enfoque inovador da saga da construção de Brasília



PETROBRAS

